

PARA UMA NOVA DINÂMICA DA FRENTE RIBEIRINHA DE LISBOA

PROJETO DE REABILITAÇÃO DAS
TERCENAS DO BAIRRO DE SANTOS

Gabriela Carvalho Andrade

Licenciada em Estudos Arquitetónicos

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de
Mestre em Arquitetura (Mestrado Integrado em Arquitetura)

Orientação Científica:

Professora Doutora Maria Soledade Gomez Paiva de Sousa

Professora Doutora Maria Leonor Morgado Ferrão de Oliveira

Júri:

Presidente:

Doutor Hugo José Abranches Teixeira Lopes Farias

Vogal:

Doutora Bárbara Lhansol da Costa Massapina Vaz

Lisboa, Dezembro, 2018

Título

Para uma nova dinâmica da Frente Ribeirinha de Lisboa

Subtítulo

Projeto de Reabilitação das Tercenas do Bairro de Santos

Nome

Gabriela Carvalho Andrade

Orientação Científica

Professora Doutora Maria Soledade Gomez Paiva de Sousa

Professora Doutora Maria Leonor Morgado Ferrão de Oliveira

Júri:

Presidente:

Doutor Hugo José Abranches Teixeira Lopes Farias

Vogal:

Doutora Bárbara Lhansol da Costa Massapina Vaz

Mestrado Integrado em Arquitetura
Lisboa, Dezembro 2018

PARA UMA NOVA DINÂMICA DA FRENTE RIBEIRINHA DE LISBOA

PROJETO DE REABILITAÇÃO DAS
TERCENAS DO BAIRRO DE SANTOS

*Aos meus avós Nadir e Alberto
Carvalho. Minhas origens e maiores
inspirações de arte e humanidade.*

AGRADECIMENTOS

Possivelmente não conseguirei descrever o quanto me sinto grata pela conclusão deste trabalho. É o resultado de um longo e por vezes, difícil, percurso académico que foi incentivado pelo apoio de vários amigos e familiares.

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha orientação científica. À professora Soledade Sousa, por toda a sua atenção e dedicação durante o processo. Os seus ensinamentos fizeram-me sempre procurar o melhor, levantando as dúvidas certas e acalmando-me quando foi preciso.

À professora Leonor Ferrão, pela sensibilidade durante nossas conversas, pela constante partilha de conhecimento e pelas lições de Arquitetura que adquiri ao longo deste trabalho.

Aos meus amigos Clara Duarte, João Loff e Joana Fernandes, que nunca me deixaram sozinha nesse percurso. Vocês são especiais para mim e estiveram comigo nos momentos mais difíceis pelo que serei sempre grata pela nossa amizade.

Ao meu parceiro e amigo Diogo Adro, pela generosidade e cuidado. Muito obrigada pela sua paciência infinita e pelo seu apoio sempre que precisei.

Aos meus Tios Josafá e Dilma de Oliveira, pela atenção e apoio durante esse percurso. A vossa ajuda foi muito importante e serei sempre muito grata.

Por fim, os meus maiores agradecimentos à minha família, que mesmo distantes, sempre acreditaram em mim.

Aos meus irmãos, Daniel Andrade, Renata Carvalho e Solange Vieira, por me conhecerem tão bem e sempre confiarem nas minhas decisões. Vocês estão longe, porém sem a vossa presença, eu não poderia seguir esse percurso.

Aos meus pais Dilson Andrade e Ana Miriam Carvalho. A vossa bondade e sabedoria levaram-me por caminhos que eu não julgava capaz de percorrer. Eu nunca serei capaz de retribuir ou agradecer toda a dedicação que me foi generosamente oferecida.

RESUMO

Lisboa é uma cidade cuja história e desenvolvimento estão profundamente associados à sua topografia acidentada e à sua frente ribeirinha. A sua linha de costa passou por sucessivas configurações espaciais desde as primeiras ocupações no território até os dias atuais.

Os aterros que vieram a alterar sucessivamente a morfologia entre os limites da cidade e o rio Tejo geraram uma nova faixa urbanizável, onde persistem preexistências retidas num novo contexto. É dentro desse território particular que se insere o objeto deste estudo.

As Tercenas do Marquês, situadas no bairro de Santos, são um fragmento de quando as embarcações e galés acercavam-se à zona ribeirinha de Lisboa, numa relação muito estreita.

Esta zona da cidade passou por diversas modificações no seu território, desde as primeiras referências que se tem conhecimento, até atualmente, quando o tecido urbano se mostra densamente consolidado.

A problemática deste trabalho reside na falta de adequação do conjunto das Tercenas do Marquês ao novo contexto urbano. Tal situação foi verificada pela primeira fase metodológica dessa investigação, que consistiu em rever a literatura histórica e cartográfica do bairro de Santos.

Na segunda fase da investigação foi elaborada a proposta de requalificação, que consiste numa combinação entre duas vertentes de intervenção: reabilitação do conjunto das Tercenas do Marquês e um novo edifício na sua envolvente mais imediata.

Ambos configuram uma unidade fomentadora do trabalho e da produção criativa, com espaços oficiais e *ateliers*. O complexo procura estabelecer uma nova fonte dinamizadora da frente ribeirinha de Santos, constituindo um motivo para percorrer o que correspondia à antiga orla ribeirinha de Lisboa.

Palavras-Chave

Reabilitação Arquitetónica

Revitalização Urbana

Ribeira de Lisboa

Santos e o Rio Tejo

Tercenas do Marquês

ABSTRACT

Lisbon is a city whose history and development are deeply associated with its rugged topography and its riverside front. Its coastline has undergone successive spatial configurations from the earliest occupations in the territory to the present day.

The waterfront landfills have successively changed the morphology between the boundaries of the city and the Tagus River hence continuously generating a new urbanized area where previous constructions remain retained in a new urban context. It is within this particular territory that the object of this study is inserted.

The Tercenas do Marquês, located in the district of Santos, are a fragment of the time when ships approached Lisbon's riverside, in a very close relation. This area of the city has experienced several modifications in its territory, from the first references that are known, until today, when the urban fabric is shown densely consolidated.

The problem of this work lies within the lack of adaptation of the Tercenas do Marquês in the new urban context. This situation was documented in the first methodological phase of this work, which consisted in analysing Santo's historical and cartographic bibliography.

In the second phase of this work, the proposal for requalification was developed, which consists of a combination of two intervention sorts: the rehabilitation of the Tercenas do Marquês and a new building in its immediate surroundings.

Both establishes a single unit that benefits work and creative production. The building complex seeks to create a new source of liveliness in the riverside front of Santos, revisiting at the same time, what corresponded to the old riverside of Lisbon.

Keywords

Architectural Rehabilitation

Urban Revitalization

Lisbon Riverside

Santos and Tagus River

Tercenas do Marques

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	VI
RESUMO	VIII
PALAVRAS-CHAVE	IX
<i>ABSTRACT</i>	X
<i>KEYWORDS</i>	XI
ÍNDICE DE FIGURAS	XIV
1.INTRODUÇÃO	1
2.ENQUADRAMENTO TEÓRICO	5
3. ANÁLISE E CONTEXTO HISTÓRICO	11
3.1. O TERRITÓRIO DE LISBOA E O RIO TEJO	11
3.2. SANTOS-O-VELHO	17
3.3. O CONJUNTO DAS TERCENAS DE SANTOS	21
4. INTRODUÇÃO À PROPOSTA	25
4.1. O TEMA	26
4.2. A DINÂMICA DO USO E DO TEMPO	28
4.3. O PROGRAMA	29
4.4. PROBLEMAS E OPORTUNIDADES	30
4.5. CASOS DE REFERÊNCIA	32
4.6. REFERÊNCIAS E REFLEXÕES DE PROJETO	34
5. PROPOSTA	45
5.1. CONTEXTUALIZAÇÃO E PLANO GERAL	45
5.1.1. A REABILITAÇÃO DAS TERCENAS	47
5.1.2. O EDIFÍCIO DAS ARTES	51
5.2. A MATÉRIA	59
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63
8. BIBLIOGRAFIA	65
9. ANEXOS	71

ÍNDICE DE FIGURAS

Fig. 1. Planta de Lisboa. Pormenor da praia de Santos. Filipe Folque, 1857 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa	9
Fig. 2. Carta topográfica de Lisboa: Planta N° 10. Fonte: SILVA, A. Vieira da. Plantas topográficas de Lisboa. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1950, p. 81.	9
Fig. 3. Traçado das muralhas de Lisboa. Enrique Casanova, 1892 Fonte: http://purl.pt/1524	12
Fig. 4. Carta topográfica de Lisboa: Planta N° 2. Eugénio dos Santos e Carlos Mardel, 1758 Fonte: SILVA, A. Vieira da. Plantas topográficas de Lisboa. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1950, p. 60	13
Fig. 5. Fotografia: Obras do Porto de Lisboa, Aterro da Boavista. Autor e data desconhecidos. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa	14
Fig. 6. Fotografia: Varinas e embarcações no Boavista. Autor desconhecido, Século XX. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa	14
Fig. 7. Planta de evolução das linhas de costa de Lisboa. Análise da autora.	15
Fig. 8. Fotografia: Ribeira de Alcântara e Santos. Autor desconhecido, 1863. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa	18
Fig. 9. Fotografia: Maqueta da cidade de Lisboa pré-terramoto. Museu da Cidade. Fotografia da autora	19
Fig. 11. Fotografia: Panorâmica de Santos. Judah Benoliel, século XX. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa	20
Fig. 10. Gravura em madeira com desenho da Igreja de Santos. Barbosa Lima e Pedroso, data desconhecida. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa	20
Fig. 12. Fotografia: Edifício das Tercenas na Av. 24 de Julho. Fotografia da autora	22
Fig. 13. Planta de indicação das vias que abrangem a zona de intervenção. Desenho da autora	23
Fig. 14. Fotografia: Arco de ligação entre dois edifícios das Tercenas na Travessa de José António Pereira. Fotografia da autora	24
Fig. 15. Fotografia: Inscrição em pedra. Fotografia da autora	24
Fig. 16. Fotografia: Um dos edifícios visto do Beco da Galheta. Fotografia da autora	24

Fig. 17. Fotografia: Travessa de José António Pereira Fotografia da autora	24
Fig. 18. Fotografia: Beco da Galheta. Vaco Gouveia de Figueiredo, 1970 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa	31
Fig. 19. Fotografia: Espaço entre as duas fachadas. Fotografia da autora	31
Fig.20. Fotografia: Reconversão do Convento de Sant Francesc. Jordi Surroca, 2012. Disponível em: http://jordisurroca.com/www/es_projectes.html	35
Fig.21. Fotografia: Interior do Convento de Sant Francesc. Jordi Surroca, 2012. Disponível em: http://jordisurroca.com/www/es_projectes.html	35
Fig.22. Nave central da Igreja de Sant Francesc em Ruína. David Closes, 2003. Disponível em: https://davidcloses.wordpress.com/2012/05/18/convent-de-sant-francesc-2/	36
Fig.23. Fotografia: Nave central depois da reconversão. Jordi Surroca, 2012. Disponível em: http://jordisurroca.com/www/es_projectes.html	36
Fig.24. Caixa Fórum Madrid. Simon Garcia, 2008. Disponível em: https://simon-garcia-arqfoto.divisare.pro/projects/370386-caixa-forum-madrid	37
Fig.25. Fotografia: Central Elétrica del Mediodía antes da intervenção. Autor desconhecido. Disponível em: https://circarq.wordpress.com/2013/10/21/la-antigua-central-electrica-del-mediodia/38	38
Fig.26. Fotografia durante as obras da Caixa Forum Madrid. Autor desconhecido Disponível em: https://circarq.wordpress.com/2013/10/21/la-antigua-central-electrica-del-mediodia/	38
Fig.27. Fotografia: Caixa Fórum, fachada sul. Simon Garcia, 2008. Disponível em: https://simon-garcia-arqfoto.divisare.pro/projects/370386-caixa-forum-madrid	38
Fig.28. Fotografia: Kolumba Museum. Rasmus Hjortshøj, 2017. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/877403/museu-kolumba-de-peter-zumthor-pelas-lentes-de-rasmus-hjortshoj	39
Fig.29. Fotografia: Kolumba Museum, materiais. Rasmus Hjortshøj, 2017. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/877403/museu-kolumba-de-peter-zumthor-pelas-lentes-de-rasmus-hjortshoj	39
Fig.30. Fotografia: Teatro Thalia. DMF, 2016. https://www.archdaily.com.br/br/photographer/dmf	39
Fig.31. Fotografia: Teatro Thalia. Interior, ruína aparente. DMF, 2016. https://www.archdaily.com.br/br/photographer/dmf	39

Fig.32. Fotografia: Pousada Santa Maria do Bouro. Luis Ferreira Alves, 2015. https://luis-ferreira-alves.divisare.pro/projects/287595-santa-maria-do-bouro-convent	39
Fig.33. Fotografia: Pousada Santa Maria do Bouro. Luis Ferreira Alves, 2015. https://luis-ferreira-alves.divisare.pro/projects/287595-santa-maria-do-bouro-convent	39
Fig.34. Cartão Postal do ano de 1911. Autor desconhecido. Disponível em: https://www.theatre-architecture.eu/en/db/?theatreId=246	40
Fig.35. Teatro SNG Drama. Bevk e Perovic Arhitekti, 2017 Disponível em: http://bevkperovic.com	40
Fig.36. Teatro SNG Drama. Bevk e Perovic Arhitekti, 2017 Disponível em: http://bevkperovic.com	40
Fig.37. Fotografia: Edifício sede GS1 Portugal. Fernando Guerra, 2016. Disponível em: http://vhils.com/news/vhils-designs-facade-for-new-gs1-portugal-headquarters/	41
Fig.38. Fotografia: Edifício sede GS1 Portugal. Fernando Guerra, 2016. Disponível em: http://vhils.com/news/vhils-designs-facade-for-new-gs1-portugal-headquarters/	41
Fig.39. Fotografia: Museu ABC, Cave. Jesús Granada e ManoloYllera,2011. Disponível em: https://www.archdaily.com/146168/abc-museum-illustration-and-design-center-aranguren-gallegos-architects	43
Fig.40. Fotografia: Museu ABC, Pátio. Jesús Granada e ManoloYllera,2011. Disponível em: https://www.archdaily.com/146168/abc-museum-illustration-and-design-center-aranguren-gallegos-architects	43
Fig.41. Fotografia: Museu ABC. Jesús Granada e ManoloYllera,2011. Disponível em: https://www.archdaily.com/146168/abc-museum-illustration-and-design-center-aranguren-gallegos-architects	43
Fig. 42. Planta de demarcação das áreas de intervenção. Desenho da autora	45
Fig. 43. Planta esquemática da intervenção geral. Delimitação de um novo interior de quarteirão através das duas intervenções. Desenho da autora.	46
Fig. 44. Planta piso 0 das Tercenas. É de referir a divisão interior dos espaços de atelier. Desenho da autora.	47
Fig. 45. Fotografia: Interior do 3º piso de uma das tercenas. Fotografia da autora.	48
Fig. 46. Fotografia: Circulação entre as Tercenas. Travessa de José António Pereira. Fotografia da autora.	48
Fig. 47. Fotografia: Circulação entre as Tercenas. Beco da Galheta. Fotografia da autora.	48
Fig. 48. Fotografia da maquete 1.500. Fotografia da autora.	49
Fig. 49. Esquícios de desenvolvimento. Desenho da autora	50
Fig. 50. Esquema funcional. Desenho da autora.	51

Fig. 51. Piso 0. Desenho da autora.	52
Fig. 52. Piso 0. Aproximação da zona do Mezanino. Desenho da autora.	53
Fig. 53. Piso 0. Aproximação da zona da arquibancada exterior. Desenho da autora.	53
Fig. 54. Piso -1. Garagem e Oficinas. Desenho da autora.	54
Fig. 55. Piso 1. Desenho da autora.	55
Fig. 56. Piso 2. Desenho da autora.	56
Fig. 57. Piso 3. Desenho da autora.	57

1.INTRODUÇÃO

As cidades com estreita relação com a água desenvolvem uma ocupação muito particular com a sua frente ribeirinha, proporcionando o desempenho de atividades económicas de elevado interesse.

Ao longo do tempo, estas zonas são modificadas consoante as necessidades, com aterros, demolições e acrescentos territoriais. As novas frentes ribeirinhas geram descontinuidade no tecido urbano e dão origem a zonas devolutas. Estas transformações são reflexo do crescimento da cidade e da falta de adequação às preexistências, que estavam condicionadas a uma realidade anterior.

Em contrapartida, também por consequência do desenvolvimento urbano, as alterações das zonas ribeirinhas podem trazer novos pontos de atração para a cidade, tirando partido desta proximidade com a água. Não se trata de uma coincidência pois, desde as primeiras ocupações do território, até ao presente, as zonas ribeiras são foco de uma grande movimentação social.

Lisboa nasceu a partir da Colina do Castelo, condicionada à topografia. A sua ocupação desceu o vale em direção e às margens do rio Tejo¹. Desde então, o seu crescimento enquanto cidade foi, e ainda é, resultado da sua relação com a água.

O relevo ribeirinho era marcado por um certo número de pequenas linhas de água, que desaguavam em enseadas imperfeitas, por onde penetrava a maré em curtas distâncias².

A ribeira de Lisboa vivenciou momentos importantes na história da cidade, cujas transformações foram refletidas na sua linha de costa³. É relevante citar dois momentos da história em que a frente ribeirinha foi modificada significativamente, como o caso do assoreamento do vale da Baixa no século XVI⁴ até o aterro da Boavista no século XIX⁵. Hoje em dia, a sua configuração é

1 COSTA, A. Celestino. 1962.

2 GASPAR, Jorge. 1985, p.14.

3 MOITA, Irisalva. 1994, p14.

4 LISBOA E RIO Paradigmas de Cidades Atlânticas, p 55

5 ALVES E INFANTE, Maria Paula e Sérgio. 1992.

resultado desta sucessão de alterações.

Atualmente, há uma vontade de repensar a relação do rio com a cidade, pelo que nos últimos anos diversos projetos evidenciam este novo momento que a frente ribeirinha de Lisboa está a passar. É relevante mencionar a requalificação urbana do Cais do Sodré, da Ribeira das Naus e os mais recentes projetos para o Campo das Cebolas e o novo Terminal de Cruzeiros.

Pela sua extensão, é um objeto de estudo complexo, no qual neste trabalho iremos focar a nossa pesquisa na zona ribeirinha de Santos-o-Velho.

Santos-o-Velho possui referências históricas remotas, que vão desde a lenda dos Santos Mártires⁶, passando pelos Descobrimentos e seguiu com os avanços e mudanças territoriais que levaram até a configuração conhecida atualmente.

Este é um recorte representativo da história da cidade. É nesse contexto que se encontram as Tercenas de Santos, cuja origem exata não é precisa, porém é possível concluir que esse conjunto faz parte da linha de costa de Lisboa pelo menos desde meados do séc. XVIII.

As Tercenas, enquanto tipologia, são edifícios voltados para a reparação e manutenção das galés⁷, pelo que estão sempre relacionados, fisicamente, com as águas. As Tercenas de Santos eram propriedade da Casa Pombal, ligadas pelos eirados ao Palácio Pombal da Rua das Janelas Verdes, na cota superior.

Na cota inferior, apenas um desses três edifícios, tem sua frente para a atual Avenida 24 de Julho, sendo possível identificar através da pesquisa histórica a existência de um pequeno cais⁸.

Esses edifícios, que até meados do século XIX, pertenciam à frente ribeira de Santos-o-Velho, foram absorvidos pelo crescimento urbano e, em parte, esquecidos. Atualmente, encontram-se em estado devoluto e degradado. Identificámos as potencialidades do conjunto em relação à cidade, ao rio e, principalmente, procurou-se compreender como, requalificá-lo para restituir o seu significado na atual zona ribeirinha.

⁶ SILVA, A. Vieira da. As Freguesias de Lisboa: Estudo Histórico p.52-53

⁷ PEDROSA, Fernando Gomes. 2013, p.1-2.

⁸ ARAÚJO, Norberto de. 1993, p. 90.

A nossa proposta divide-se em duas vertentes distintas, porém complementares: a reabilitação das Tercenas de Santos e uma nova estrutura construída. Este conjunto compõe um espaço no interior do quarteirão que procura unir as duas intervenções. Este novo quarteirão, definido pela disposição entre a preexistência e o novo edifício, pode ser acedido pela Avenida 24 de Julho e pela Rua das Janelas Verdes, através da Travessa de José António Pereira.

O programa foca-se nas artes. Os edifícios abrigam diversas oficinas para o estudo e produção e criação que vão desde as artes performativas até ao design. A dinâmica que está implícita no programa é a flexibilidade que estes espaços exigem. Os trabalhos oficinais são livres, pelo que se estabeleceu o funcionamento intermitente do complexo.

Diante de um sítio tão consolidado da cidade encontramos diversas dificuldades a nível urbano, bem como problemas de conservação e outras condicionantes menores, como a topografia e morfologia do terreno. Porém, como toda situação complexa de projeto, essas interferências são oportunidade de projeto.

O processo de trabalho consistiu em diversos contextos de investigação, que podem ser reduzidos a dois momentos metodológicos principais.

O primeiro, de carácter teórico, corresponde à investigação do desenvolvimento da cidade de Lisboa, da região de Santos e da sua linha de costa. Foram consultadas bases de representação da cidade como cartografias e fotografias com o objetivo de interpretar o processo evolutivo da malha urbana e sua relação com o rio. Nesta fase, o propósito foi compreender os elementos que definem a morfologia atual do território de modo a criar bases consistentes para tomar decisões de projeto.

O segundo, de carácter prático, consistiu numa investigação experimental. O desenvolvimento de uma proposta de projeto cuja conceção foi feita através diversos suportes como fotografias, esboços, desenhos técnicos, maquetes de estudo e visualizações tridimensionais. Neste processo, foi possível analisar casos de referência, tanto a nível temático como de arquitetura.

A pesquisa crítica e o processo criativo culminaram numa

proposta de requalificação do edificado preexistente dentro de um plano geral de intervenção. O projeto procura repensar meios de dinamizar o conjunto, o novo quarteirão e o seu interior, de modo a requalificar o lugar e reinseri-lo na atual configuração da cidade.

A nossa investigação tem os seguintes objetivos:

- Compreender o que define o território de Lisboa e Santos-o-Velho para desenvolver uma posição crítica sobre as decisões de projeto.
- Reabilitar o conjunto das Tercenas do Marquês e tornar aquele espaço novamente relevante para cidade de Lisboa;
- Definir um programa cuja temática e funções agregadas estejam relacionados com a produção criativa.

O trabalho está estruturado do seguinte modo: primeiro, é feita uma breve análise teórica e histórica relevante para a introdução dos temas seguintes.

Em seguida, é feito um levantamento do contexto histórico, desde a cidade de Lisboa, passando pelo território de Santos-o-Velho até as Tercenas de Santos.

No capítulo seguinte, desenvolve-se a introdução dos argumentos relevantes para a proposta, como a explicação do tema, do programa, das problemáticas do lugar e casos de temáticos, referências e reflexões de projeto.

No último capítulo desenvolve-se a descrição, justificação e discussão da proposta, o seu plano geral, a caracterização da reabilitação das Tercenas, a apresentação dos planos do novo edifício e uma identificação geral da materialidade da proposta.

Por fim, são feitas considerações sobre o processo de pesquisa e sobre os resultados do trabalho.

2.ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A atuação em ambientes construídos consiste numa ação ponderada da compreensão do significado cultural e simbólico do que caracteriza a cidade. A sua configuração é resultado de constantes transformações, gerando um complexo de diversas épocas, significados e memórias.

Diante do tecido urbano, é preciso discutir a ideia de que o património consiste em grandes monumentos. Apesar de ser uma afirmação correta, é também insuficiente. A cidade é atualmente cenário de todo o tipo de memórias que acompanham a existência e a presença humana, nos seus diversos usos e, conseqüentemente, significados.

Durante muito tempo o pensamento acerca da proteção do património foi pontual, ainda que houvessem ações que procuravam determinar e esclarecer as atuações em monumentos históricos.

Durante os séculos XIX e XX começaram a surgir, em maior número, as intervenções de restauro em monumentos, o que conseqüentemente gerou a formação de diversas correntes de pensamento acerca da atuação em monumentos históricos e patrimoniais, dos quais seus expoentes de destaques são: Viollet-le-Duc (1814-1879), John Ruskin (1819-1900) e Camilo Boito (1836-1914).

A destruição de muitos monumentos e de inúmeros bens culturais móveis, em consequência da devastação ocorrida durante as duas grandes guerras, suscitou a consciência pública sobre o valor do património nacional e local.

A agenda política dos estados mais afetados pelos bombardeamentos passou a incluir a responsabilidade de recuperar o que não teve destruição total, bem como o que foi totalmente destruído, sendo este segundo mais controverso. Tal necessidade abriu espaço a novas teorias sobre o restauro arquitetónico e às cartas internacionais sobre a salvaguarda de

bens patrimoniais materiais e imateriais⁹.

Dentro do caráter mais normativo de atuação em monumentos, a UNESCO incentivou a criação de diversos órgãos responsáveis pelas diretrizes de atuação em património histórico e bens culturais.

Em 1964, foi aprovada a Carta de Veneza, como resultado de uma produção normativa do ICOMOS¹⁰ que permanece até hoje como um dos documentos mais importantes produzidos acerca do esclarecimento e regularização da atuação em sítios históricos e de valor patrimonial (ICOMOS 1964). Dentro desse panorama, outras cartas surgiram consoante o património em questão.

A Carta de Nizhny Tagil de 2003 publicada pelo TICCIH (The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage) e seguidamente apresentada à ICOMOS e aprovada pela UNESCO, descreve o que se entende por património industrial:

Remains of industrial culture which are of historical, technological, social, architectural or scientific value. These remains consist of buildings and machinery, workshops, mills and factories, mines and sites for processing and refining, warehouses and stores, places where energy is generated, transmitted and used, transport and all its infrastructure, as well as places used for social activities related to industry such as housing, religious worship or education¹¹.

É preciso considerar ainda o património marítimo portuário com tudo aquilo que está compreendido como bem móvel ou imóvel dentro dos equipamentos e funções inerentes às atividades marítimas, i.e.

Um vasto leque de bens móveis e imóveis: desde a utensilagem do porto (a armadura comercial de cargas

⁹ LOPES E CORREIA. Flávio e Miguel Brito. 2014.

¹⁰ International Council on Monuments and Sites. É um dos órgãos especializados mais notáveis criados pela UNESCO acerca da proteção do património

¹¹ ICOMOS, Nizhny Tagil Charter for the Industrial Heritage. TICCIH, 2003. "Vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetónico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infraestruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação" (Tradução livre).

e descargas, as docas de abrigo, de flutuação de marés e reparação, os rebocadores, os salva vidas, os sinais semafóricos, as boias luminosas), até aos armazéns, às obras hidráulicas (molhes, diques, quebra-mares, paredões, etc.)¹²

Provavelmente, as Tercenas compreendem-se entre essas duas definições do património, pois trataram-se de construções que desde a sua origem são associadas como o local onde se abrigavam embarcações, mas também como armazéns relacionados com a armação naval e posteriormente como zona de varadouro das galés. Portanto, este tipo de construção esteve muito presente na ribeira de Lisboa, desde a época dos Descobrimentos.

O caso das Tercenas de Santos é o resultado do crescimento para a zona ocidental da frente ribeirinha de Lisboa, constituindo na sua época num local de armazenamento, abrigo e reparação. A Planta de Lisboa de Filipe Folque de 1857 (**Fig. 1**) confirma que o edifício confinava com o rio e que ali existiu um pequeno cais. Hoje, essa estrutura desapareceu, embora possam remanescer vestígios que não são visíveis a superfície.

O conjunto encontra-se acessível nos dias de hoje, com exceção dos terraços, que só possuem acesso a partir do edifício conhecido por Palacete Pombal. São vestígios de uma época onde a antiga orla estava repleta de embarcações e carregava uma atmosfera bastante diferente da atual. A reabilitação desses edifícios e dos seus espaços contíguos tornará possível, a nível urbano, a reintegração de um conjunto ricamente articulado de pequenas ruas e travessas com a cidade atual de Lisboa.

Na intervenção, a proposta de reabilitação urbana consiste em transformar o espaço urbano através de medidas conservativas e recuperativas de espaços e edifícios para melhorar as suas condições e promover novos usos. O conceito declarado pela Carta de Lisboa¹³ aproxima-se da ideia da gestão da cidade e indica a reabilitação urbana como uma estratégia de potencializar um local através de intervenções múltiplas que estimulam as melhorias realizadas no espaço.

No quarteirão onde estão localizadas as Tercenas de Santos pode-

12 NABAI, António J. C. Maia. *Portus* n.º6, 2003, p. 12-17

13 Resultado do I Encontro Luso-Brasileiro de Reabilitação Urbana, realizado em Lisboa, em Outubro de 1995

se perceber que se trata de uma parte da malha da cidade que foi esquecida no tempo e no espaço ao longo do crescimento da cidade. Os edifícios deste quarteirão encontram-se devolutos e degradados, precisando de ser reabilitados. Entende-se esta intervenção por:

Obras que têm por fim a recuperação e beneficiação de uma construção, resolvendo anomalias construtivas, funcionais, higiénicas e de segurança acumuladas ao longo dos anos, procedendo a uma modernização que melhore o seu desempenho até próximo dos atuais níveis de exigência¹⁴.

As Tercenas são armazéns que tinham essa designação por fazerem parte da época em que Santos era uma zona de estaleiro da cidade e apresentava intensa atividade mercantil. Numa das paredes consta a inscrição “CAES DE JOZE ANTONIO PEREIRA ABRIL DE 1805” que confirma a presença do cais junto ao rio e indica o nome do proprietário dos armazéns, que deveria ser armador e negociante.¹⁵

Era ali a antiga frente ribeirinha, quando as águas do Rio Tejo alcançavam o conjunto diretamente. O Beco da Galheta possui a ligação através da Travessa de José António Pereira com a Rua das Janelas Verdes, numa sequência de arcos. Numa cota mais alta encontra-se com o Palacete Pombal, de onde se tem acesso aos terraços sobre as tercenças.

Viam-se constantemente, em Santos, até 1855 ou 56, enormes brigues e barcas, e um sem-numero de fragatinhas e faluas, assentes nos seus estaleiros, e a crescer cada hora, e a cobrir de taboado o cavername, e a alcatroar, e a pintar, entre o fragor infernal dos camartellos de centos de operários¹⁶.

Para a descrição do lugar, considera-se relevante salientar a morfologia urbana da antiga praia de Santos. Este território alterou-se profundamente devido à construção do aterro que veio posteriormente a constituir a Avenida 24 de Julho, o que resultou numa alteração da paisagem e do próprio conjunto diante do rio

14 Carta de Lisboa 1995, p.2.

15 ARAÚJO, Norberto de. 1993, p. 90.

16 CASTILHO, Júlio de. 1893, p.80.

Tejo (Fig. 2).

Durante os os anos de 1875 e 1911 a linha de costa de Lisboa, entre o Aterro da Boavista e Alcântara, muda continuamente e radicalmente, extinguindo a Praia de Santos, deixando assim o conjunto sem novas funções e esquecido no meio da expansão da cidade. Tal processo é natural diante do que se entende como o desenvolvimento da cidade e é também nesse estudo um objeto de pesquisa, pois a alteração da linha de costa compreendida na região de Santos não só determinou o crescimento da cidade, mas também a inércia do conjunto das tercenas diante da nova dinâmica da cidade.



Fig. 1. Planta de Lisboa (1857): pormenor da praia de Santos
Autor: Filipe Folque



Fig. 2. Carta topográfica de Lisboa publicada em 1871, tendo sobrepostas a tinta encarnada as alterações feitas até 1911

3. ANÁLISE E CONTEXTO HISTÓRICO

3.1. O TERRITÓRIO DE LISBOA E O RIO TEJO

O crescimento e o desenvolvimento de Lisboa têm como principais condicionantes a relação que estabelece com o estuário do Tejo e com a topografia do território. Este rio, que na foz atinge dimensões de mar, trouxe desde o início da ocupação da cidade, condições favoráveis para a presença de população, permitindo abrigo pelas águas calmas, acessibilidade ao mar e uma vasta extensão de costa.

O território é marcado pelo relevo acidentado: as colinas do Castelo, Sant'Ana, São Vicente, Santo André, Chagas, Santa Catarina e São Roque. A configuração espacial das colinas e a composição natural de porto no estuário do Tejo permitiu a sustentação das ocupações pelas quais Lisboa passou e criou condições oportunas para as trocas de mercadorias.

À localização privilegiada, juntam-se as excelentes condições do sítio, quer do ponto de vista da defesa, quer da facilidade das trocas e, consequentemente, da geração de riquezas, facultando ainda aos habitantes as condições de higiene e de fácil abastecimento nos mais variados produtos¹⁷.

O desenvolvimento do território sob uma configuração mais aproximada de cidade aconteceu a partir da Colina do Castelo, sendo esse o ponto mais alto, servindo estrategicamente de defesa.

O crescimento relaciona-se com a presença da Cerca Moura, até as ocupações crescerem a descer o vale e em direção ao rio. Tal processo tornou impraticável a antiga cintura defensiva e por isso, em 1373, D. Fernando ordenou a construção de uma nova cerca, a Cerca Fernandina. Os novos limites procuraram incluir a zona de Alfama até ao Cais do Sodré.

¹⁷ GASPAR, Jorge. Lisboa e Rio. 2008, p.13.



Fig. 3. Litografia de 1892: As duas muralhas de Lisboa
Autor: Enrique Casanova

O assentamento em Lisboa teve sempre como principal condicionante, mas também privilégio, o território acidentado das colinas e a presença do rio, como se tratasse de um grande anfiteatro cujas disposições resultassem diversas perspectivas e relações visuais. Essa é ainda uma das características mais marcantes da cidade até os dias de hoje.

Daí se vê Lisboa, que, erguendo-se como um soberbo anfiteatro, pela sua elevação, pela sua extensão e por uma aparente simetria natural, oferece um dos mais belos panoramas do mundo¹⁸.

Lisboa passa, então, por um momento de grande dinamismo, quando se coloca em posição de notável reconhecimento e importância económica na época dos Descobrimentos e da expansão portuguesa. O início do século XVI marcou o desenvolvimento da malha urbana para uma configuração mais aproximada ao rio¹⁹.

Os limites da cerca medieval começam a perder força e a construção fora da sua fronteira determina um novo momento na expansão territorial. Novas construções relacionadas com o comércio mercantil começam a surgir em proximidade com o rio assim como a vinda do Palácio Real para a Ribeira, onde hoje localiza-se o Terreiro do Paço.

Essas transformações indicam o momento em que Lisboa estabeleceu um desenvolvimento muito direto com a água. O crescimento das construções passou a configurar-se numa direção longitudinal ao longo do rio.

¹⁸ CHAVES, Castelo Branco (trad., pref. e notas). 1989, p.38.

¹⁹ FRANÇA. José Augusto. 2005, p 15.

Lisboa era, e continuou a ser até finais do século passado, uma cidade com um desenvolvimento longitudinal, numa estreita faixa ao longo da praia que, em 1880, na sua maior "espessura", terminava no que é hoje, mais ou menos, a Rua das Pretas - Praça da Alegria²⁰.

O terramoto e o incêndio que se seguiu, no dia 1 de novembro de 1755, destruiu parte significativa da cidade, provocando a necessidade de reconstrução. A nova malha urbana, ditada pelo Plano de 1758, seguiu um perfil regular. Foi para a reconstrução e implantação do traçado ortogonal da Baixa que o território de Lisboa passou por um primeiro significativo aterro que procurava aumentar e regularizar a pendente sobre o rio²¹. Após a reconstrução, o novo centro manteve a vocação comercial e a tradição medieval de arruamentos por ofícios.

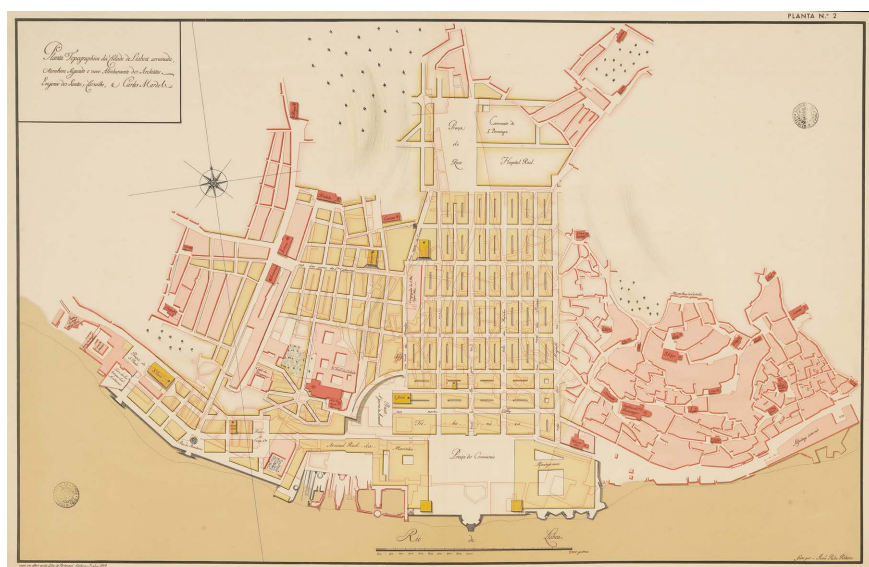


Fig. 4. Reconstituição da planta de 1758 com alterações, sobrepondo o Plano à cidade anterior ao terramoto de 1755. Autores: Eugénio dos Santos e alterações de Carlos Mardel

As alterações também alcançaram a zona do antigo Terreiro do Paço, cuja função de embarque e descarga de mercadorias foi trocada para outros edifícios, para passar a ser uma praça sem palácio real, i.e. esvaziando-se a sua função de centro político (que remontava ao reinado de D. Manuel I), para passar a ser o centro comercial da cidade (Arsenal, Bolsa e Alfândega), sob proteção real, simbolicamente assinalada pela presença da estátua equestre de D. José I²².

20 GASPAR, Jorge. 2008, Lisboa e Rio, p.24.

21 FRANÇA, José-Augusto. 1989, p.17.

22 FERRÃO, Leonor. 2017, p.465.

Na sequência de sucessivos aterros para conquistar espaço junto à orla ribeirinha, houve alterações significativas do ponto de vista urbanístico, coincidindo com o progressivo processo das atividades ligadas ao mar.

Estas mudanças fragmentaram a relação entre a cidade e o rio. A frente ribeirinha passou a acomodar novas funcionalidades, como a linha de caminho-de-ferro e a linha do elétrico. O porto foi dotado de infraestruturas utilitárias do século XX. Todas essas transformações reforçaram a rutura da relação de Lisboa com o rio, apesar dos melhoramentos nas condições de circulação de pessoas e bens.



Fig. 5. Obras do Porto de Lisboa, uma falua à carga no aterro da Boavista
Autor desconhecido



Fig. 6. Varinas e embarcações junto ao aterro da Boavista
Autor desconhecido

Após estas grandes alterações na costa de Lisboa, o rio Tejo continuou a ser um grande elemento cénico e parte importante da cidade, apesar da barreira física que passava a descontinuar o território.



Fig. 7. Planta de evolução da linha de costa de Lisboa

■ Após 1755

■ 1856

■ Até 1911

■ Atualmente

Quando as atividades portuárias enfraqueceram, a zona ribeirinha passou por um período de abandono e degradação das suas estruturas. Este contexto provocou a necessidade de repensar a relação entre a cidade e o rio, pelo que, a frente ribeirinha de Lisboa tem sido alvo de sucessivos projetos e obras de requalificação que buscam devolver o rio à cidade.

É relevante citar por exemplo a requalificação do espaço público do Cais do Sodré até o Terreiro do Paço, criando um caminho maioritariamente pedonal junto à Ribeira das Naus. Este local, que antes desempenhava funções de estaleiro de embarcações, permanece no tecido da cidade até os dias de hoje.

Outros dois projetos mais recentes, ambos de autoria de João Luís Carrilho da Graça, beneficiaram a frente ribeirinha de Lisboa. A recente requalificação do Campo das Cebolas, cujas escavações revelaram achados anteriores ao Terramoto e o novo Terminal de Cruzeiros conjugam-se com o novo percurso urbano que agora já se estende desde o Cais do Sodré.

É possível citar outros projetos que redesenharam a frente ribeirinha de Lisboa e as vistas sobre o Tejo, desde a Fundação Champalimaud, o MAAT, a nova sede da EDP, até ao grande empreendimento de requalificação e renovação a oriente (na sequência da Expo 98).

3.2. SANTOS-O-VELHO

As primeiras referências de ocupação significativa na região de Santos acontecem no final do reinado do imperador Diocleciano (280-305 d.C), quando ocorreu o episódio dos Santos Mártires de Lisboa. Tal evento, apesar de algumas inconsistências factuais, tem relação com a origem do nome do lugar. Três crianças filhas de um nobre, são acusadas de seguidoras e divulgadoras da fé cristã e executadas por estarem contra os interesses de Roma. Os seus corpos foram atirados ao rio Tejo e voltaram a aparecer na costa, numa praia correspondente ao lugar que passou a designar-se de Santos. A Igreja de Santos foi construída sobre o sepulcro destes mártires ²³.

Com a conquista de Lisboa aos Mouros em 1147, D. Afonso Henriques mandou construir uma nova ermida para o sepulcro dos três mártires, lugar de culto, que se tornou muito procurado pela população cristã. A partir de então, o local foi objeto de diversas intervenções, ampliando a primitiva ermida do Fundador.

Dom Sancho I, em 1194, concedeu a igreja à Ordem Militar de Santiago, juntamente com outras edificações adjacentes. Nesse novo abrigo, então, surgiu uma comunidade religiosa feminina, cujas freiras faziam votos de clausura devido às campanhas ou às mortes de Familiares dos Cavaleiros da Ordem de Santiago, razão pela qual passou a designar-se de Ordem das Comendadeiras de Santiago. Surgiram outras neste local: Trinas, Isabéis, Brígidas, Madres de Goa e Bernadas.

No séc. XV, Dom João II ordenou a construção de um novo convento na região da Madre de Deus e Xabregas para abrigo da Ordem das Comendadeiras de Santiago. Os corpos dos três santos mártires, foram transferidos para esse novo convento²⁴, que adotou a designação de Santos-o-Novo. Por este motivo, o local onde se situava o primitivo convento em Santos passou a chamar-se de Santos-o-Velho.

No edifício conventual desocupado foi instalado por D. Manuel I,

²³ ALVES E INFANTE, Maria Paula e Sérgio. 1992.

²⁴ SILVA, A. Vieira da Silva. 1943, p.53.

no século XVI, o Paço Real de Santos. O Palácio foi comprado pela família Lencastre em 1629, cujos descendentes receberam depois os títulos de Marqueses de Fontes e de Abrantes, passando a ser conhecido por este último nome a partir de 1718. Atualmente, é a Embaixada de França.

Com os avanços territoriais de Lisboa, as sucessivas expansões além das muralhas e com a construção, no início do século XVI, do Paço da Ribeira no reinado de D. Manuel I, o Paço de Santos constituiu-se como um segundo polo de atração de crescimento de um núcleo urbano.

O percurso em direção ao ocidente era realizado a partir das portas de Santa Catarina pela Rua Direita de Santos. Este eixo, juntamente com a Rua das Janelas Verdes e a Rua de Santos-o-Velho definiram o desenvolvimento do traçado urbano da região de Santos até os dias atuais.

A malha urbana evoluiu consoante as atividades que eram exercidas naquela região, fortemente ligada à pesca e ao comércio.

No século XVI a morfologia do território de Santos tinha relação direta com a evolução urbana que ali ocorreu. A Igreja de Santos-o-Velho anunciava num promontório o começo da cidade de Lisboa vista do Rio Tejo. A praia de Santos estava fortemente associada ao comércio e começavam a surgir ocupações no território ligadas às atividades marítimas ²⁵.



Fig. 8. Vista sobre a ribeira de Alcântara e Santos antes das modificações do aterro. É possível identificar à direita o edifício das Tercenas de Santos que estabelece uma relação direta com o rio. Fotografia datada de 1863

Autor desconhecido

²⁵ ALVES E INFANTE, Maria Paula e Sérgio. 1992.

Por exemplo, o bairro do Mocambo, de pequena dimensão, contém uma métrica definida por quarteirões paralelos ao rio e ruas estreitas, cujo traçado já é referenciado no século XVI²⁶.

O terramoto de 1755 fez poucos estragos na zona de Santos-o-Velho. Como estava fora do perímetro a intervencionar, definido pelo Plano de 1758, cresceu sem os rigores de regularidade e simetria da Nova Lisboa.

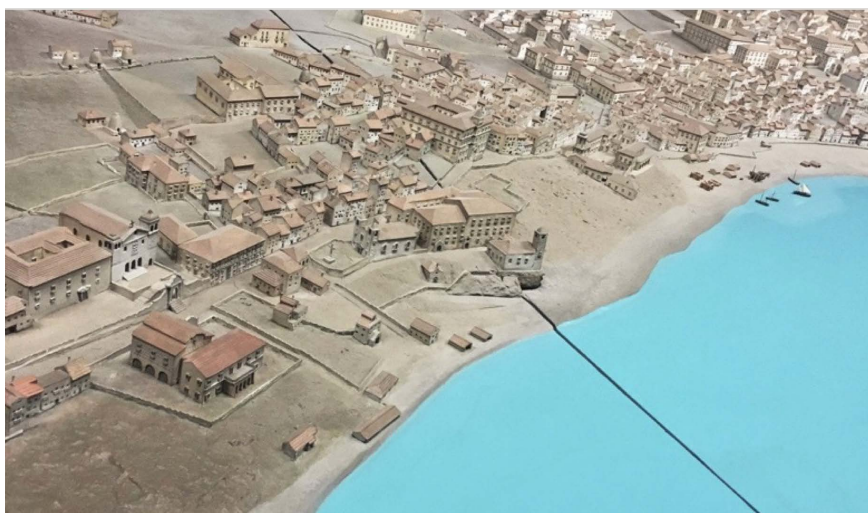


Fig. 9. Maqueta da cidade de Lisboa pré-terramoto (Museu da Cidade). Pormenor da zona de Santos
Fotografia da autora

Práticas náuticas, comerciais e piscatórias passaram a fazer parte do cenário da ribeira de Santos e da Rua das Janelas Verdes, que passou a ter uma vivência bastante diversificada de atividades comerciais, industriais, armazéns e habitação dos trabalhadores.

Esse cenário só foi alterado em 1850, quando o aterro da Boavista foi concretizado, sendo concluído em 1867.

O eixo de maior fluxo e importância viária passa a ser a nova estrutura de ligação até Belém, que hoje corresponde à consolidada Avenida 24 de Julho, onde foram instaladas diversas novas funções relativas à indústria portuária e ligações de transportes públicos. “Pelo aterro deslizaram os primeiros transportes coletivos – os americanos, de tração animal – antecedentes dos atuais elétricos”²⁷.

26 ALVES E INFANTE, Maria Paula e Sérgio. 1992.

27 BRANDÃO, Pedro. 1996, p. 23.

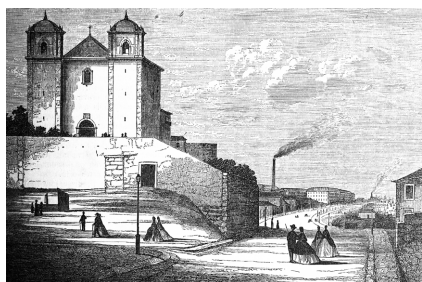


Fig. 10. Entrada da então Rua 24 de Julho junto à Igreja de Santos no aterro da Boavista
Autor: José Artur Leitão Bárcia, Gravura de Barbosa Lima

O cenário, que era bastante primitivo de uma orla quinhentista, fora alterado para uma realidade morfológica muito próxima do que conhecemos hoje. Numa perspetiva, o progresso afastou fisicamente a cidade do rio, ainda que insistisse em manter relações além-mar.

Fechemos a Peregrinação em ares lavados do Tejo e em ruído das fainas do trabalho.²⁸



Fig. 11. Panorâmica de Santos no século XX
Autor Judah Benoliel

28ARAÚJO, Norberto de. 1993, p. 89. Sobre a Avenida 24 de Julho.

3.3. O CONJUNTO DAS TERCENAS DE SANTOS

O contato direto do território de Lisboa com o mar foi recorrente até à expansão industrial dos séculos XVIII e XIX. Durante a expansão marítima no século XV e XVI toda a ribeira passou por uma sequência de crescimento, económico e demográfico, que superou os limites medievais e alcançou o que hoje se define pela região de Santos. Devido às trocas comerciais, Lisboa enriqueceu. Tal processo refletiu-se na arquitetura, pois novos edifícios relacionados com as atividades marítimas, como alfândegas e armazéns na costa de Lisboa foram construídos nesse momento.

As tercenas, enquanto tipo de arquitetónico, são edifícios de carácter utilitário. São infraestruturas cuja função estava relacionada com a manutenção e reparação de galés. Caracterizavam-se pela sua proximidade com o rio, para poder estabelecer contato direto com as embarcações vindas do mar.

O conjunto estava situado na zona mais ocidental do que representava a frente ribeirinha de Lisboa naquele momento. O desenvolvimento dessa região foi marcado pela ocupação lenta e gradual, resultado da densificação das áreas junto ao rio.

O caminho para esse lugar foi feito através das portas de Cata-Que-Farás, como alternativa à entrada medieval das Portas de Santa Catarina, para poente, que começava a estar repleto de cais, abarcamentos e instalações utilitárias da Lisboa quinhentista.

Neste cenário favorável para instalação de novas edificações, como ermidas, conventos e igrejas, também se implantaram nas proximidades com o rio, as tercenas. Segundo Rafael Bluteau, citado por Carlos Caetano, “o que hoje chamão em Lisboa de Tercenas, são huma fileyra de casas iguaes, abayxo da Freguesia de Santos, sobre o Rio, que servem de celleyros”²⁹.

Atualmente, as chamadas Tercenas do Marquês podem ser encontradas no quarteirão em estudo. Na sua configuração apenas um dos volumes está exposto à Avenida 24 de Julho, pelo

²⁹ CAETANO, Carlos. 2004, p.139

que o conjunto se apresenta bastante discreto para o visitante. Esse grande eixo é marcado pela presença de edifícios de escalas e temporalidades distintas.

No conjunto encontra-se um dos edifícios (**Fig. 12**) cuja fachada é ligeiramente avançada, justificada pela presença de um cais que fazia parte da sua função anterior. Esse é o primeiro dos três volumes remanescentes que constituem as edificações das Tercenas do Marquês.



Fig. 12. Edifício das Tercenas na Av. 24 de Julho
Fotografia da autora

Os outros estão inseridos no interior do quarteirão, revelando-se como uma surpresa para quem percorre aquele tecido escondido da cidade.

É tudo uma orla marginal “velha” do começo do século passado, muito antes do aterramento do areal, quando o mar batia no paredão das tercenas, e por aqui cheirava a maresia, e a cereais quentes pelo repouso nos porões.³⁰

Os edifícios desenvolvem-se maioritariamente no interior do quarteirão cujo acesso é feito pelo Beco da Galheta, numa configuração de ruas e travessas estreitas que acabam também por ligar à Rua das Janelas Verdes.

A Travessa de José António Pereira é uma via de caráter privado, sequenciada por arcos que além de cumprir sua função estrutural revelam-se também como estruturas de passagem e comunicação entre as coberturas dos edifícios das tercenas. (**Fig. 14 e 17**)

O Corredor da Torrinha também possui uma sucessão de edifícios cujas características formais se assemelham ao restante do edificado, pelo que é possível concluir que também poderão ter sido tercenas ou armazéns.

³⁰ ARAÚJO, Norberto de. 1993, p. 90

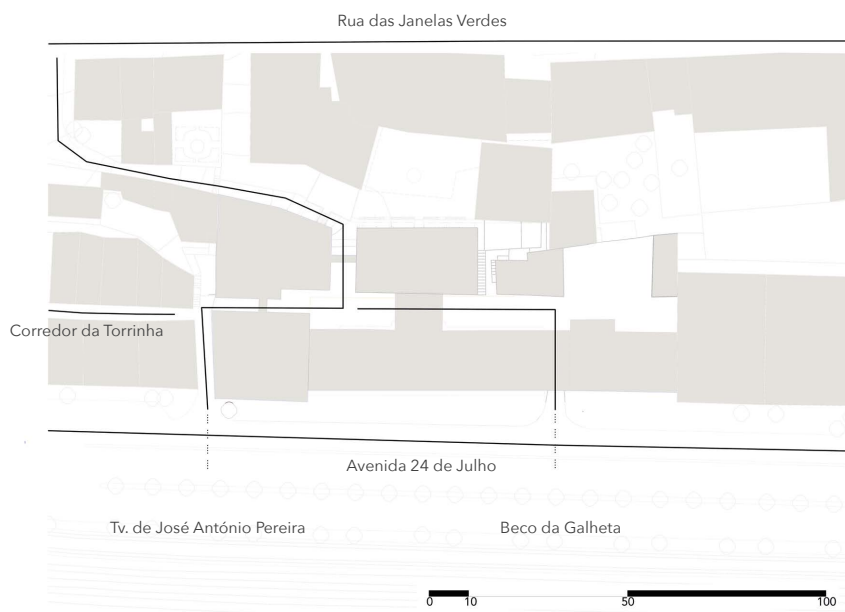


Fig. 13. Planta com a indicação das vias que abrangem a zona de intervenção

Os edifícios em si são marcados por uma forte regularidade e robustez; as fachadas são de desenho simples e sem ornamentos, algo habitual dado o seu caráter prático e utilitário. Os três edifícios, à exceção de um que possui uma ligeira inflexão devido ao curso da Travessa de José António Pereira, contém uma disposição em planta bastante regular.

O lugar tem uma qualidade latente de um certo mistério e que, muito provavelmente, só o possui devido à pouca ou quase nenhuma visibilidade em ambas as frentes para o seu interior. Tal característica é, provavelmente, o que mais define a beleza do local.

A impressão de beleza que extraímos de uma obra arquitectónica pode ter uma relação proporcional à intensidade de forças contra as quais ela se confronta (...) Há beleza naquilo que é mais forte do que nós ³¹

A sua origem exata é desconhecida. Salienta-se a inscrição que indica não só a presença do cais citado, mas também uma data. Consta num dos volumes uma anotação em pedra que diz "CAES DE JOZE ANTONIO PEREIRA ABRIL DE 1805", porém é possível supor que esse conjunto, de caráter quinhentista, possa ter feito parte de um cenário anterior, sofrendo alterações e adaptações ao longo dos anos.

³¹ BOTTON, Alain de. 2009, p. 231



Fig. 14. Arco de ligação entre dois edifícios das tercenas na Travessa de José António Pereira
Fotografia da Autora



Fig. 15. Inscrição em pedra
Fotografia da autora



Fig. 16. Um dos edifícios visto do Beco da Galheta
Fotografia da Autora



Fig. 17. Travessa de José António Pereira
Fotografia da autora

4. INTRODUÇÃO À PROPOSTA

As tercenas configuram-se juntamente com o Palacete Pombal como um conjunto autónomo e independente. A sua composição está relacionada com a função que antes desempenhava. Porém, hoje, a sua adaptação com a envolvente do quarteirão permite, apesar da degradação intensa, uma espacialidade muito singular.

A atmosfera escondida, por vezes aprisionada entre edifícios e logradouros, formada pela riqueza espacial da antiga orla de santos, constitui a matéria-prima para a reinvenção do conjunto.

É preciso expor alguns elementos subsequentes da investigação prática antes de caracterizar a proposta. Assim, neste capítulo serão expostas as bases que clarificam a idealização do projeto, desde o seu tema, até as referências mais relevantes para uma reflexão crítica.

4.1. O TEMA

Do ponto de vista temático, propõe-se a revitalização das Tercenas do Marquês e da sua envolvente, tirando partido do contexto espacial, para introduzir uma função âncora associada à produção criativa, ao comércio relacionado com o design, restauração e outras atividades orientadas para o lazer.

Não é, todavia, uma intenção pontual. A ideia principal complementa-se com uma rede de elementos e iniciativas na cidade de Lisboa e na zona de Santos que levam à compreensão de que se pode configurar como um ponto estratégico para o desenvolvimento de um programa relativo às artes.

É possível identificar, nas imediações mais próximas ao quarteirão, a presença de instituições de ensino como o IADE e mais adiante a ETIC. Também é relevante mencionar a presença de outras entidades voltadas para o design como por exemplo as lojas Domo e Paris Sete, que comercializam peças de design contemporâneo, e a Transboavista Art Edifício, um projeto que engloba galerias de arte, residências artísticas e *ateliers* de produção alternativa.

Um pouco mais distante encontra-se a Lx Factory, em Alcântara, cujas atividades aproximam-se do programa global da nossa proposta. Também em Santos, é possível encontrar *ateliers* de arquitetura, *ateliers* de paisagismo, bem como agências de publicidade e de produção audiovisual. Toda esta cultura à volta do bairro de Santos associa-o a uma zona criativa da cidade e, por isso, os comerciantes passaram a chamá-lo de Santos Design District.³²

Nos arredores mais próximos das Tercenas observamos uma marcante diversidade espacial. As duas cotas principais relacionam-se pela Travessa de José António Pereira, de caráter quase privado e recôndito. Ainda dentro do quarteirão, seguindo pelo Beco da Galheta ou para o enclausurado Corredor da Torrinha para alcançar a cota mais baixa, a sul, definida pela Avenida 24 de Julho (**Fig.13**).

³² Iniciativa da Associação Empresarial do Bairro de Santos.

Na Rua das Janelas Verdes, na cota mais alta, encontramos uma ocupação típica de uma zona residencial, com algum comércio de proximidade, algumas tascas. A rua abrange também edifícios que se destacam em toda a envolvente; a embaixada do Luxemburgo, a embaixada de França (no antigo Palácio dos Marquês de Abrantes), o Palacete Pombal e, principalmente, o Museu Nacional de Arte Antiga (no Palácio Alvor-Pombal).

Já na cota mais baixa, a sul, a Avenida 24 de Julho apresenta um carácter bastante distinto. É uma via de fluxo rápido, com reduzido carácter de permanência, decorrente da existência de outras funções que geram dinâmicas distintas, consoante as horas do dia.

A vista para o Rio, a estrutura portuária, bares, restaurantes, a linha de caminho-de-ferro, as docas, edifícios novos ou requalificados são vestígios do crescimento da cidade e da complexidade de escalas e de temporalidades que atualmente constituem a ribeira de Santos.

4.2. A DINÂMICA DO USO E DO TEMPO

As atividades quotidianas são, de modo geral, agrupadas em determinados momentos do dia, dividindo-se em atividades diurnas e noturnas. O programa da intervenção procura a vivência contínua deste território (de dia e de noite), para o que se propõem funções muito diversas.

Nesta intervenção, a ideia de promover esse uso contínuo reflete uma iniciativa de reforçar o carácter contemporâneo do trabalho criativo deste bairro e também para colocar à disposição de artistas, designers, músicos, estudantes e de outros interessados, um espaço com a flexibilidade e dinamismo que estas atividades pressupõem.

As cidades são, e devem ser, vividas durante vários momentos do dia. Essa particularidade deverá ser explorada principalmente porque em Santos esta característica é parte integrante da vivência do bairro.

Desse modo, o plano geral do conjunto terá como função principal esbater a diferenciação das atividades realizadas entre o dia e a noite, promovendo usos que permitam ligar atividades tão distintas dentro do mesmo contexto espacial.

4.3. O PROGRAMA

O programa está centrado na presença de um núcleo fomentador da produção criativa, sendo esse o mote da intervenção. A proposta vai se localizar na Avenida 24 de Julho em conjunto com as Tercenas do Marquês.

A proposta associará outras funções que criem coesão ao conjunto e reforce a ideia de bairro criativo. Para reforçar o caráter cíclico das dinâmicas diurnas e noturnas, os espaços de trabalho e de estudo funcionarão continuamente.

O conjunto contém diversas funções no que diz respeito à área criativa, como também abrange parte do programa voltado para a restauração e para o lazer. Os edifícios das Tercenas serão requalificados para abrigar parte dos espaços de atelier e escritórios, cujo caráter convida à permanência.

Segue o programa:

Complexo de áreas de trabalho criativo:

Sala de estudo

Sala Polivalente

Zona de Exposição

Oficinas:

Prototipagem

Design de moda

Modelagem e Olaria

Pintura e desenho

Estúdios:

Ensaio Musical

Artes performativas

Auditório

Garagem

Lojas

Café / Bar

Tercenas do Marquês:

Salas de escritório e *ateliers*

4.4. PROBLEMAS E OPORTUNIDADES

No quarteirão das Tercenas, como outros lugares de morfologia complexa, o que pode ser interpretado como problema revela-se como oportunidade para uma estratégia na sua intervenção.

É importante salientar a inexistência de uma relação entre o interior do quarteirão com o exterior. Neste caso, a problemática reside na falta de uma configuração de interesse para que o interior seja, de fato, atrativo. Essa observação não responsabiliza o atual edifício da Avenida 24 de Julho, porque a sua presença física reforça a atmosfera interior, ainda que sua massa construída não dialogue com o conjunto das Tercenas. A falta de leitura imediata mantém-se na nossa proposta, porque é uma qualidade peculiar do conjunto das Tercenas. Por isso, a proposta reforça essa dimensão quase secreta que é anterior à nossa intervenção.

A excessiva descontinuidade nos lotes também pode ser vista como um problema. Os interiores de quarteirão se organizam com uma sucessão de logradouros, que no caso do quarteirão onde se localiza a nossa proposta, os lotes desenvolvem-se desordenadamente, condicionados à topografia. Nas diferentes cotas e entre terrenos abandonados e muros de contenção, a leitura do espaço é complexa, mas revela uma potencialidade para uma estratégia urbana, estimulada pelos vestígios presentes, de modo a atribuir sentido a todos os elementos que ficaram, resultado de séculos de vivência e de intervenção humanas.

Através da pesquisa histórica, como foi mencionado, as Tercenas desempenhavam funções relacionadas com a reparação e manutenção de galés, tendo sua estrutura física ligada diretamente ao mar. Logo aqui identifica-se um primeiro problema: a perda de identidade, quando essa função foi perdida.

A atuação em ambientes construídos contém sempre o valor da readaptação das antigas estruturas. Não faria sentido tentar reproduzir a personalidade latente que permeia o conjunto das Tercenas ou qualquer outra preexistência, ela apenas existe nela própria.

É inegável que, juntamente com a Avenida 24 de Julho, a estrutura portuária constitui uma enorme barreira física para a cidade. A própria relação com o mar será, portanto, repensada e adaptada em projeto. É possível identificar um sistema de cotas favoráveis para voltar a estabelecer uma relação, ainda que apenas visual.

É possível identificar, atualmente, outras situações urbanas problemáticas. Ainda sobre o edifício que faz frente à Avenida 24 de Julho, este fez parte de um plano urbano dos anos 60 que não chegou a ser executado completamente. Porém, o edifício que foi construído possui um volume saliente no seu tardoz que resultou num descontrolo dos limites admissíveis de espaçamento entre fachadas (**Fig. 19**). Nesta proposta, o edifício supracitado, e o contíguo N° 78, não serão considerados porque em nada contribuem para a malha urbana do quarteirão.

A obstrução das escadas do número 16 (**Fig. 18**), a presença de habitações e um espaço de estacionamento de superfície resultam num momento urbano descaracterizado e dificultam a leitura espacial do conjunto.

Essas observações denotam as particularidades dessa preexistência no seu contexto atual e ajudam a definir intenções de projeto, que serão explicadas mais adiante.



Fig. 18. Beco da Galheta, 1970
Autor: Vaco Gouveia de Figueiredo



Fig. 19. Espaço entre as duas fachadas
Fotografia da autora

4.5. CASOS DE REFERÊNCIA

A proposta está introduzida num contexto consolidado da cidade. Trata-se de uma intervenção em ambiente densamente construído e habitado. É extremamente válido selecionar um conjunto de casos que criem uma base de ideias sólidas a ajudar numa argumentação das decisões de projeto. Com isto, não significa que houve uma tentativa de referenciar escolhas formais ou estéticas para a intervenção proposta, mas sim houve uma leitura crítica das posições assumidas.

Além dos casos que serão abordados como referências de projeto, outros exemplos serão expostos, pela sua relevância temática. São exemplos que tocam na questão da produção criativa e intelectual na cidade de Lisboa.

Há diversos espaços voltados para a área criativa em Lisboa. O caso da atual LxFactory, é um exemplo bastante positivo do reaproveitamento de uma preexistência para abrigar um novo uso voltado para a área criativa.

Em 1846, a Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense, uma das maiores unidades fabris daquela época, foi estabelecida em Alcântara. Com a crise em 1917, esse complexo fabril que já contava também com um complexo de habitação operária começou a apresentar problemas, o que levou ao seu encerramento.

Atualmente, esse importante tecido fabril é a LxFactory. Um complexo que abriga empresas da indústria criativa, livrarias, restaurantes e também é destinado para iniciativas e eventos ligados à música, design, comunicação, multimédia, arquitetura, música e gastronomia. Constitui um importante elemento da região de Alcântara, mas também é representativo para a cidade de Lisboa.

Ainda dentro da indústria criativa, porém num caráter mais particular da sua criação e produção, é possível citar o FabLab³³, como o nome indica, laboratório de fabricação. Resumidamente, é um conceito de democratização da produção. Num espaço de oficina, as máquinas de corte, a impressão 3D e a prototipagem em geral estão disponíveis, sendo uma importante ferramenta para qualquer tipo de designer ou criativo. Atualmente, em Lisboa, é possível encontrar desses espaços como a FabLab Lisboa, pertencente ao município, FCT FabLab entre outras.

Tal conceito expande os limites da indústria criativa, quando a produção é então parte de uma esfera acessível. Para a área criativa, favorece o estudo do processo de composição e a fabricação de um produto, tornando todo o processo bastante mais direto e democrático.

Outro aspeto a desenvolver no projeto é a capacidade de criar uma entidade intermitente para a zona de Santos, viabilizando um espaço de estudo e trabalho de funcionamento 24h.

Tal experiência pode ser encontrada na cidade de Lisboa. O Caleidoscópio, pertencente à Universidade de Lisboa é um espaço de estudo situado no Campo Grande. Favorecido pelo ambiente universitário, que dispõe de mesas, acesso à internet e impressão durante todo o dia. Ainda que numa escala reduzida, tal iniciativa ilustra a necessidade e a pertinência de outros espaços dessa natureza em Lisboa.

33 Abreviatura de Fabrication Laboratory.

4.6. REFERÊNCIAS E REFLEXÕES DE PROJETO

As referências que se seguem apresentam ideias e soluções em contextos distintos. A sua seleção diz respeito à interpretação crítica feita ao longo do processo de trabalho.

Todos os casos escolhidos tocam em aspetos pertinentes para o desenvolvimento do projeto, formando uma combinação interpretativa de elementos, na sua materialidade, nos seus elementos gráficos, na sua relação com o meio urbano, etc.

O fundamento deste trabalho de identificação e escolha de exemplos relevantes é a reabilitação do conjunto das Tercenas de Santos. O projeto que se apresenta como um todo consiste na combinação entre novas estruturas edificadas e a reabilitação da preexistência.

A intervenção na Igreja do Convento de Sant Francesc, na cidade de Santpedor província da Catalunha, Espanha, é uma reconversão do seu uso num espaço cultural, embora dessacralizado. O complexo do convento franciscano foi construído no século XVIII, tendo funcionado como convento até 1855. Após demolições no ano 2000, restavam a Igreja e o muro perimetral, ainda que em avançado estado de degradação. A intervenção aqui referida é datada de 2003. **(Fig.20)**

A luz natural passou a vir da nave central da igreja, devido à queda de uma parte do teto. Tal aspeto foi relevante para a intervenção que beneficiou da espacialidade e iluminação para o novo projeto.

No caso do objeto deste estudo, a falta de luz nas Tercenas tornou-se um problema difícil de desconsiderar, diante do propósito de criar espaços de escritórios e *ateliers*. O recurso utilizado no Convento de Sant Francesc foi uma inevitabilidade e não uma escolha, pois a degradação do teto era um facto e sua ruína abriu a possibilidade de reconversão funcional **(Fig. 22 e 23)**. Nas Tercenas essa correspondência não acontece. A clausura do espaço interior é sólida e foi preciso escolher algumas prioridades acerca da luz natural que serão explicadas, detalhadamente, no ponto 5.1.1 (memória descritiva e justificativa da proposta).

Ainda sobre o exemplo mencionado, a reconversão do espaço religioso num espaço cultural dessacralizado foi pensada de maneira a não esconder a sua função anterior nem o tempo que aquele edifício ficou inerte. A leitura espacial da arquitetura religiosa e dos materiais que persistiram no tempo é evidente.

Os materiais e as formas remetem à arquitetura contemporânea, deixando clara a coexistência das temporalidades sem nenhum tipo de confusão na sua leitura. A preexistência assume um papel condutor, tão importante quanto a intervenção de reconversão funcional. Em Sant Francesc, as novas estruturas edificadas estão agregadas dentro e fora das ruínas do convento, cirurgicamente.

No nosso estudo, tal correspondência acontece pontualmente, pois o conjunto das Tercenas não apresenta esse elevado nível de degradação e, por isso, não admite uma intervenção tão intrusiva.



Fig.20. Convento de Sant Francesc.
Entrada principal
Autor: Jordi Surroca



Fig.21. Convento de Sant Francesc. Escada para o segundo piso
Autor: Jordi Surroca



Fig.22. Convento de Sant Francesc. Nave central da igreja em ruínas
Autor desconhecido



Fig.23. Convento de Sant Francesc. Nave central da igreja depois da intervenção de 2003
Autor: Jodi Surroca

A separação entre materiais preexistentes e a nova construção é clara no nosso trabalho, ainda que precisem dialogar entre si. No projeto Caixa Forum (2008) em Madrid de Herzog e De Meuron a reutilização da estrutura da Central Elétrica del Mediodía para a criação de um novo contexto espacial conjugam-se diferentes materiais e temporalidades da arquitetura **(Fig. 24)** . A fachada preexistente em tijolo aparenta não tocar o chão, pois a base de pedra em granito que circundava o volume original do edifício foi retirada. Essa massa construída, destacada do chão, **(Fig. 25 e 27)** é resultado daquilo que parece ser um ato intenso e deliberado sobre a arquitetura original edificada.

Essa característica do edifício levanta a questão do que é relevante nas decisões de projeto. Em Sant Francesc o processo, como já foi mencionado, foi mais genuíno, pois se tratava de uma ruína que perdeu parte da sua cobertura, e, portanto, seria correto mantê-la assim.

A restauração, quando voltada para ruína, só pode ser a consolidação e a conservação do status quo, ou a ruína não era uma ruína, mas uma obra que ainda continha uma vitalidade implícita para promover uma reintegração da unidade potencial originária.³⁴

Segundo Brandi, o estado de ruína deve ser mantido, o que confirma a posição tomada na intervenção no Convento de San Francesc. Porém, essa definição não se aplica no caso da Caixa Forum, nem nas Tercenas. Ainda assim, é um assunto relevante no que diz respeito à integridade da unidade original. No caso, o edifício da Central Elétrica foi intencionalmente recortado.

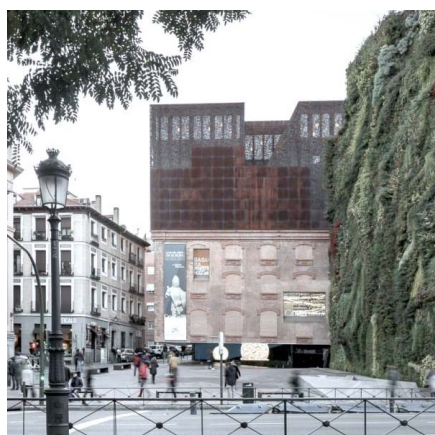


Fig.24. Caixa Forum. Vista para a entrada principal do edifício a partir do Paseo del Prado
Autor: Simon Garcia

34 BRANDI, Cesare. 2004. p.66.

São decisões de projeto de interesse para o nosso estudo. Aqui foram ilustrados dois exemplos, mas poderiam invocar-se outros relevantes, como o Kolumba Museum (**Fig. 28 e 29**) de Peter Zumthor, a requalificação do Teatro Thalia (**Fig. 30 e 31**) dos arquitetos Gonçalo Byrne e Barbas Lopes e a reconversão do Convento de de Santa Maria do Bouro (**Fig. 32 e 33**) de Souto de Moura. Todos esses intervieram em níveis diferentes de intensidade sobre a matéria original da preexistência.

Esta análise refere-se a questões que parece simples. que transitaram para o processo de trabalho deste projeto. Como refletir sobre projetos de referência? Como reconfigurar para a atualidade o conjunto das tercenas sem desrespeitar sua integridade física?

A materialidade e a forma são fundamentais para compreender como atuar em ambientes construídos.



Fig.25. Central Elétrica del Mediodía antes da intervenção
Autor desconhecido



Fig.26. Caixa Forum. Fotografia durante as obras
Autor desconhecido



Fig.27. Caixa Forum. Fachada Sul
Autor: Simon Garcia



Fig.28. Kolumba Museum
Autor: Rasmus Hjørtshøj

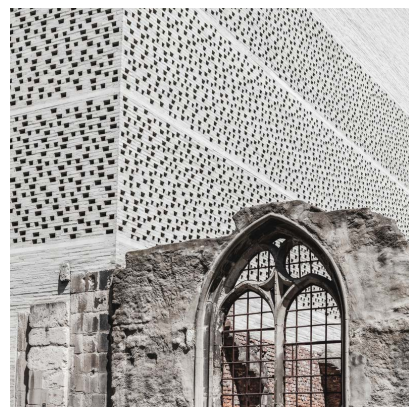


Fig.29. Kolumba Museum. Ligação entre a nova intervenção e a ruína
Autor: Rasmus Hjørtshøj



Fig.30. Teatro Thalia. Coexistência de temporalidades diferentes
Autor: DMF



Fig.31. Teatro Thalia. Ruína aparente no interior
Autor: DMF



Fig.32. Pousada Santa Maria do Bouro. Pátio
Autor: Luis Ferreira Alves

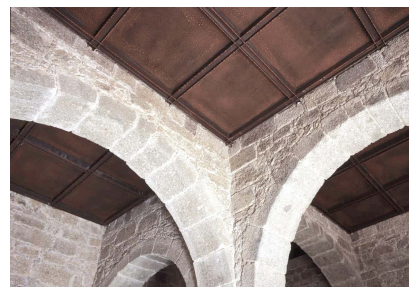


Fig.33. Pousada Santa Maria do Bouro. Revestimento interior do teto
Autor: Luis Ferreira Alves

Outros projetos que serão citados adiante referem-se, principalmente, às decisões tomadas no contexto da nova estrutura edificada. Em Liubliana, o projeto de reabilitação e extensão do Teatro SNG Drama de autoria do Atelier Bevk Perović Arhitekti parte de um corpo original datado do início do século XX.

A extensão do edifício sugere um contraste de materiais, adotando um sistema de fachada perfurada metálica que cria uma linguagem contemporânea. **(Fig. 30)**

O projeto data de 2017, pelo que as imagens que se incluem são visualizações tridimensionais.



Fig.34. Teatro SNG Drama. Cartão Postal do ano de 1911
Autor desconhecido



Fig.35. Teatro SNG Drama. Visualização geral da proposta
Autor: Bevk e Perovic Arhitekti



Fig.36. Teatro SNG Drama. Volume correspondente à extensão em sua porção lateral
Autor: Bevk e Perovic Arhitekti

A referência seguinte não tem uma relação direta com a linguagem formal do nosso trabalho, porém, é relevante mencionar o aspecto gráfico que um edifício pode veicular. A sede do GS1 Portugal, localizado no Lumiar, em Lisboa, de autoria do Atelier Promontório, é uma reabilitação de um edifício dos anos 80. A materialidade e a tectónica assumem o papel principal na leitura crítica deste projeto. O betão da estrutura aparente é o elemento recorrente e a ausência de teto falso permite uma leitura direta das instalações técnicas.

No exterior, o betão assume novamente o protagonismo, pelo carácter cénico decorrente do posicionamento dos painéis, cujas faces receberam a obra de Vhils³⁵. Essa casca (**Fig. 37 e 38**) define o cenário dinâmico do edifício, pois consoante a observação, é possível identificar as sombras e posições. O desenho se revela ao transeunte como um jogo que questiona o valor estático da arquitetura.

Portanto, no projeto supracitado, apesar da falta de relação direta com a nossa proposta, foi possível extrair um conjunto de pressupostos orientadores do nosso processo de trabalho.

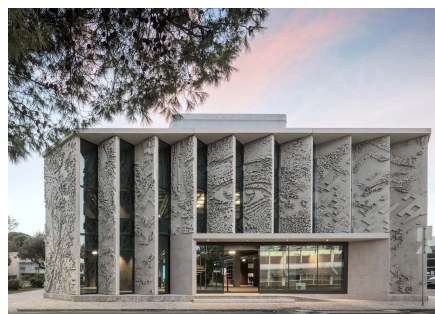


Fig.37. Sede do GS1 Portugal. Paineis de betão na fachada
Autor: Fernando Guerra FG+SG



Fig.38. Sede do GS1 Portugal. Vista em perspectiva
Autor: Fernando Guerra FG+SG

35 Alexandre Farto, artista visual urbano de nacionalidade portuguesa. O seu trabalho é mundialmente reconhecido pela sua técnica de entalhe em baixo-relevo.

O último caso de referência citado é o Museu ABC em Madrid (2010) do atelier Aranguren & Gallegos. Trata-se de uma intervenção de reabilitação do edifício onde, em 1891, começou a funcionar a primeira fábrica de cerveja Mahou em Espanha. É um edifício robusto, cujas paredes em tijolos cerâmicos são confrontadas pela edificação contemporânea. Os acessos são articulados entre duas ruas até um pátio interior, **(Fig.40)** onde se consegue ler o toque da nova edificação contemporânea aos tijolos do edifício da cervejaria.

Assim como nesse trabalho, a leitura espacial do Museu ABC não é imediata, é preciso avançar para o interior do pátio para então ter acesso ao edifício, como um hall de entrada.

As marcas de contemporaneidade são decisivas no novo edifício, como se o mesmo fosse uma rede que se cola ao entorno, marcando uma presença diferente. O acervo do museu é constituído por desenho contemporâneo e ilustração, pelo que nos parece ser “natural” assumir uma estética contemporânea na fachada, pavimentos e tetos **(Fig. 39 e 40)**. Possivelmente, a linguagem adotada é excessiva, mas não é relevante, pois não é esse juízo de valor que está em questão, mas sim decisão de insinuar nos planos do edifício elementos gráficos que dialogam sobre diferentes perspectivas.

Todos essas, e possivelmente muitas outras referências, que foram surgindo no âmbito da nossa investigação serviram para desenvolver um conjunto de valores e intenções que serão explicados, detalhadamente, no capítulo a seguir.

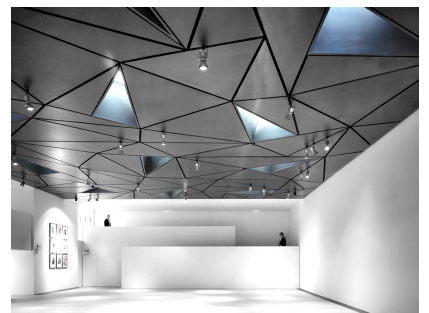


Fig.39. Museu ABC. Cave. Padrão do teto é refletido do piso superior
 Autor: Jesús Granada e ManoloYllera

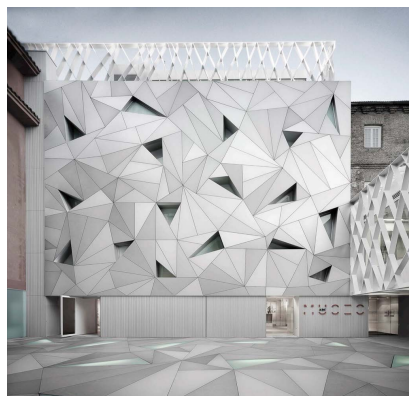


Fig.40. Museu ABC. Pátio: grafismo e materiais em contraste com a envolvente.
 Autor: Jesús Granada e ManoloYllera

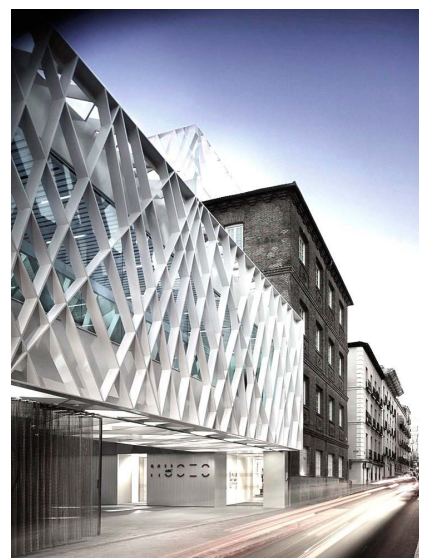


Fig.41. Museu ABC. Um dos acessos ao pátio interior
 Autor: Jesús Granada e ManoloYllera

5. PROPOSTA

5.1. CONTEXTUALIZAÇÃO E PLANO GERAL

O bairro de Santos, como mencionado, possui uma série de funções relevantes que confirmam a oportunidade da nossa proposta de intervenção.

A zona delimitada a negro (**Fig. 42**) abrange a totalidade a área de intervenção. Nela estão compreendidos o conjunto das Tercenas e a sua envolvente mais próxima.

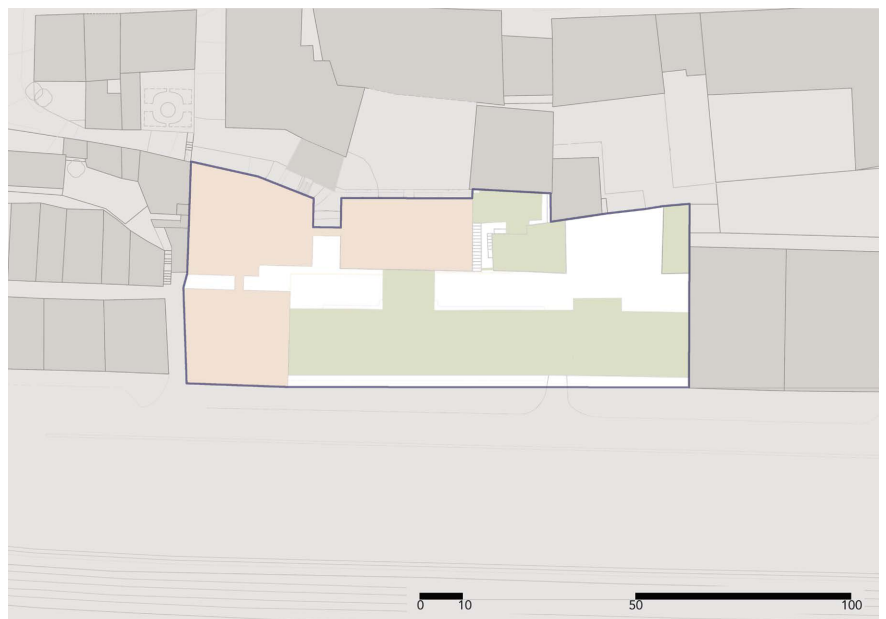


Fig. 42. Demarcação das áreas de intervenção

- Tercenas do Marquês - Reabilitação
- Edifícios a demolir

A intervenção, contudo, não se baseia somente na reabilitação pontual do conjunto, mas também na dotação de uma lógica espacial com a sua envolvente, de modo a requalificar o quarteirão.

A estratégia para o lugar procura estabelecer uma nova configuração para as tercenas juntamente com a envolvente, definindo através do novo edifício uma nova frente que permite atrair usos para o interior do novo quarteirão.

Em seguida explicita-se a nossa proposta de intervenção.



Fig. 43. Planta da intervenção geral. Delimitação de um novo interior de quarteirão através das duas intervenções

5.1.1. A REABILITAÇÃO DAS TERCENAS

No conjunto das Tercenas, que são os 3 edifícios que comunicam os seus terraços através dos arcos, a nossa intervenção procura reabilitar o edificado de modo a convertê-lo para o uso de *ateliers* e escritórios criativos.

Os três edifícios possuem acessos independentes e a circulação para os pisos superiores é feita por uma segunda entrada, que desenvolve uma escada em tiro.



Fig. 44. Planta piso 0 das Tercenas. É de referir a divisão interior dos espaços de *atelier*

Escadas

Instalação Sanitária

Nesta reabilitação foi possível observar que os edifícios são robustos e com poucas aberturas, pelo que a entrada de luz e a ventilação é escassa, o que contribui para um ambiente interno escuro e húmido (**Fig. 45**).

Nas estruturas das Tercenas que ficam mais recuadas relativamente à Avenida 24 de Julho, estas características acentuam-se dada a sua localização no quarteirão. O espaçamento entre os edifícios oferece uma atmosfera de reclusão, onde a luz natural tem uma presença muito discreta. (**Fig. 46 e 47**)



Fig. 45. Interior do 3º piso de uma das tercenas. É importante salientar que foi preciso alterar as configurações de exposição e abertura para ser possível visualizar a fotografia, devido à escassez de luz natural
Fotografia da autora.



Fig. 46. Circulação entre as Tercenas. Travessa de José António Pereira



Fig. 47. Circulação entre as Tercenas. Beco da Galheta

Devido à diferença de cota presente no terreno que sobe pela Travessa de José Antônio Pereira, os pisos 0 desses edifícios recuados encontram-se parcialmente enterrados, o que gera ambientes ainda menos iluminados e desadequados para a nova função.

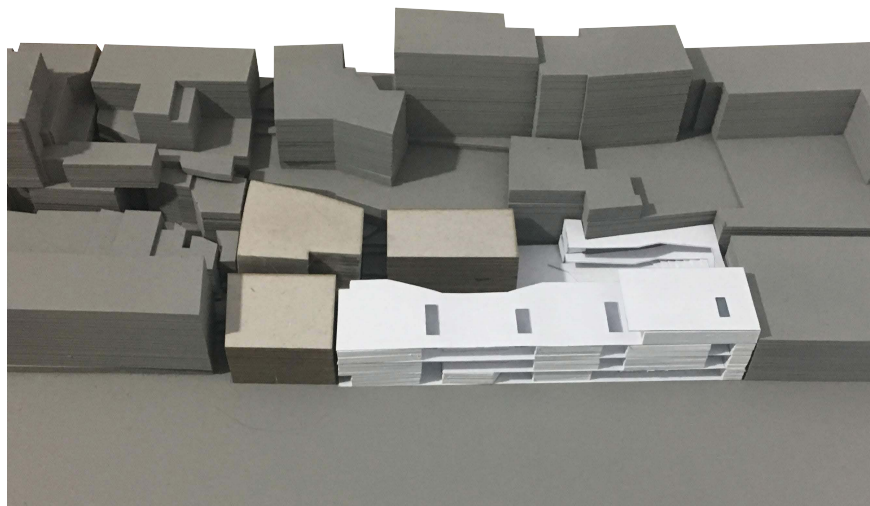


Fig. 48. Visualização da proposta. Salientar a volumetria dos 3 edifícios das Tercenas, sendo que dois desses, estão localizados no interior do quarteirão

Essas observações são as restrições mais expressivas no processo de reabilitação das Tercenas para os usos propostos. Perante essa circunstância, foi preciso considerar alternativas para promover a entrada de luz.

A estrutura interior das Tercenas é marcada pelos arcos que se articulam entre si numa estrutura de abóbodas de aresta, que suporta os pisos. Essa sucessão de arcos encerra o teto e amarra a estrutura às paredes maciças.

A luz é, então, o fator que determinou todo o desenho da reabilitação. Cada par de arco determina entre si a abóboda, pelo que foi idealizado abrir esse encontro ao centro, apenas restando os arcos de suporte.

Essa abertura funciona como um átrio que se irá repetir em todos os pisos, de modo que determina a lógica espacial de cada fração. Esta decisão, embora invasiva no que diz respeito à estrutura física do edificado preexistente, estabelece uma resposta à maior restrição que esse conjunto apresenta para ser reabilitado.

Ainda sobre esse género de módulo determinado por cada abóboda, foi considerada a inserção dos núcleos de instalação

sanitária (**Fig. 44 e 49**) como uma espécie de volume desassociado da estrutura preexistente.

A lógica da distribuição entre os pisos é semelhante à existente, porém, foram inseridas novas escadas em estrutura metálica.

Todas as intervenções nas Tercenas possuem materiais claramente distintos e que dialogam com a nova construção, numa ação deliberada de unir duas intervenções diferentes, mas que concluem um só projeto.

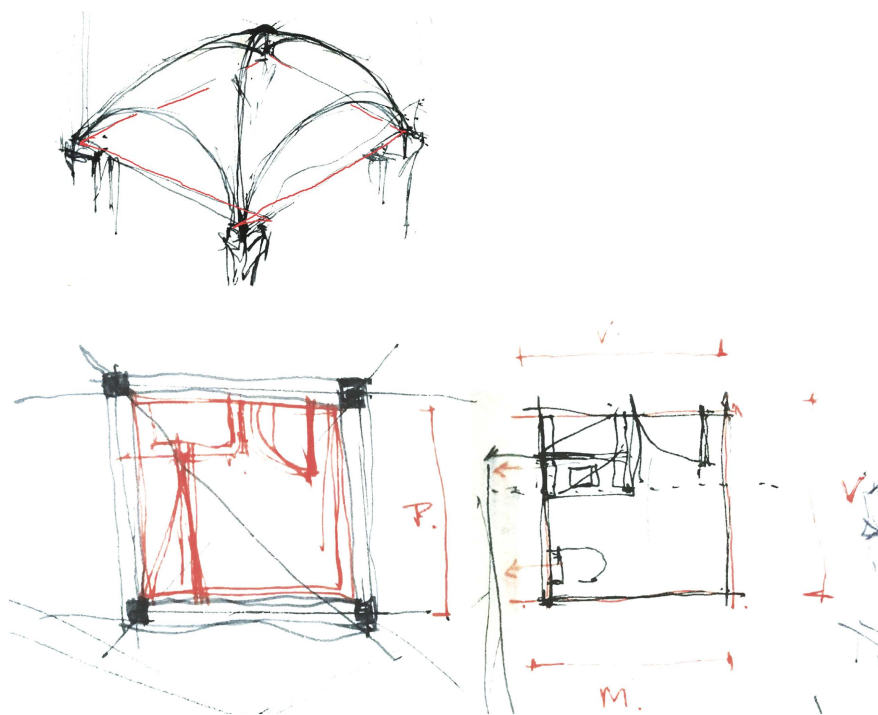


Fig. 49. Esquços de desenvolvimento. Instalações sanitárias e relação com os arcos

5.1.2. O EDIFÍCIO DAS ARTES

A proposta da nova construção desenvolve-se entre a porção sul do terreno, onde descreve uma grande frente. o edifício recebe a maior parte do programa relacionado com os espaços de trabalho.

A lógica espacial desse edifício é baseada numa sucessão de núcleos articulados entre si através de galerias. A sua descrição será realizada a partir da sua distribuição piso a piso.

O edifício desenvolve-se em 4 pisos na sua maior parte. O piso 0 está à mesma cota da rua. Neste nível, desenharam-se rasgos na estrutura metálica da fachada, indicando os acessos principais para os espaços de caráter menos privado, como as lojas e os espaços de restauração.

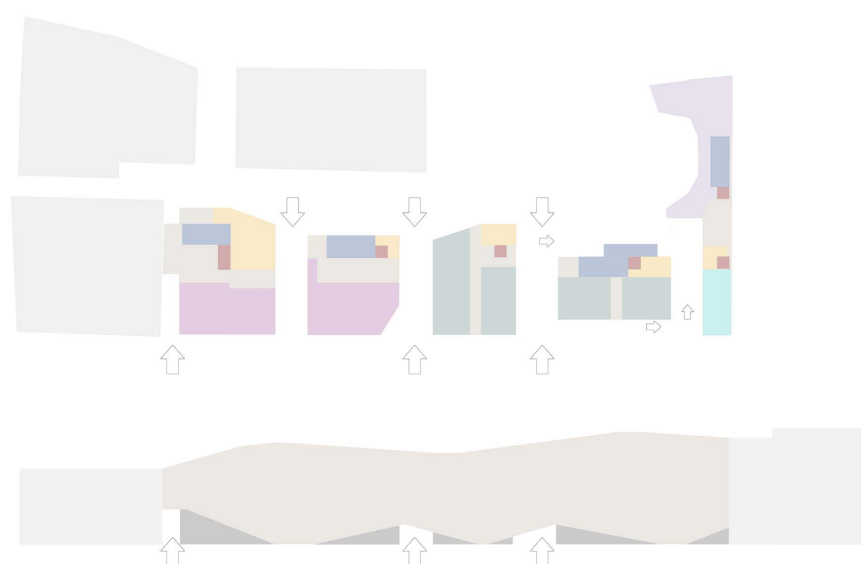


Fig. 50. Edifício das Artes. Esquema funcional e acessos do Piso 0

Escadas	Administração	Tercenas
Elevadores	Hall de entrada	Restauração
Instalações	Mezanino (Exposições)	

Este piso possui as três aberturas que direcionam os acessos perpendicularmente à rua, de modo a estimular o deslocamento para o interior do quarteirão. Intencionalmente, a distribuição para os espaços não é feita diretamente através do passeio da rua.

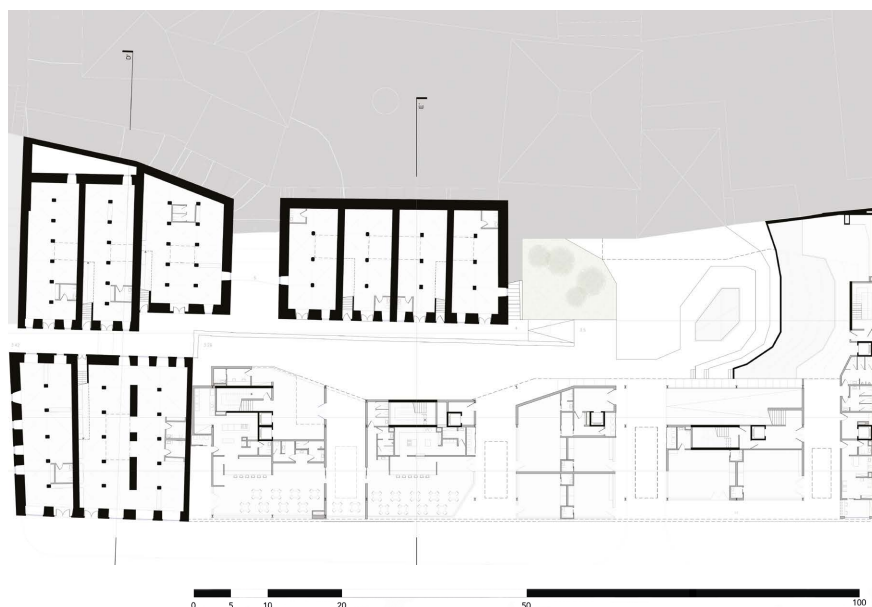


Fig. 51. Piso 0

Nestes núcleos encontram-se os acessos verticais e também, como já foi referido, as funções de carácter público, como espaços de comércio, de restauração e administrativo do edifício. É relevante mencionar que estas lojas estão destinadas, preferencialmente, à produção artística e ao design local.

No piso 0 encontra-se a rampa que dá acesso à garagem do edifício no piso -1 (**Fig.54**), que viabiliza um estacionamento controlado e que pode ser reservado por parte dos utentes do edifício.

Também no piso 0, está localizada a zona de exposição, que é um mezanino (**Fig. 52**) cujo acesso é realizado após percorrer o espaço comercial e administrativo. Este mezanino possui um núcleo de circulação vertical que encaminha para a cota -3.5 que corresponde à Oficina no piso -1 (**Fig. 54**).

Este espaço em cave é referente ao programa funcional do design no edifício e recebe grande parte das máquinas de trabalho como as de corte e gravação, estampagem, impressão 3D e etc.

A cobertura desse conjunto, composto pelo mezanino e, mais abaixo, pelo espaço oficial, é uma estrutura exterior em arquibancada (**Fig. 53**) que se tem acesso pelo piso 0 e desenvolve-se até alcançar a galeria do piso 1.

Ainda sobre o piso 0, é relevante mencionar a intenção de criar no interior do quarteirão um espaço qualificado com múltiplas valências. O espaço definido por um dos lados pelos edifícios das Tercenas é, então, continuado com um espaço exterior de auditório para performances, concertos e projeções.

O desenho do exterior e a sua ligação com o edifício procura expandir as possibilidades e os limites da própria dinâmica da comunicação da arte.

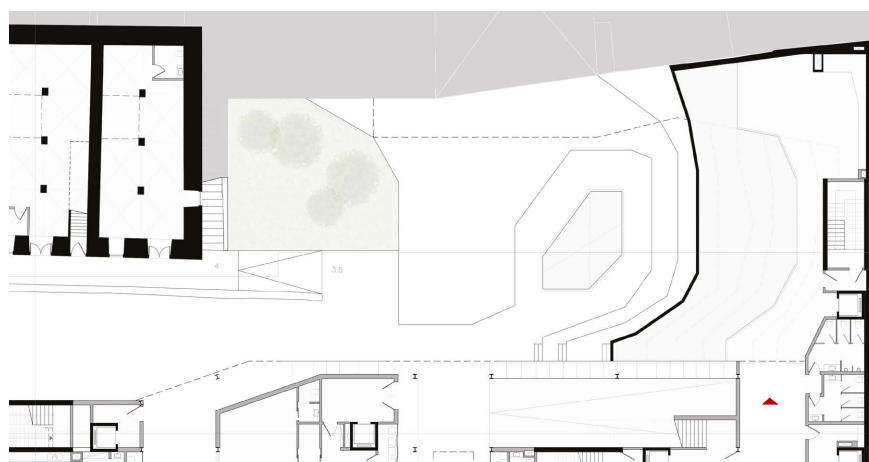


Fig. 52. Piso 0. Aproximação da zona do Mezanino. Acesso a partir da zona indicada. Escada e elevador encaminham para às Oficinas no piso -1

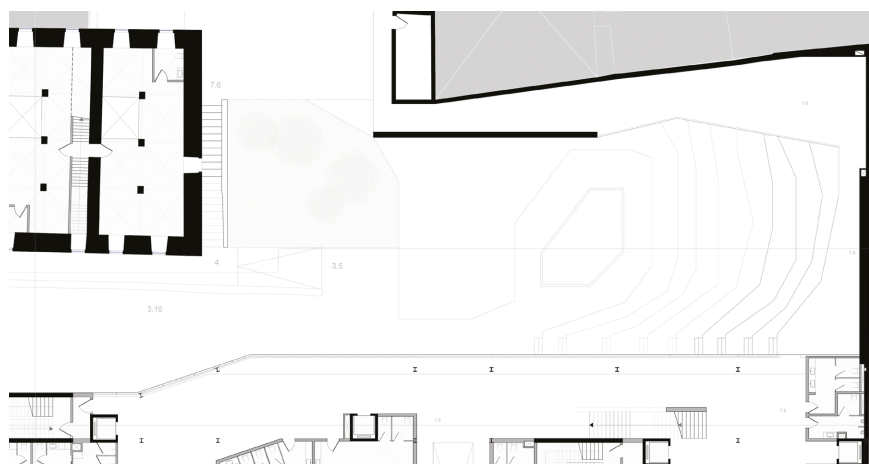


Fig. 53. Piso 1. Aproximação da zona da arquibancada exterior. Cobertura correspondente à zona do mezanino

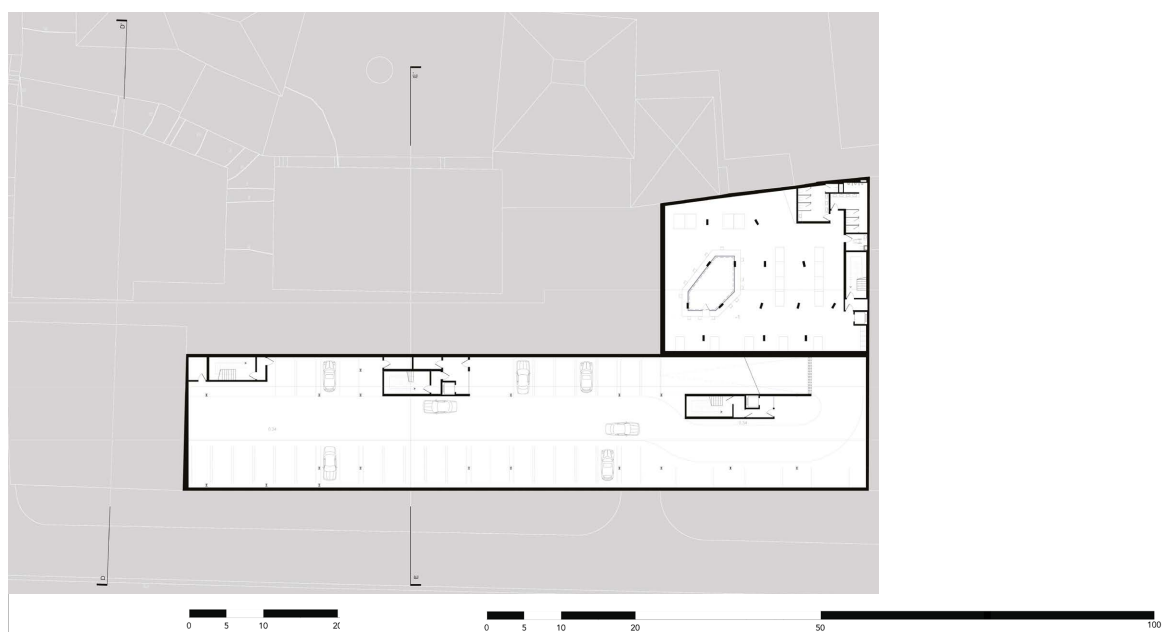


Fig. 54. Piso -1. Garagem e Oficinas

No piso 1, o primeiro núcleo é referente ao Auditório, o segundo pertence à Sala de Artes Performativas, o terceiro recebe a Sala de Modelação e Escultura, o quarto é Sala de Estudo e o último núcleo, é o *Atelier* de Moda. Como já foi referido, esses núcleos comunicam-se através de galerias generosas e espaços de circulação destinados também à permanência e ao estar.

Agaleria mais extensa está localizada na parte posterior do edifício. Nela, é possível observar projeções filmes ou documentários que são projetados na parede do interior do quarteirão. A intenção é proporcionar uma dimensão cénica da própria estrutura do espaço interior.

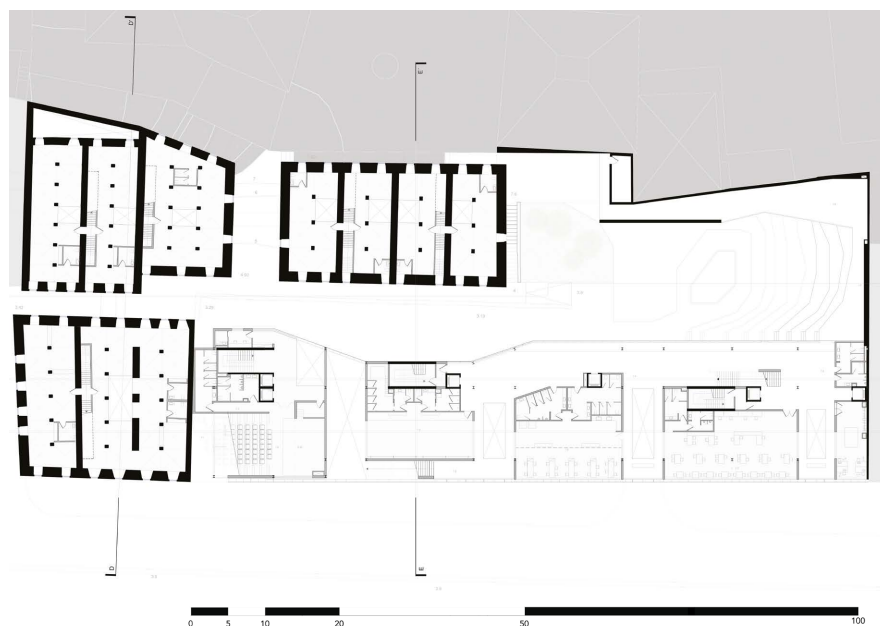


Fig. 55. Piso 1

No piso 2, à semelhança do anterior, os núcleos de trabalho articulam-se volta a uma galeria cuja maior dimensão está na porção posterior do edifício. Nesse piso encontra-se então a extensão vertical do Auditório, mais uma Sala de Artes Performativas, uma Sala de Ofícios, no mezanino, uma Sala Polivalente e o último núcleo é a Sala de Ensaio de Música.

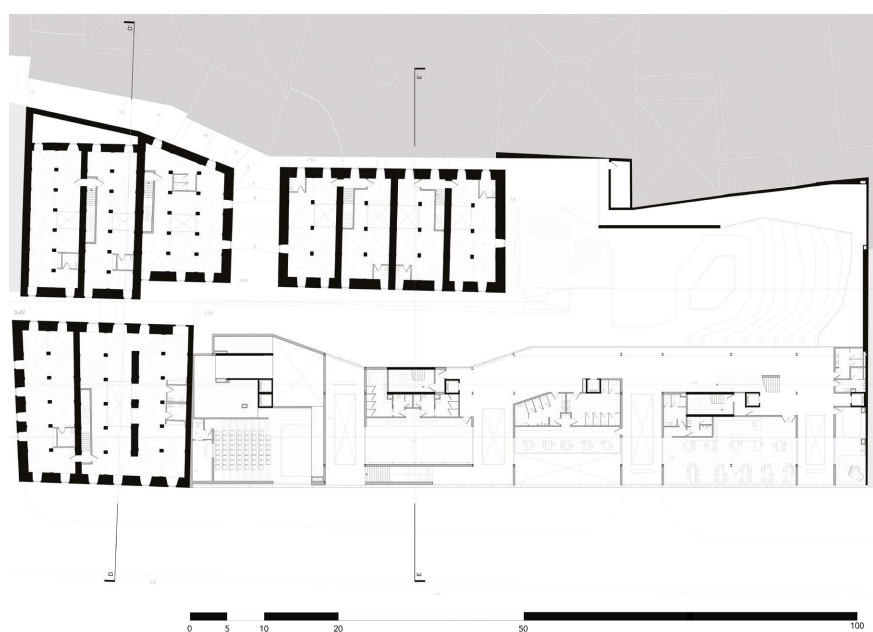


Fig. 56. Piso 2

O último piso desenvolve um terraço na parte poente do edifício

Intencionalmente, somente nesse piso é possível ver e aceder a todo o conjunto das Tercenas através das suas coberturas ligadas pelos arcos. O terraço-jardim desafogado permite uma apreciação na medida daquilo que é o argumento principal deste trabalho: a relação que podemos estabelecer atualmente entre o conjunto das Tercenas e o Rio Tejo.



Fig. 57. Piso 3

5.2. A MATÉRIA

O corpo do edificado é significado pela sua matéria, pela sua textura, cor, cheiro, dimensão, temperatura e aspeto. Um objeto contruído abrange essas qualidades que definem um todo que é único.

O sentido nasce quando se consegue criar no objecto arquitectónico significados de certos materiais que só neste singular objecto se podem sentir desta maneira.³⁶

Neste trabalho, foi preciso compreender e conjugar diversos materiais, cujas temporalidades dissemelhantes geram uma articulação daquilo que final, é um corpo único.

Nas Tercenas, a massa da construção é evidente, o seu carácter utilitário e a sua época de construção revelam uma tecnologia construtiva robusta. Paredes de alvenaria de pedra com uma espessura significativa e uma sucessão de arcos e abóbodas de aresta travam a estrutura e sustentam os 3 pisos que compõem cada edifício. Foi decidido distinguir, claramente, os traços, ainda que discretos, da nossa intervenção.

As Tercenas foram, certamente, alvo de alterações ao longo do tempo. Por exemplo, são perceptíveis as alterações em alguns vãos, portas que foram alargadas ou janelas que já não seguem a métrica inicial.

A nossa intervenção procura restabelecer um estado semelhante ao que à métrica original sugere. Por exemplo, para corrigir as janelas, o vão será reposicionado segundo a métrica, porém, o espaço que corresponde à diferença deverá ser marcado por um outro material para produzir algum contraste. A caixilharia e as escadas também devem obedecer a um desenho mais elegante. Propomos que sejam metálicas para se conjugarem, serenamente, com a nova intervenção.

Diante da construção robusta das Tercenas, decidiu-se não compartimentar o interior, à exceção das instalações sanitárias,

³⁶ ZUMTHOR, Peter. 2009, p. 10

pelo que os espaços são amplos e indefinidos e podem ser encerrados temporariamente por estruturas móveis.

A abertura tipo pátio é o ato mais pronunciado da reabilitação. Como mencionado, foi necessário adequar as estruturas preexistentes às exigências atuais, nomeadamente de iluminação natural e arejamento.

No novo edifício, a estrutura metálica segue como sendo o material que mais define a sua configuração final. Foi possível estabelecer grandes vãos e consequentemente amplos espaços de trabalho, circulação e estar.

As galerias são muito presentes e expressivas no edifício, pois a circulação é um espaço para ser vivido e não apenas percorrido. É possível, estando no tardo do edifício, ver projeções na parede oposta e observar o pátio com a arquibancada exterior. As chapas metálicas que revestem o edifício criam uma pele fina, definindo um espaço semiexterior nas galerias. Esta decisão reforça a intenção de estabelecer uma relação visual com o exterior e principalmente com o Rio Tejo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procurou-se compreender o desenvolvimento histórico de Lisboa e da sua relação com o Rio Tejo. A correspondência entre a cidade e a costa deixou marcas em seu território, devido às transformações sofridas em diferentes momentos do seu desenvolvimento, que são visíveis até os dias de hoje.

O contexto em foco para esta investigação foi a área das Tercenas do Marquês na zona de Santos. Foi possível verificar problemáticas de um tecido urbano muito representativo das alterações territoriais da costa de Lisboa. Atualmente, esse fragmento esquecido da antiga orla está cercado por edifícios de diferentes épocas e linguagens arquitetónicas.

Há claramente uma forte presença no conjunto das Tercenas e nos seus recônditos becos e travessas, numa configuração que remete ao tempo da orla quinhentista. A sua espacialidade, o seu valor histórico e patrimonial e todas as novas influências que hoje definem a zona de Santos reforçam a necessidade da reabilitação do edificado das Tercenas do Marquês.

Foi preciso compreender algumas questões que envolvem a reflexão teórica e crítica para a elaboração de uma proposta de projeto dentro do atual tecido de diferentes temporalidades que caracterizam a ribeira de Santos.

Com base nessa pesquisa e reflexão crítica, elaborou-se uma proposta de reabilitação das Tercenas do Marquês dentro de um plano de intervenção. Também se inseriu uma nova estrutura edificada definindo uma nova realidade no interior do quarteirão.

Essa intervenção procurou apresentar uma possível solução e um novo significado para aquele tecido urbano de Santos-o-Velho. A proposta apresentou uma nova função dinamizadora, não só para o conjunto, como também para a zona de Santos, face às variáveis que percorreram esse processo de trabalho.

A nossa investigação culminou na proposta de projeto para

área de interesse. Os resultados obtidos em projeto até a fase de conclusão foram suficientes para clarificar os objetivos desta investigação em Arquitetura.

Partimos da intenção de estudar o local de intervenção para desenvolver uma proposta projetual consistente, em termos de restauro e reabilitação do edificado, e interessante, do ponto de vista programático. Dada a vocação do Bairro de Santos propusemos um programa orientado para a produção criativa.

Alguns aspetos, entretanto, poderiam ter sido mais desenvolvidos, nomeadamente a ligação entre a nova obra e a pré-existência. Seria preciso, numa eventual revisão ao projeto, aprofundar algumas decisões acerca do toque entre a nova estrutura edificada e o edifício das Tercenas.

No entanto, o projeto apresentado, apesar de carecer de pormenorização e de mais exploração de possibilidades para resolver o encontro das novas estruturas com as pré-existentes, cumpre o propósito de reabilitar e reutilizar o núcleo das Tercenas do Marquês.

7.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria Paula e INFANTE, Sérgio. 1992, Lisboa, freguesia de Santos-o-Velho, Lisboa, Contexto Editora.

ARAÚJO, Norberto. 1993, Peregrinações em Lisboa - Vol. XIII, Lisboa, Vega.

BOTTON, Alain de. 2009, A Arquitectura da Felicidade. Lisboa, Dom Quixote.

BRANDÃO, Pedro. 1996, Lisboa do Tejo, a Ribeirinha. 1ªEdição, Lisboa, Argumentum.

BRANDI, Cesare. 2004, Teoria da Restauração. Cotia - SP, Ateliê Editorial.

CAETANO, Carlos. 2004, A Ribeira de Lisboa na Época da Expansão Portuguesa (Séculos XV a XVIII), Lisboa, Pandora.

Carta de Lisboa, 1º Encontro Luso-Brasileiro de Reabilitação Urbana Lisboa, 1995. Disponível em: https://www.culturanorte.pt/fotos/editor2/1995__carta_de_lisboa_sobre_a_reabilitacao_urbana_integrada-1º_encontro_luso-brasileiro_de_reabilitacao_urbana.pdf

Carta de Nizhny Tagil. Disponível em: <https://www.icomos.org/18thapril/2006/nizhny-tagil-charter-e.pdf>

Carta de Veneza. Disponível em: https://www.icomos.org/charters/venice_e.pdf

CASTILHO, Júlio de. 1893, A Ribeira de Lisboa Descrição Histórica da margem do Tejo desde a Madre-de-Deus até Santos-o-Velho. Lisboa. Imprensa Nacional.

CHAVES, Castelo Branco. 1989, (tradução, prefácio. e notas). O Portugal de Dom João V visto por três forasteiros. Lisboa, Biblioteca Nacional.

COSTA, A. Celestino. 1962, Lisboa, A Evolução de uma Cidade, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2ª Edição.

FERRÃO, Leonor. 2017, Eugénio dos Santos (1711-1760), arquitecto e engenheiro militar: cultura e prática de arquitectura em Portugal no século XVIII. Lisboa, By the Book.

FRANÇA, José-Augusto. 2005, Lisboa: Urbanismo e Arquitectura, Lisboa, Livros Horizonte.

GASPAR, Jorge. 1985, A Dinâmica Funcional do Centro de Lisboa, Lisboa. Livros Horizonte.

LOPES, Flávio. e CORREIA, Miguel Brito. 2014, Património Cultural - Critérios e Normas Internacionais de Protecção, Lisboa, Caleidoscópio.

MOITA, Irisalva. 1994, O Livro de Lisboa. Lisboa, Livros Horizonte.

NABAIS, António.J.C. Maia. Património Marítimo Portuário em Portugal. Portus N°6, 2003. p.12-17. Disponível em: <http://retedigital.com/publicaciones/portus>

PEDROSA, Fernando Gomes. As Tercenas Medievais e a Terçanabal do Infante D. Henrique. Lisboa, Academia da Marinha, 2013. Disponível em: https://academia.marinha.pt/pt/academiademarinha/Edies/Mem%C3%B3rias_2013.pdf

SILVA, Augusto Vieira da. 1943, As Freguesias de Lisboa (Estudo Histórico), Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa.

ZUMTHOR, Peter. 2009, Pensar a Arquitectura. Barcelona, Editorial Gustavo Gilli.

8. BIBLIOGRAFIA

HISTÓRIA DA CIDADE

ALVES, Maria Paula e INFANTE, Sérgio. 1992, Lisboa, freguesia de Santos-o-Velho, Lisboa, Contexto Editora.

ARAÚJO, Norberto. 1993, Peregrinações em Lisboa - Vol. XIII, Lisboa, Vega.

CAETANO, Carlos. 2004, A Ribeira de Lisboa na Época da Expansão Portuguesa (Séculos XV a XVIII), Lisboa, Pandora.

CARITA, Helder. 1999, Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna (1495-1521). Lisboa. Livros Horizonte.

CASTILHO, Júlio de. 1893, A Ribeira de Lisboa Descrição Histórica da margem do Tejo desde a Madre-de-Deus até Santos-o-Velho. Lisboa. Imprensa Nacional.

CHAVES, Castelo Branco. 1989, (tradução, prefácio. e notas). O Portugal de Dom João V visto por três forasteiros. Lisboa, Biblioteca Nacional.

COSTA, A. Celestino. 1962, Lisboa, A Evolução de uma Cidade, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2ª Edição.

FERRÃO, Leonor. 2017, Eugénio dos Santos (1711-1760), arquitecto e engenheiro militar: cultura e prática de arquitectura em Portugal no século XVIII. Lisboa, By the Book.

FRANÇA, José-Augusto. 2005, Lisboa: Urbanismo e Arquitectura, Lisboa, Livros Horizonte.

FRANÇA, José-Augusto. 1989, A Reconstrução de Lisboa e a Arquitectura Pombalina. Lisboa, Biblioteca Breve, 3ª Edição.

GASPAR, Jorge. 1985, A Dinâmica Funcional do Centro de Lisboa, Lisboa. Livros Horizonte.

GÓIS, Damião de. 2001, Descrição da Cidade de Lisboa, Lisboa. Livros Horizonte, 2ª Edição.

MENEZES, José de Vasconcellos e. 1986, Tercenas de Lisboa - I, Lisboa Revista Municipal, Lisboa, Edição da CML. Ano XLVII, 2ª série, nº 16. Disponível em: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/LisboaRevM/N16/N16_master/N16.pdf

MENEZES, José de Vasconcellos e. 1986, Tercenas de Lisboa - II, Lisboa Revista Municipal, Lisboa, Edição da CML. Ano XLVII, 2ª série, nº 17. Disponível em: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/LisboaRevM/N17/N17_master/N17.pdf

MENEZES, José de Vasconcellos e. 1986, Tercenas de Lisboa - III, Lisboa Revista Municipal, Lisboa, Edição da CML. Ano XLVIII, 2ª série, nº 19. Disponível em: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/LisboaRevM/N19/N19_master/N19.pdf

MOITA, Irisalva. 1994, O Livro de Lisboa. Lisboa, Livros Horizonte.

PEDROSA, Fernando Gomes. 2013, As Tercenas Medievais e a Terçanabal do Infante D. Henrique. Lisboa, Academia da Marinha. Disponível em: https://academia.marinha.pt/pt/academiademarinha/Edies/Mem%C3%B3rias_2013.pdf

ROSSA, Walter. 2002, A Urbe e o Traço. Uma década de estudos sobre o urbanismo português. Almedina.

SANTOS, Maria João. 2006, O Largo Vitorino Damásio (Santos-o-Velho, Lisboa): Contributo para a história da zona ribeirinha de Lisboa. Revista Portuguesa de Arqueologia. Vol. 9. Nº 2. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/>

revistaportuguesadearqueologia/9_2/4/19-p.369-400.pdf

SILVA, Augusto Vieira da. 1943, As Freguesias de Lisboa (Estudo Histórico), Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa.

SILVA, A. Vieira da. 1950, Plantas topográficas de Lisboa. Lisboa, Oficinas tipográficas da Câmara Municipal de Lisboa.

REABILITAÇÃO E RESTAURO

AGUIAR, José. 2002, Cor e cidade histórica. Estudos cromáticos e conservação do património. 1ª Edição, Porto, FAUP.

BEINHAUER, Peter. 2014, Atlas de detalhes construtivos: nova edição. 2ª Ed. Barcelona, Editorial Gustavo Gili.

BRANDI, Cesare. 2004, Teoria da Restauração. Cotia - SP, Ateliê Editorial.

Carta de Lisboa. 1995, 1º Encontro Luso-Brasileiro de Reabilitação Urbana Lisboa. Disponível em: https://www.culturanorte.pt/fotos/editor2/1995__carta_de_lisboa_sobre_a_reabilitacao_urbana_integrada-1º_encontro_luso-brasileiro_de_reabilitacao_urbana.pdf

Carta de Nizhny Tagil. 2003, Disponível em: <https://www.icomos.org/18thapril/2006/nizhny-tagil-charter-e.pdf>

Carta de Veneza. 1964, Disponível em: https://www.icomos.org/charters/venice_e.pdf

GRACIA, Francisco de. 2001, Construir en lo Construido: La arquitectura como modificacion, Madrid, Ed. Nerea.

LOPES, Flávio. e CORREIA, Miguel Brito. 2014, Património Cultural - Critérios e Normas Internacionais de Proteção, Lisboa, Caleidoscópio.

MUÑOZ Cosme, Alfonso. Historias de la restauración. Viollet-le-Duc versus Ruskin? Revista Arquitectura Viva 172. Madrid, Espanha: Arquitectura Viva SL, 2015. p150-153

FRENTES RIBEIRINHAS

BEBIANO, João Prates. 2003, A Reestruturação portuária de 1993 em Portugal. N°6, p. 4-11. Disponível em: <http://retedigital.com/publicaciones/portus>

BLOT, Maria Luísa B.H. Pinheiro. 2003, Os Portos na Origem dos Centros Urbanos - Contributo para a arqueologia das cidades flúvio-marítimas em Portugal. Instituto Português de Arqueologia, Lisboa. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/trabalhosdearqueologia/28/7.pdf>

BRANDÃO, Pedro. 1996, Lisboa do Tejo, a Ribeirinha. 1ªEdição, Lisboa, Argumentum.

BRUTTOMESSO, Rinio. 2010, Para una historia de la ciudad portuaria. Desde los orígenes hasta la era industrial. Portus N°19, p. 9-13. Disponível em: <http://retedigital.com/publicaciones/portus>

CABRAL, Natércia Rêgo. 2001, Revitalização das frentes ribeirinhas no porto de Lisboa. Portus N°1, p. 4-7. Disponível em: <http://retedigital.com/publicaciones/portus>

COSTA, João Pedro. 2007, A renovação urbana nos grandes complexos portuários do século XX: novos territórios, novas dinâmicas. Portus N°14, p. 33-37. Disponível em: <http://retedigital.com/publicaciones/portus>

HARPER. Phineas. 2014, Architecture & Water documentary. Part 1: A river runs through it. The Architecture Review e Old Royal Naval College. Disponível em: <https://www.architectural-review.com/films/architecture-and-water-part-1-a-river-runs-through-it/8671328.article?search=https%3a%2f%2fwww.architectural->

review.

HARPER. Phineas. 2014, Architecture & Water documentary. Part 2: Gentrification machine? The Architecture Review. Disponível em: <https://www.architectural-review.com/films/architecture-and-water-part-2-gentrification-machine/8671589.article?search=https%3a%2f%2fwww.architectural-review>.

HARPER. Phineas. 2014, Architecture & Water documentary. Part 3: Water Park. The Architecture Review. Disponível em: <https://www.architectural-review.com/films/architecture-and-water-part-3-waterpark/8671931.article?search=https%3a%2f%2fwww.architectural-review.com%2fsearcharticles%3fkeywords%3dwater+documentary.com%2fsearcharticles%3fkeywords%3dwater+documentary>.

NABAIS, António.J.C. Maia. Património Marítimo Portuário em Portugal. Portus N°6, 2003. p.12-17. Disponível em: <http://retedigital.com/publicaciones/portus>

ARQUITETURA E PROJETO

BOTTON, Alain de. 2009, A Arquitectura da Felicidade. Lisboa, Dom Quixote.

HERZOG e MEURON. Edificio Caixa Fórum. Revista AV monografias 114. Madrid, Espanha: Arquitectura Viva SL, 2015. p150-153

PEROVIC e BEVCK. Rehabilitation of Drama Theatre. Revista AV. Proyectos 84. Madrid, Espanha: Arquitetctura Viva SL, 2017. p.24-27.

VARGAS, Heliana C. & CASTILHO, Ana Luisa H. de. 2015, Intervenções Em Centros Urbanos: Objetivos, Estratégias e Resultados. Manole, 3ª edição.

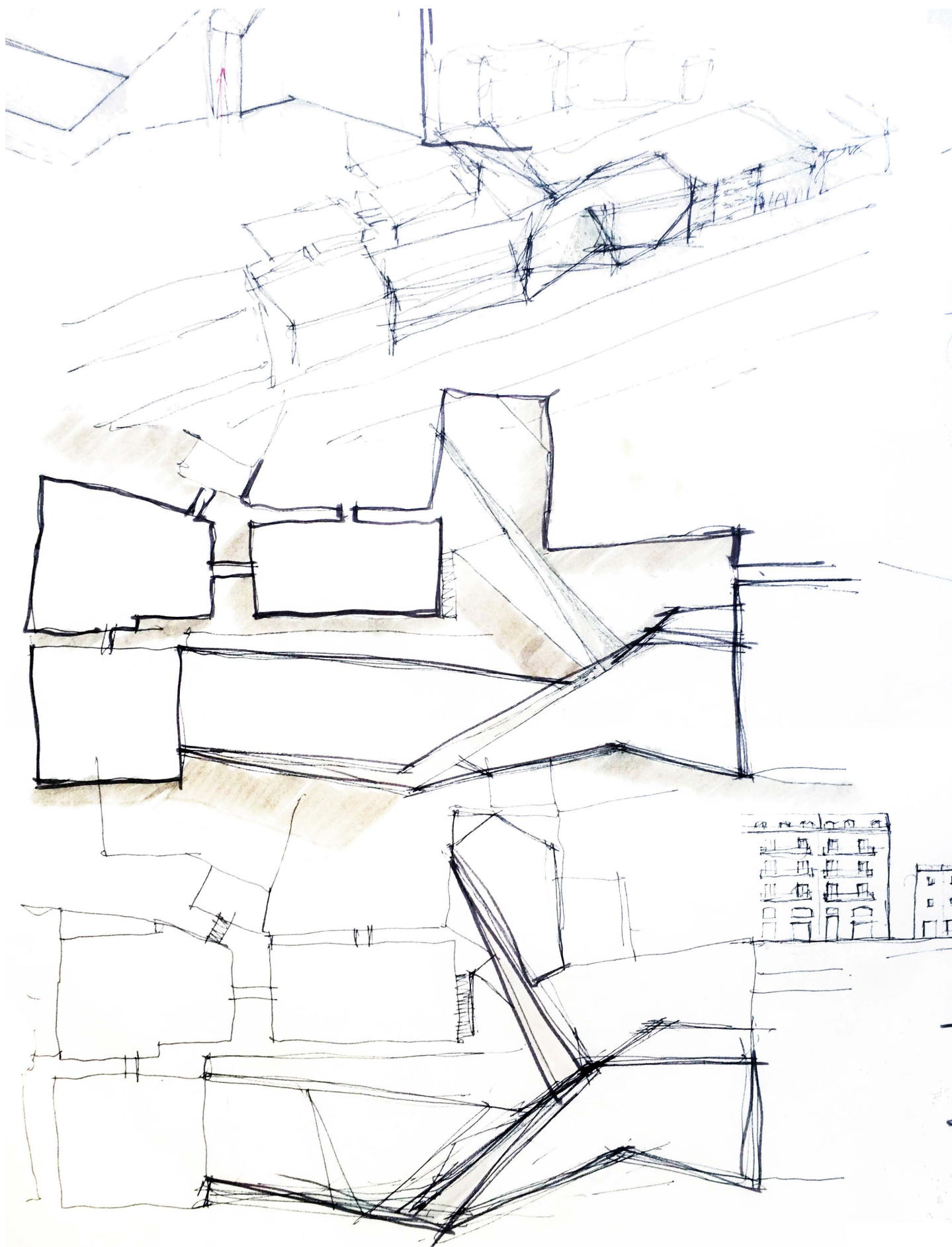
ZUMTHOR, Peter. 2009, Pensar a Arquitectura. Barcelona, Editorial Gustavo Gilli.

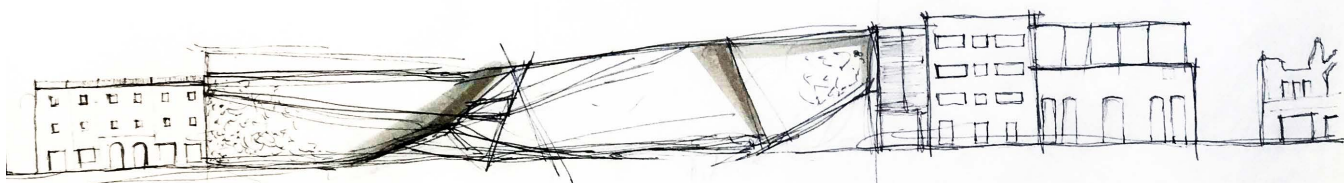
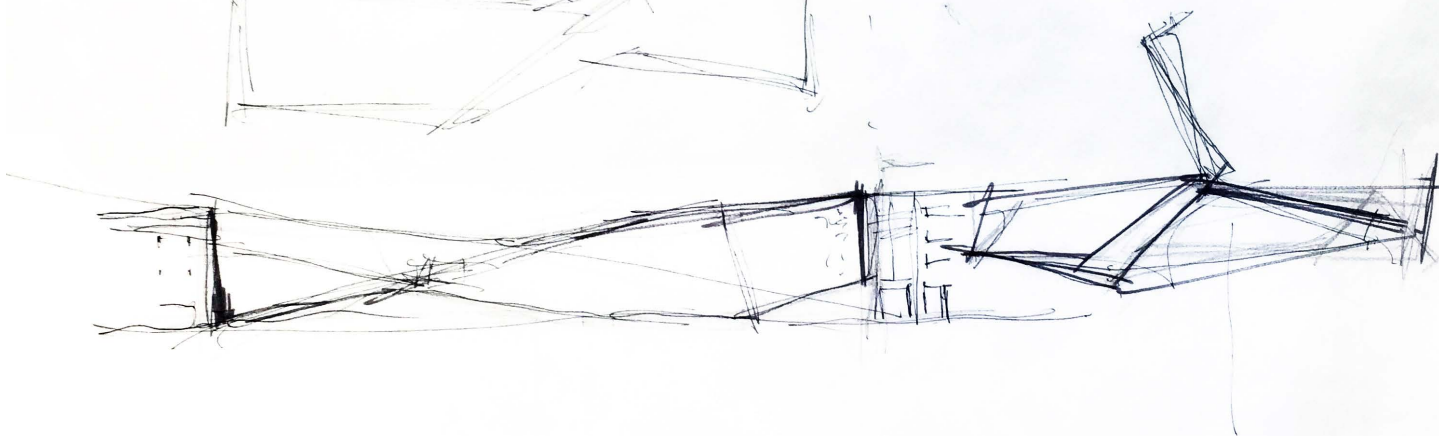
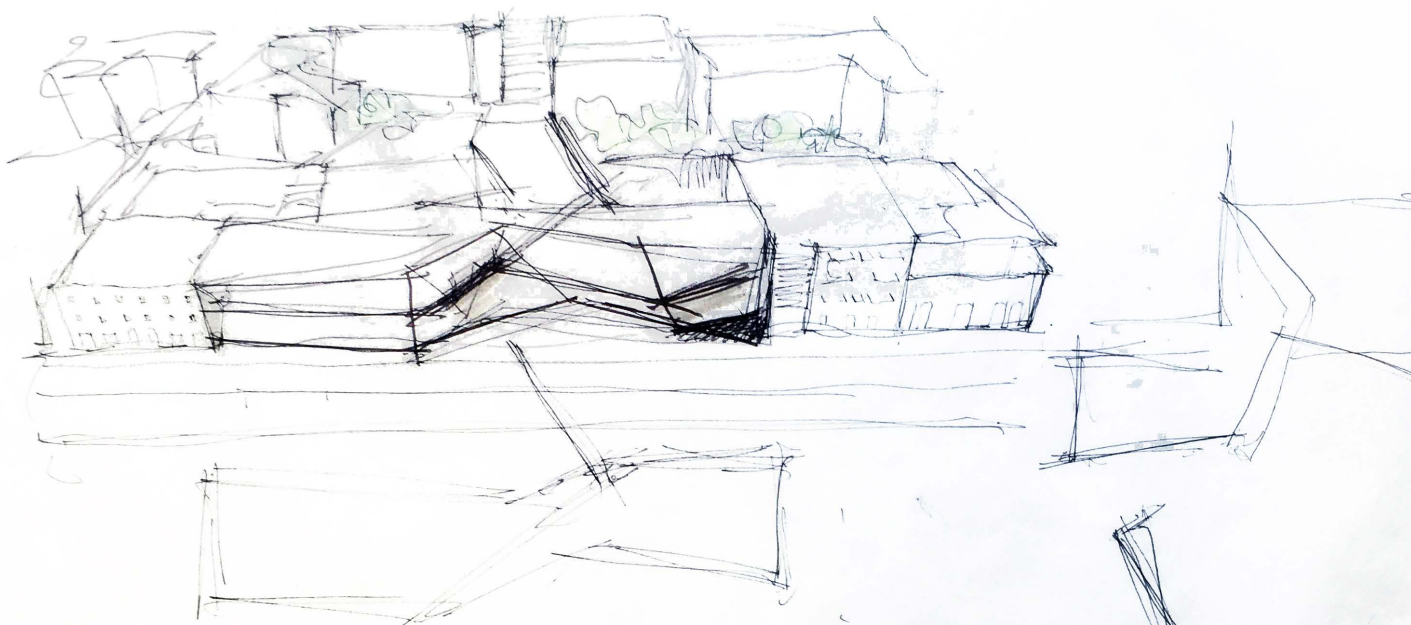
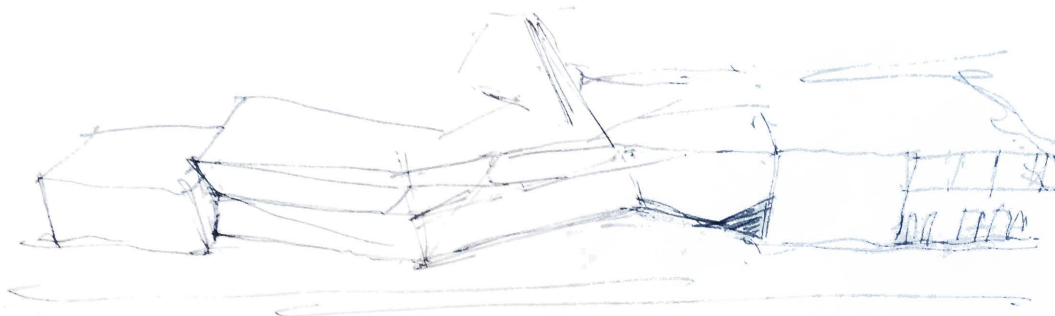
9. ANEXOS

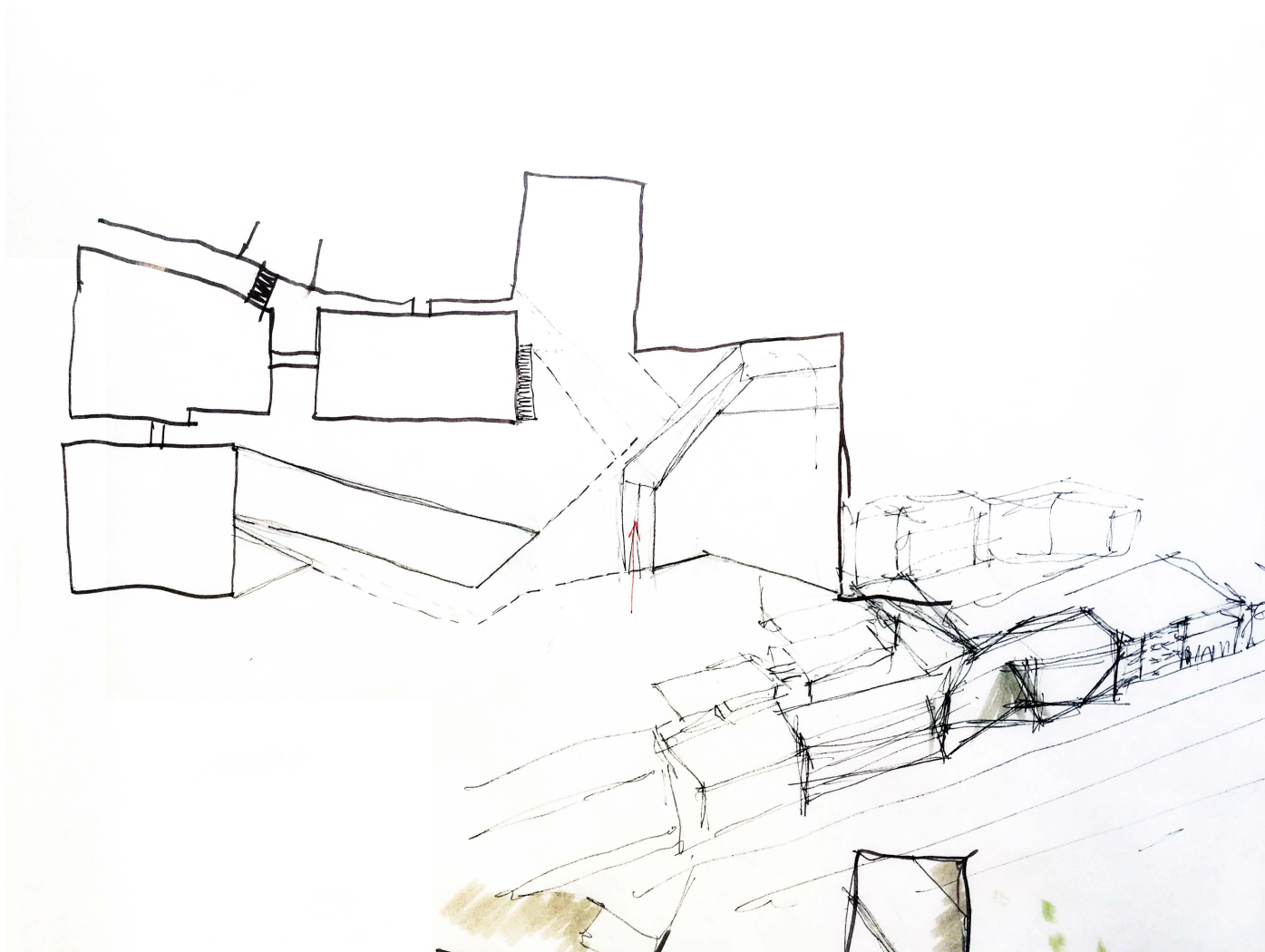
Esquços do processo

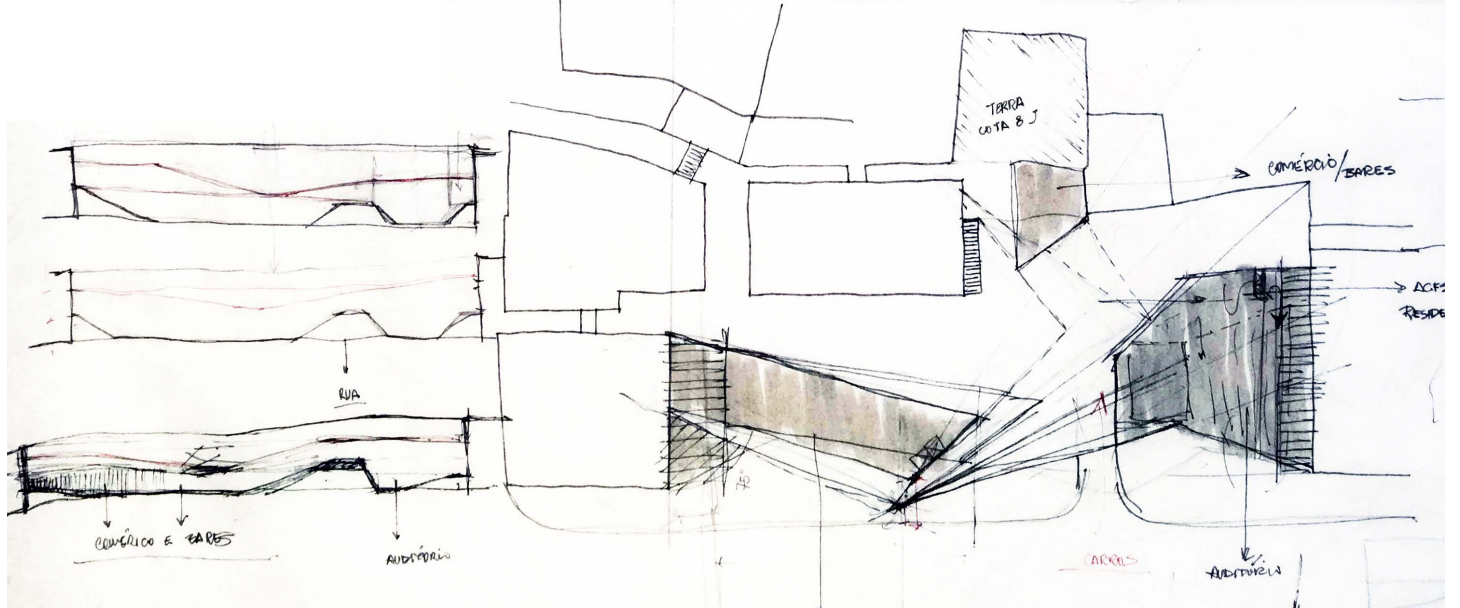
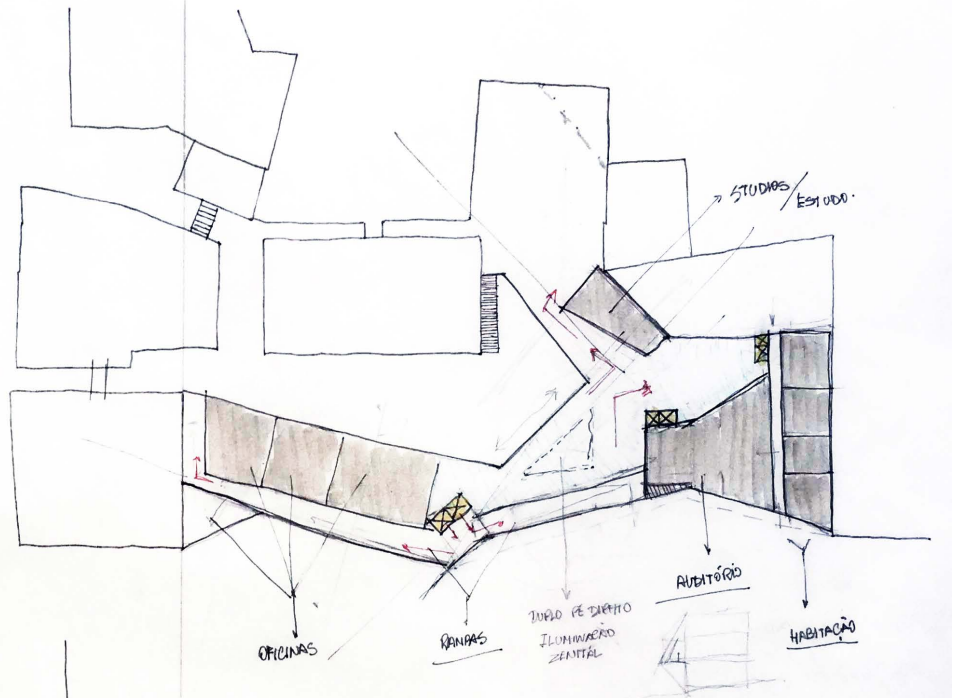
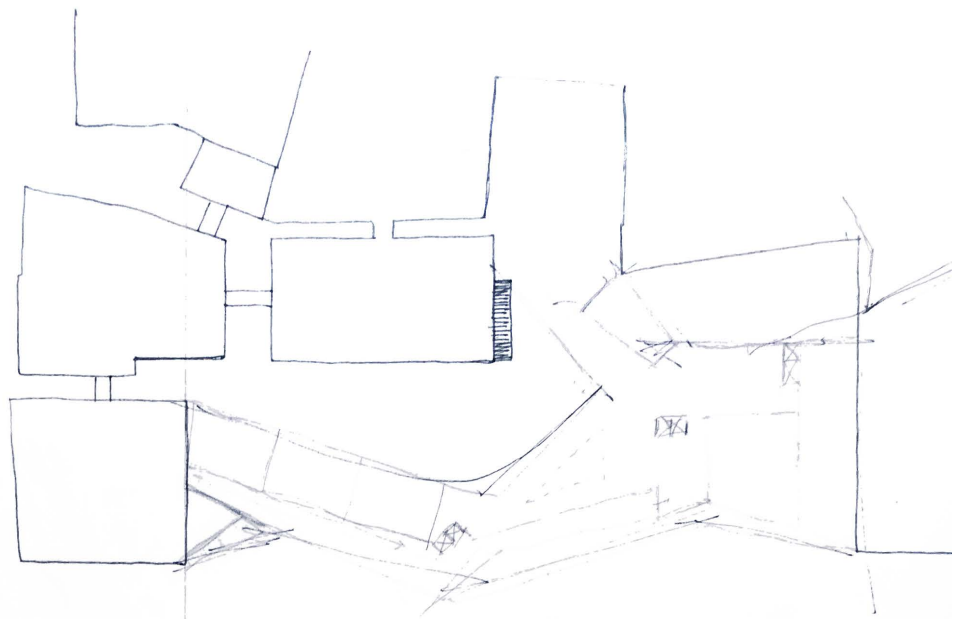
Maquetes

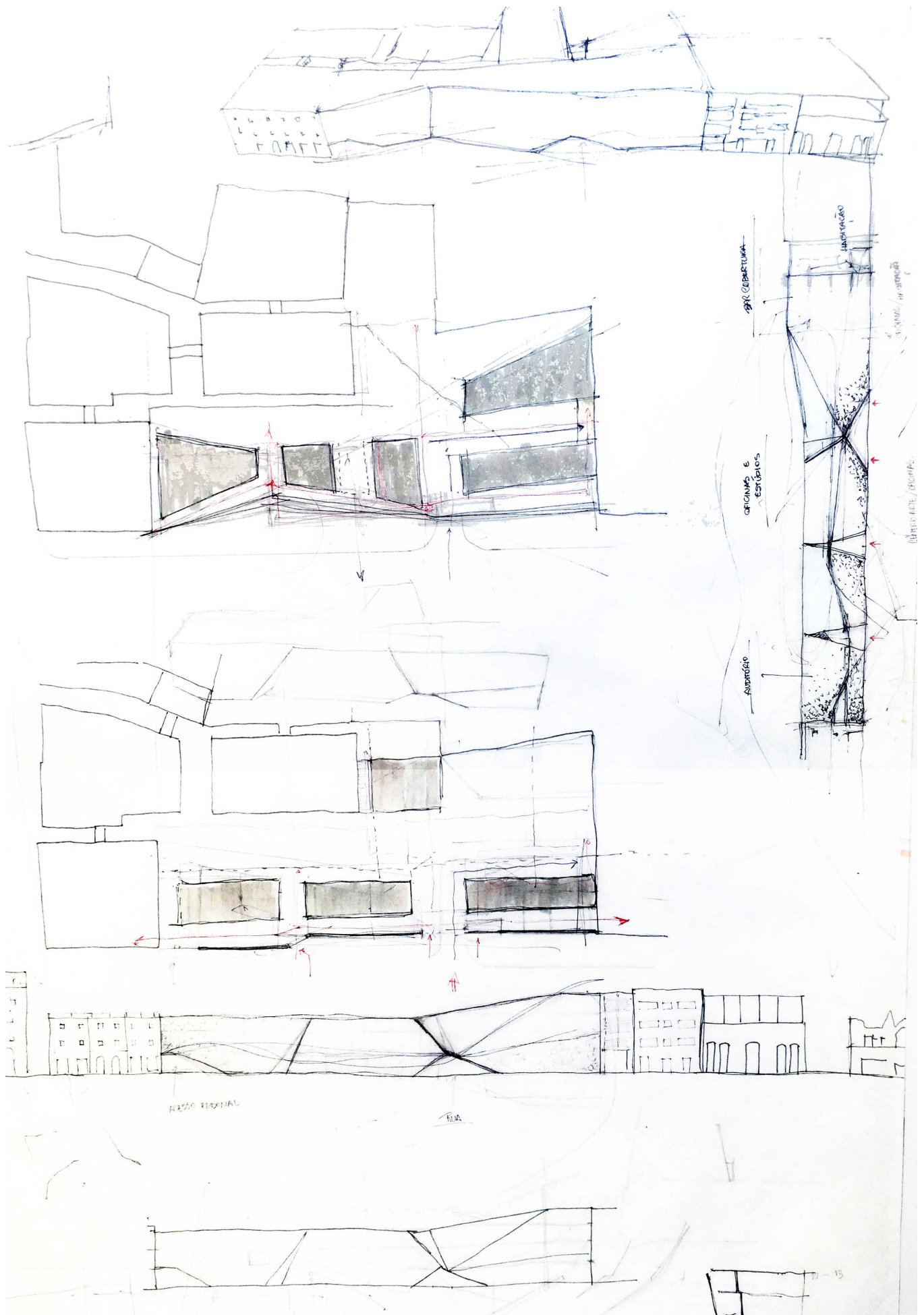
Desenhos Finais

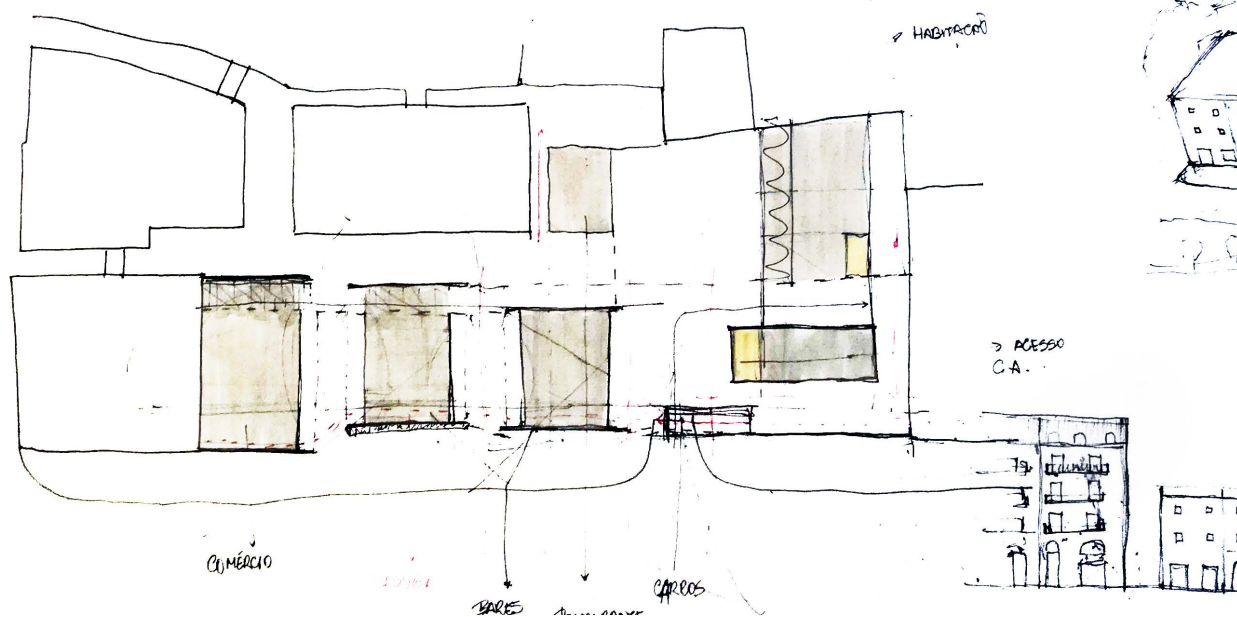
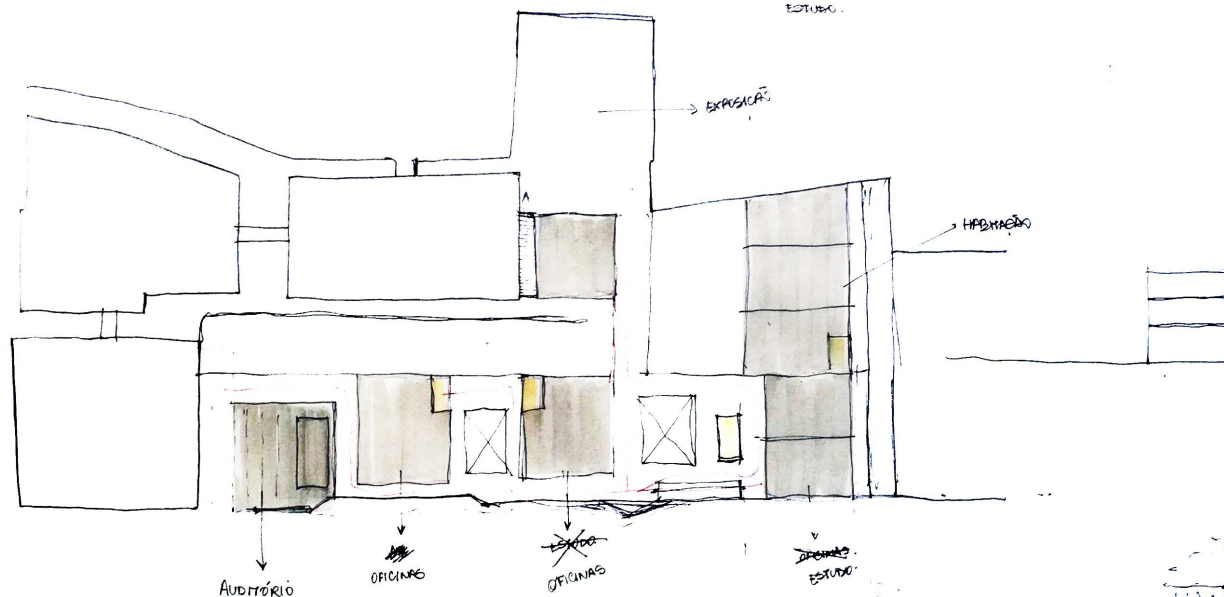
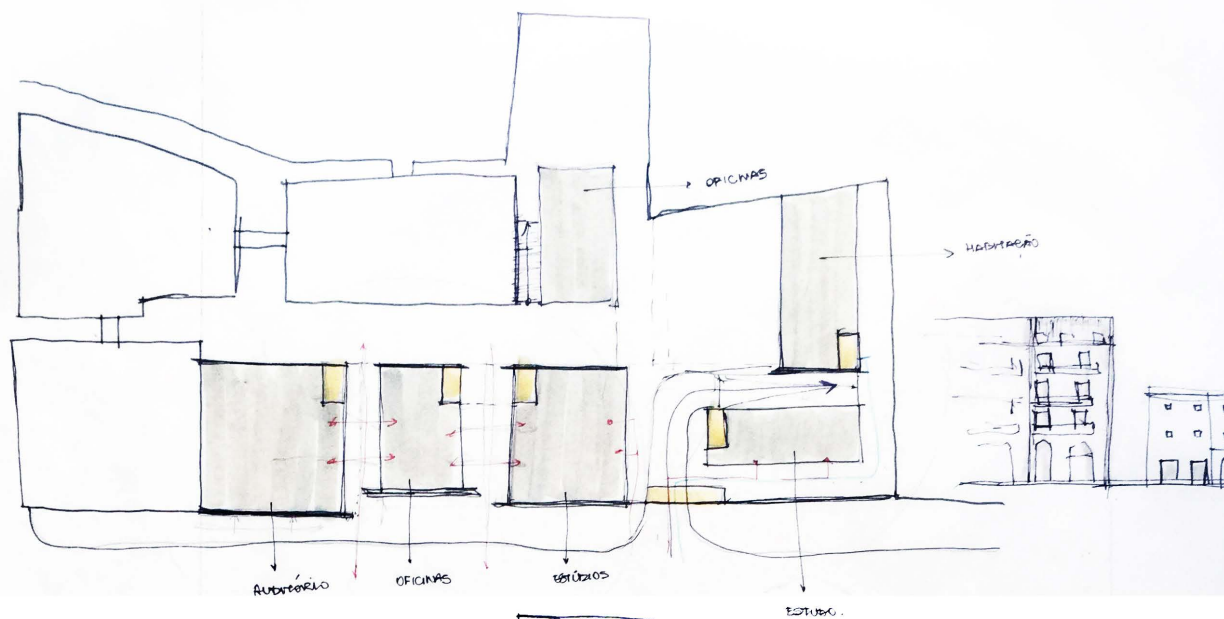


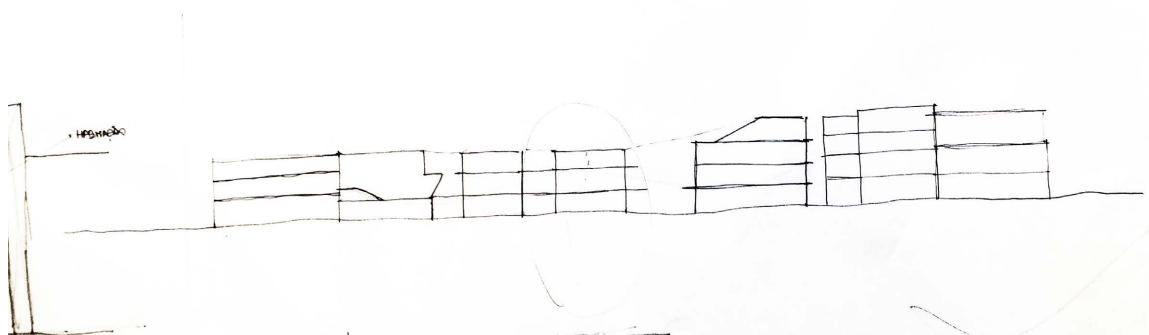
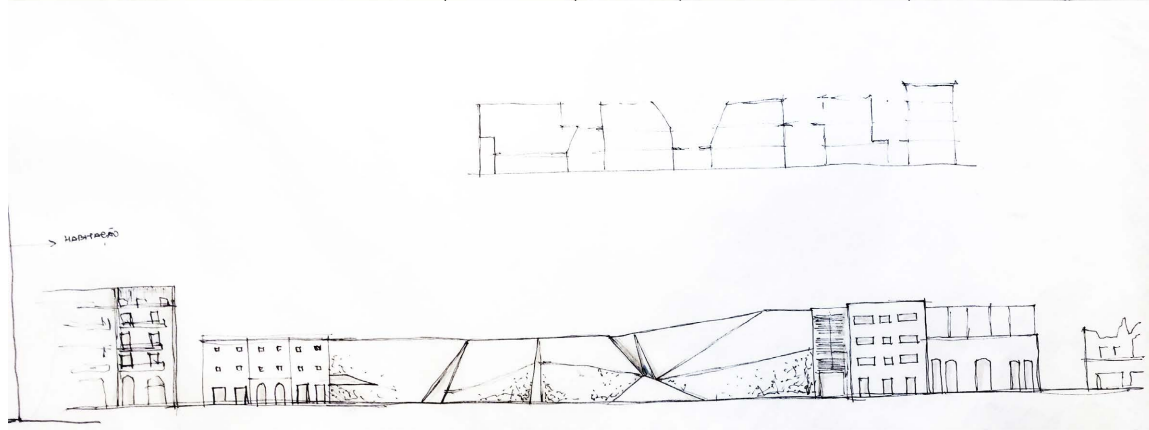
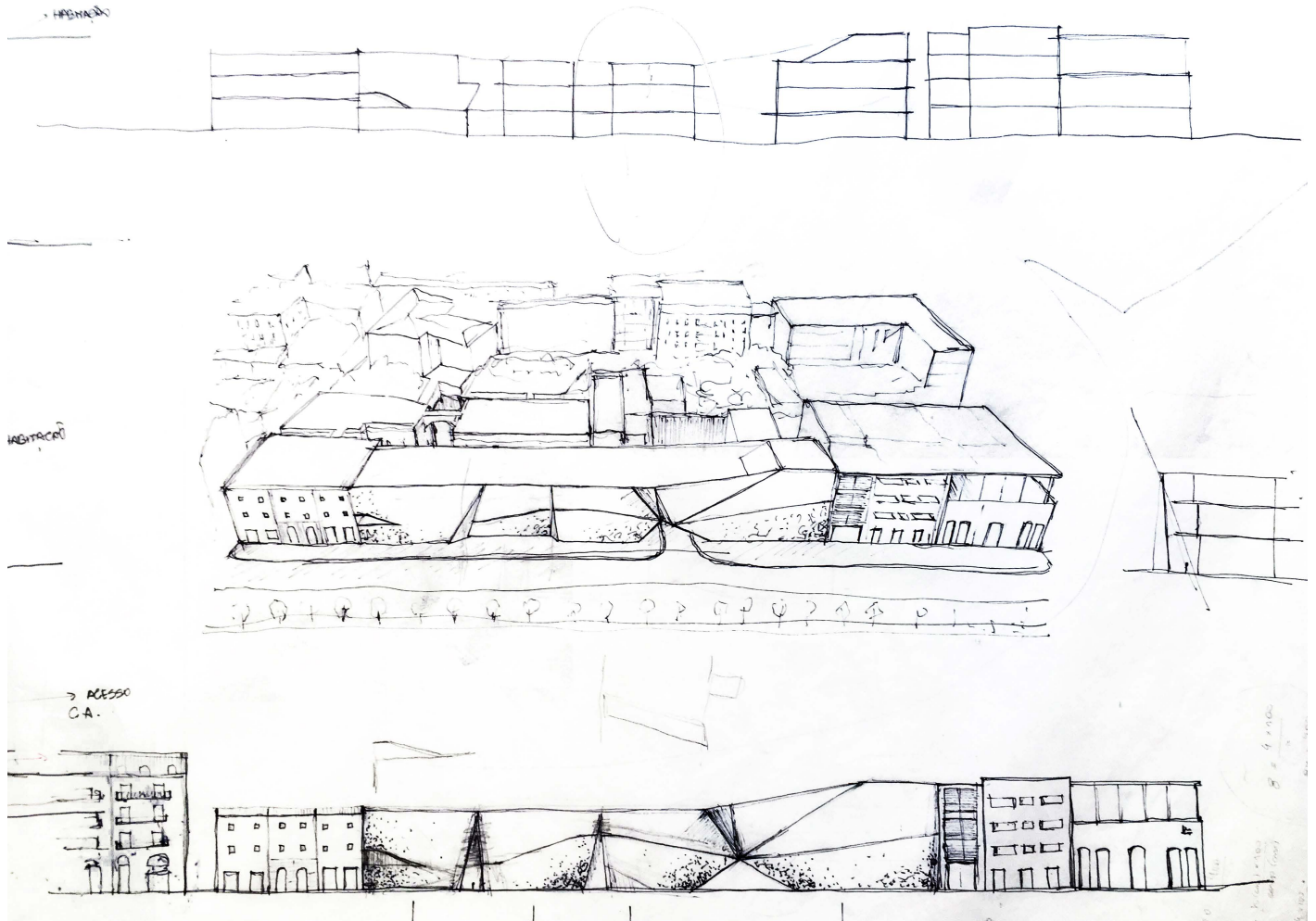


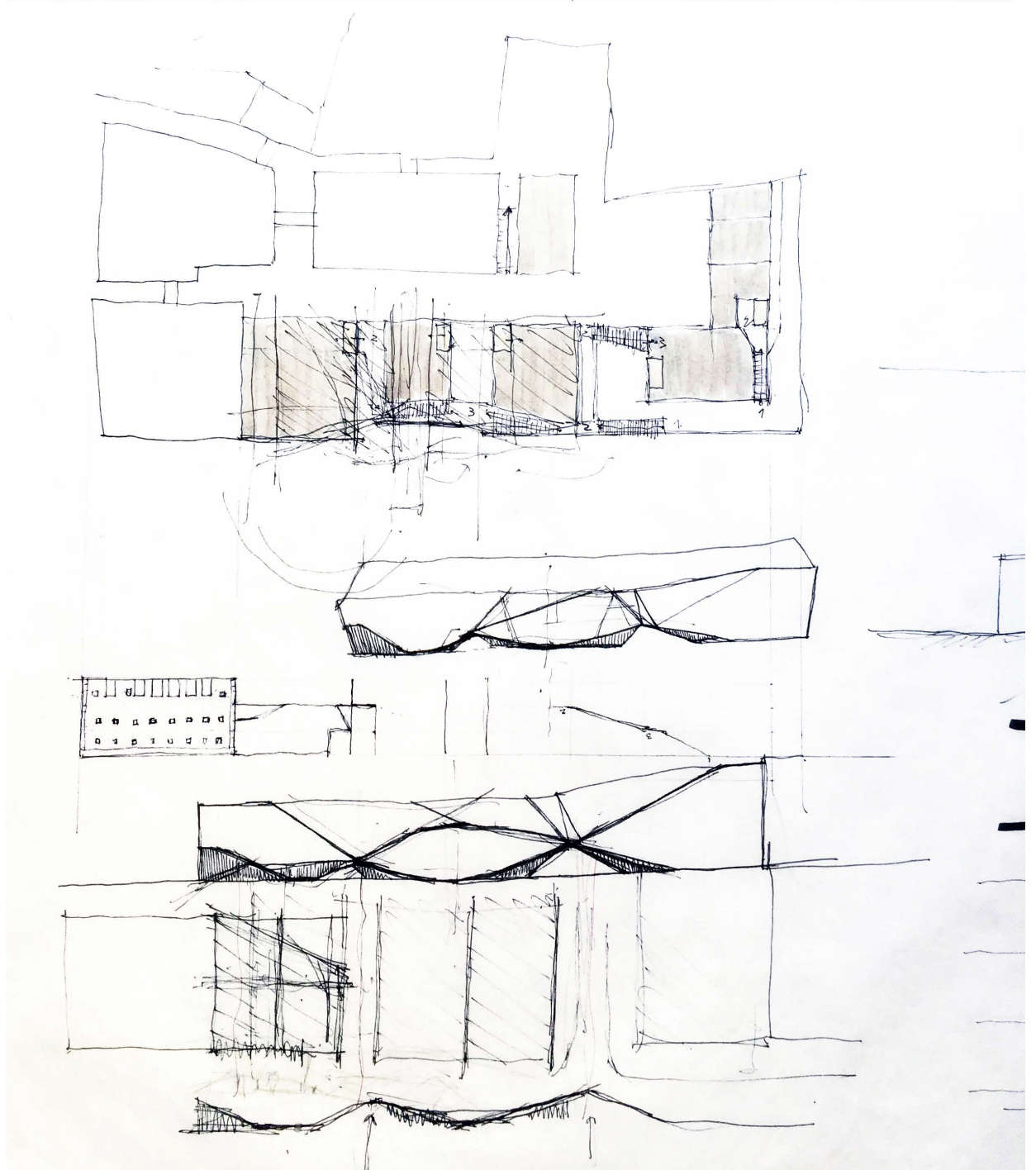
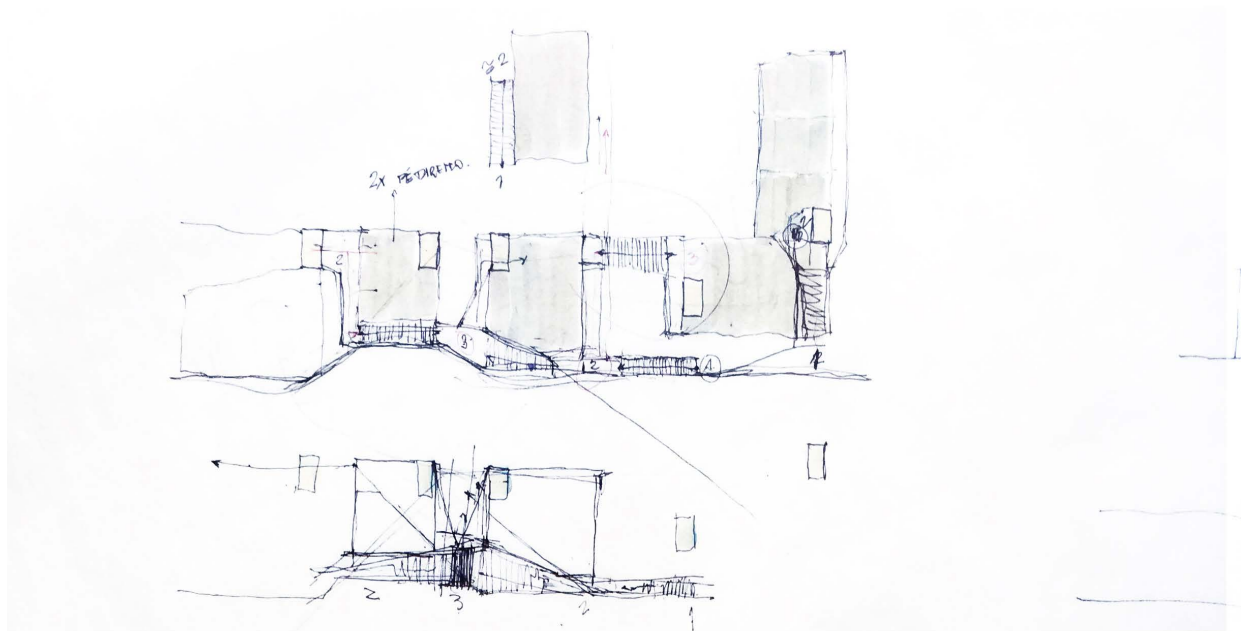


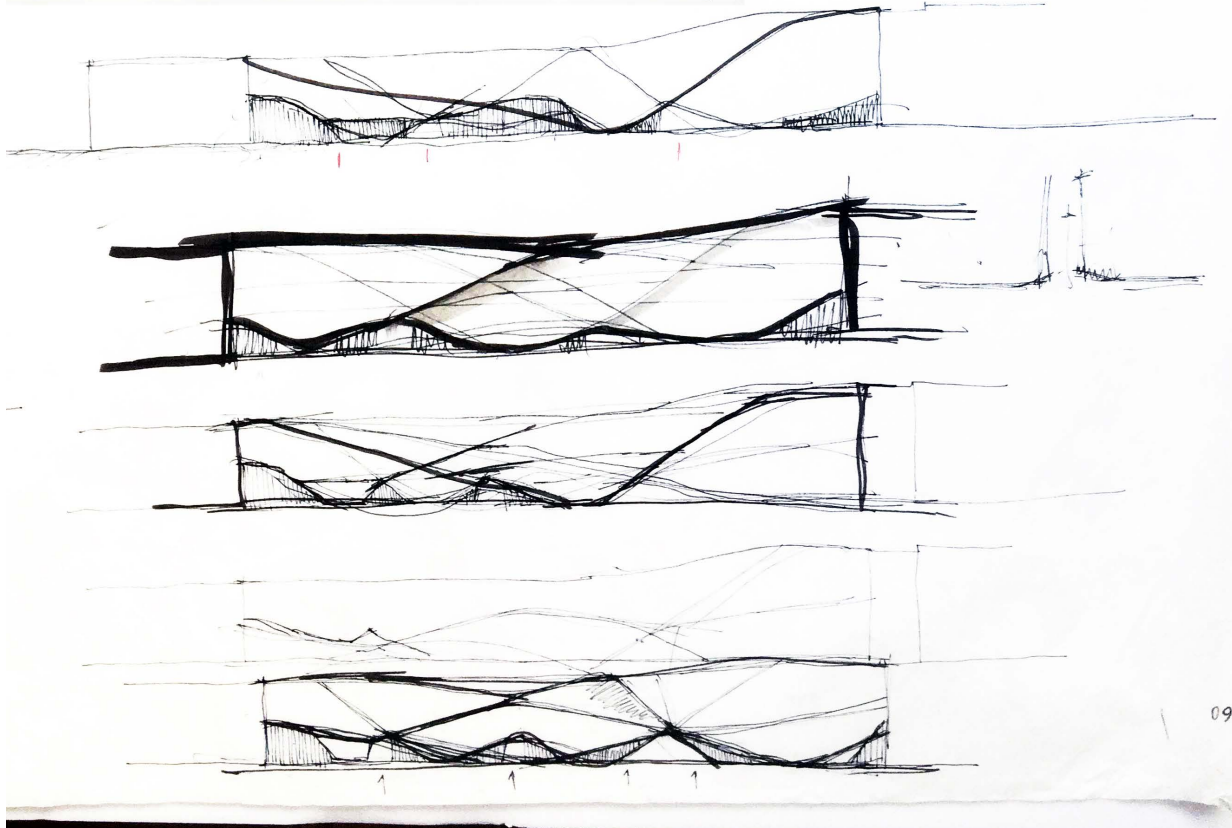
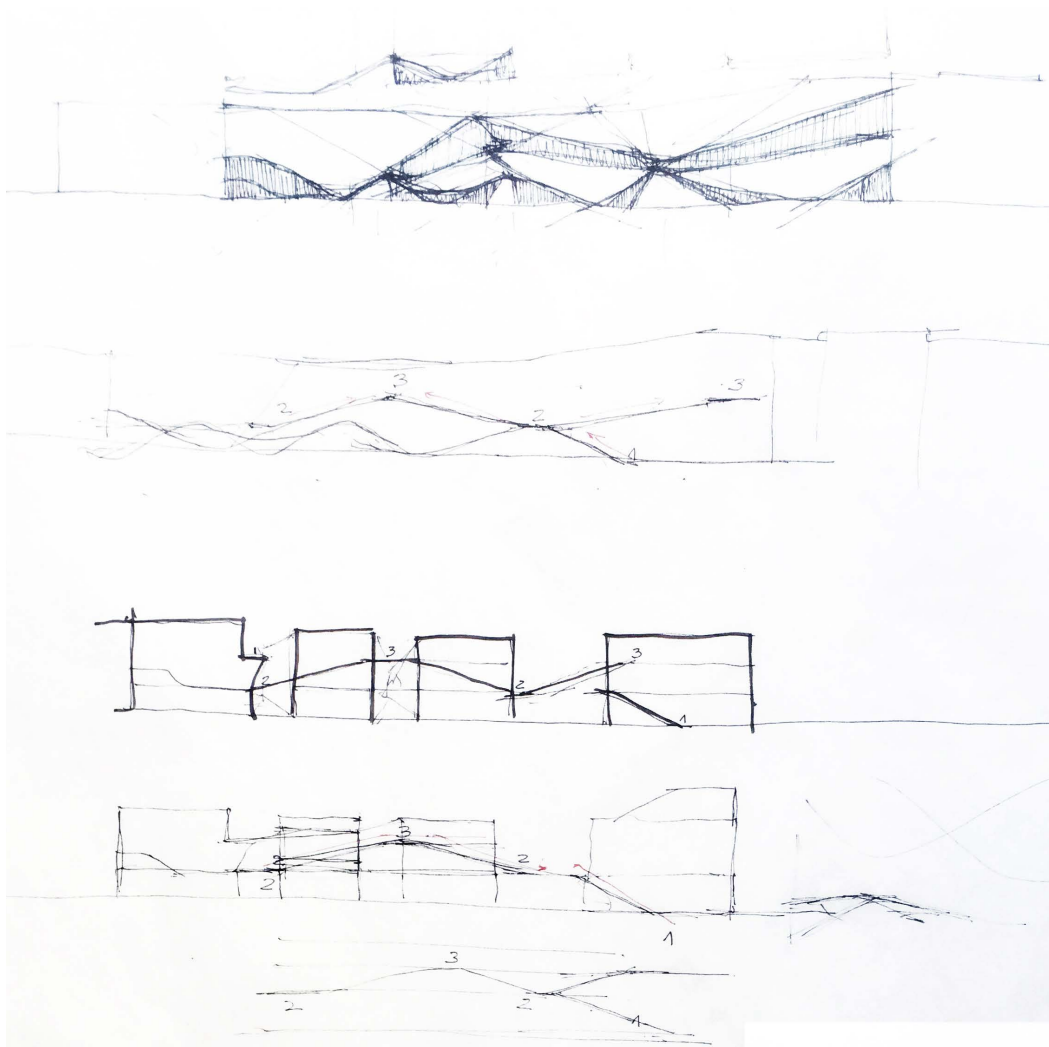


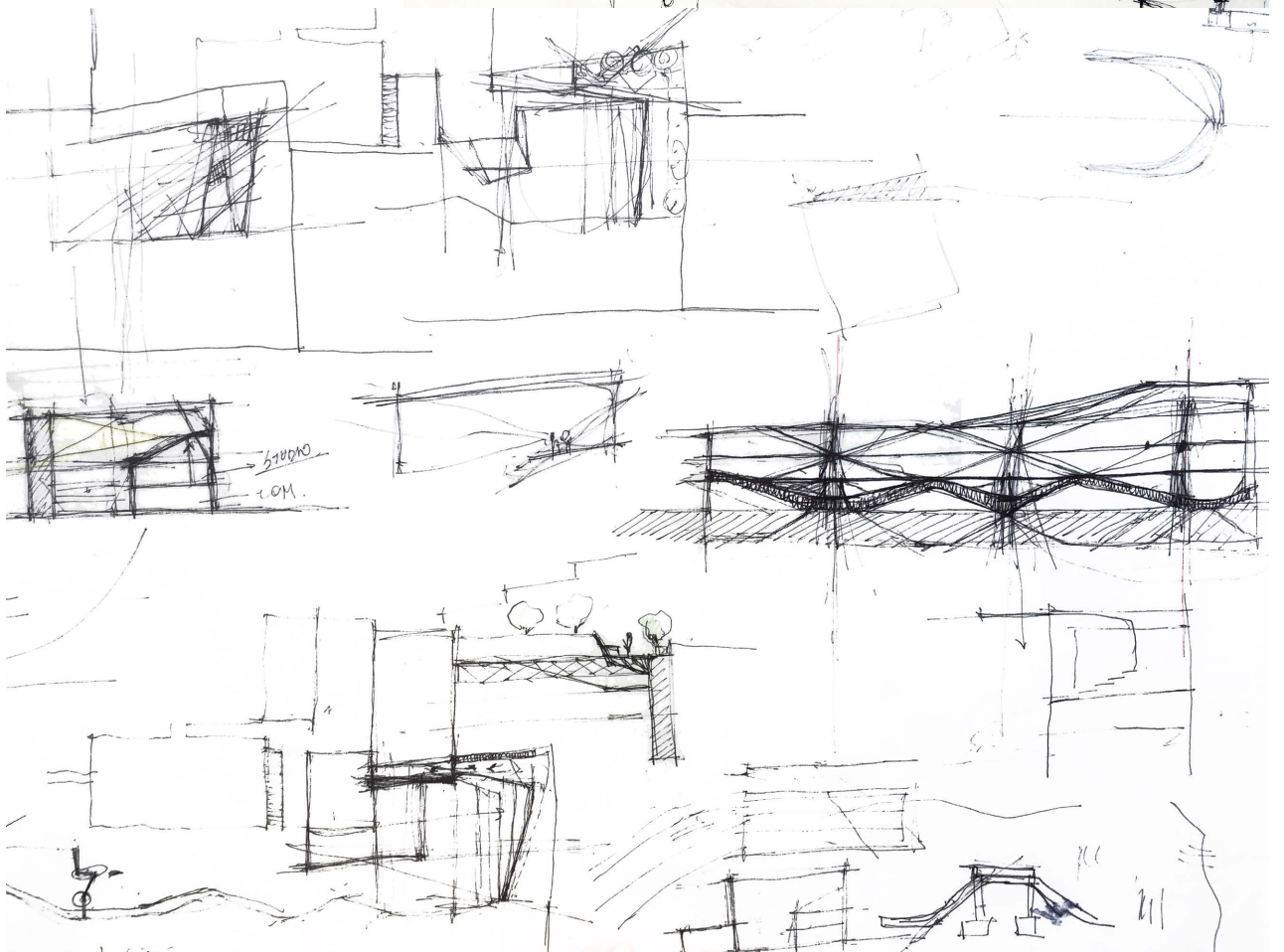
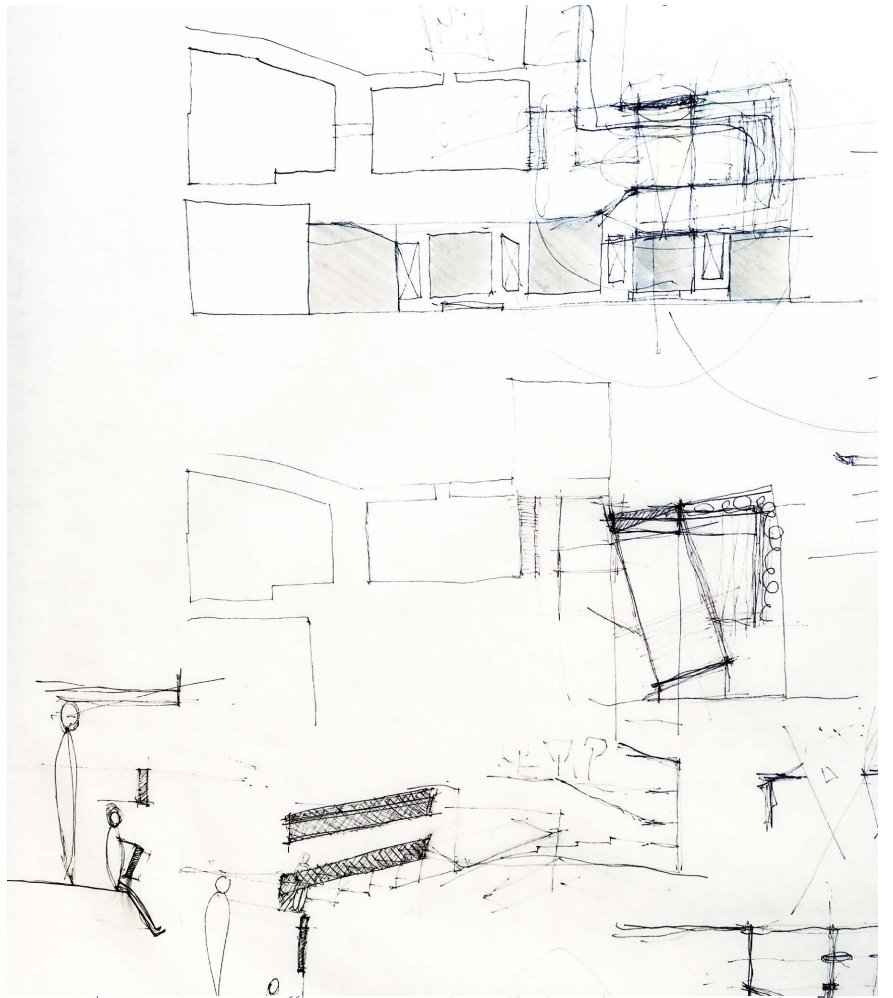


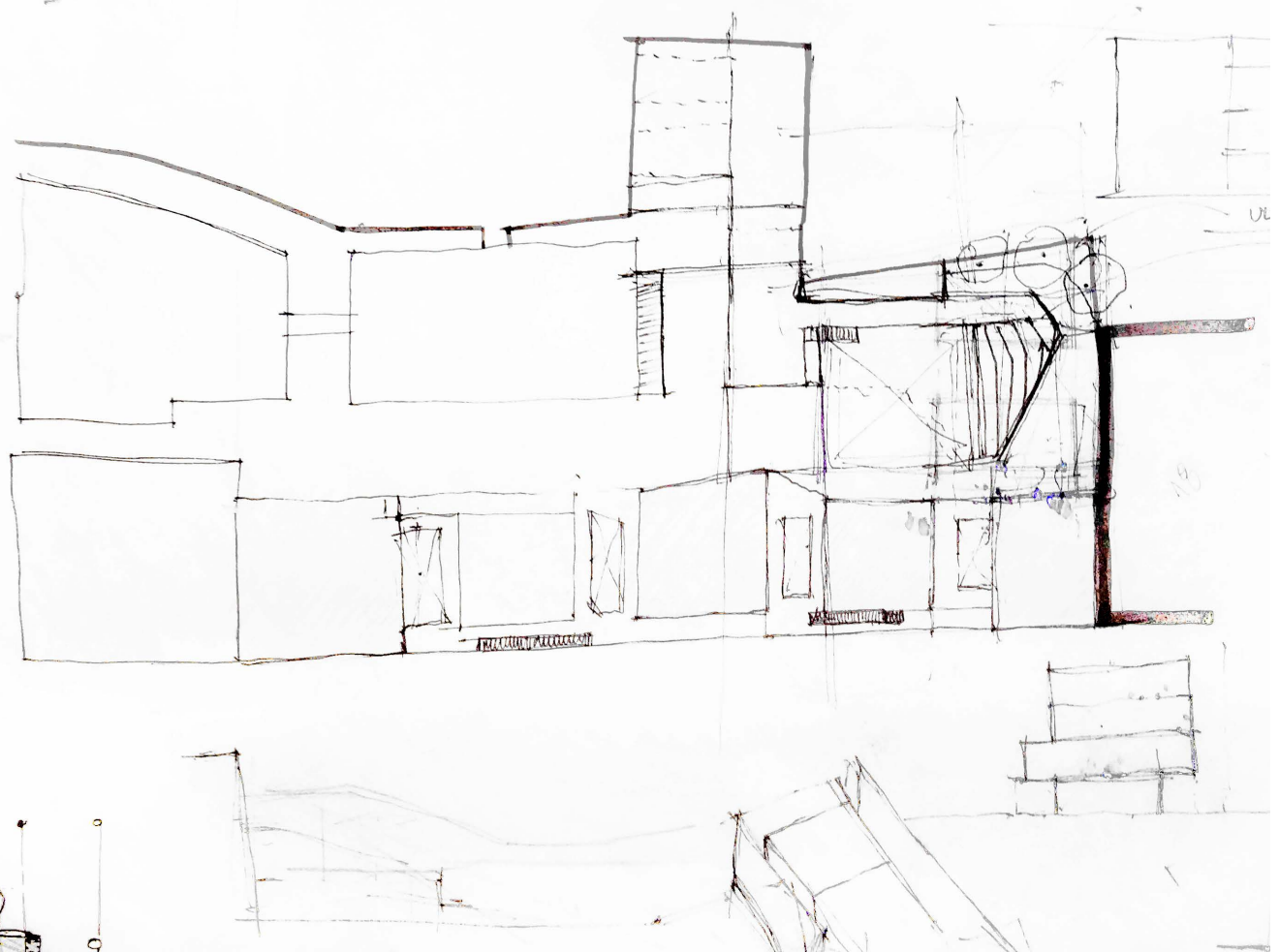
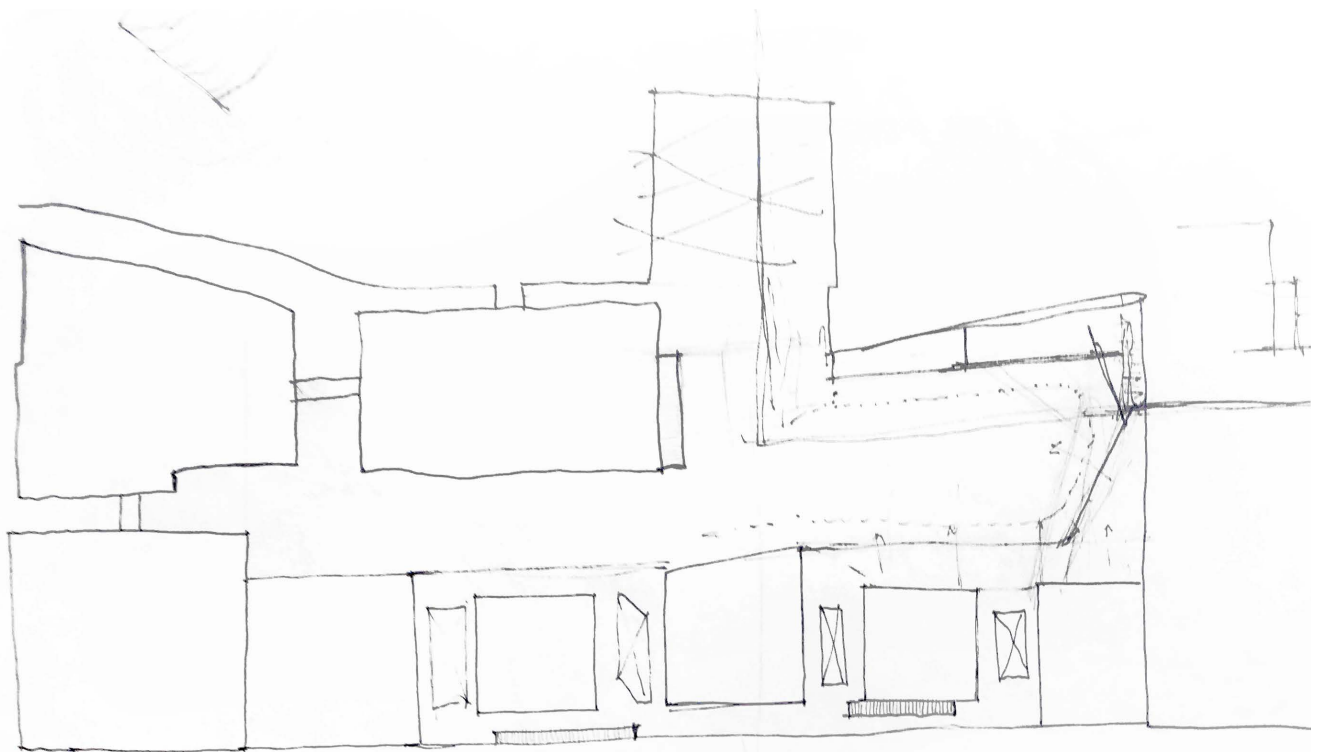


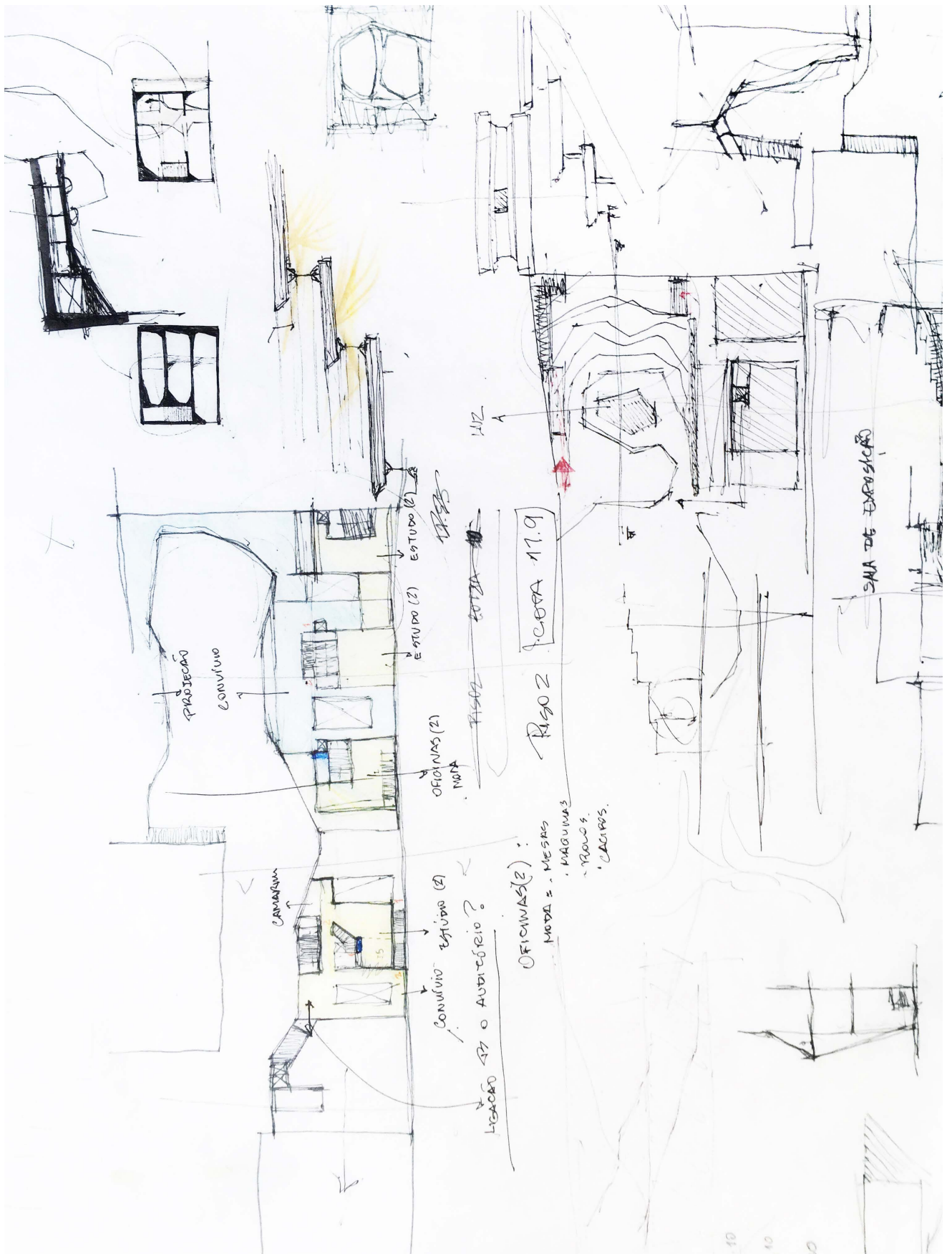


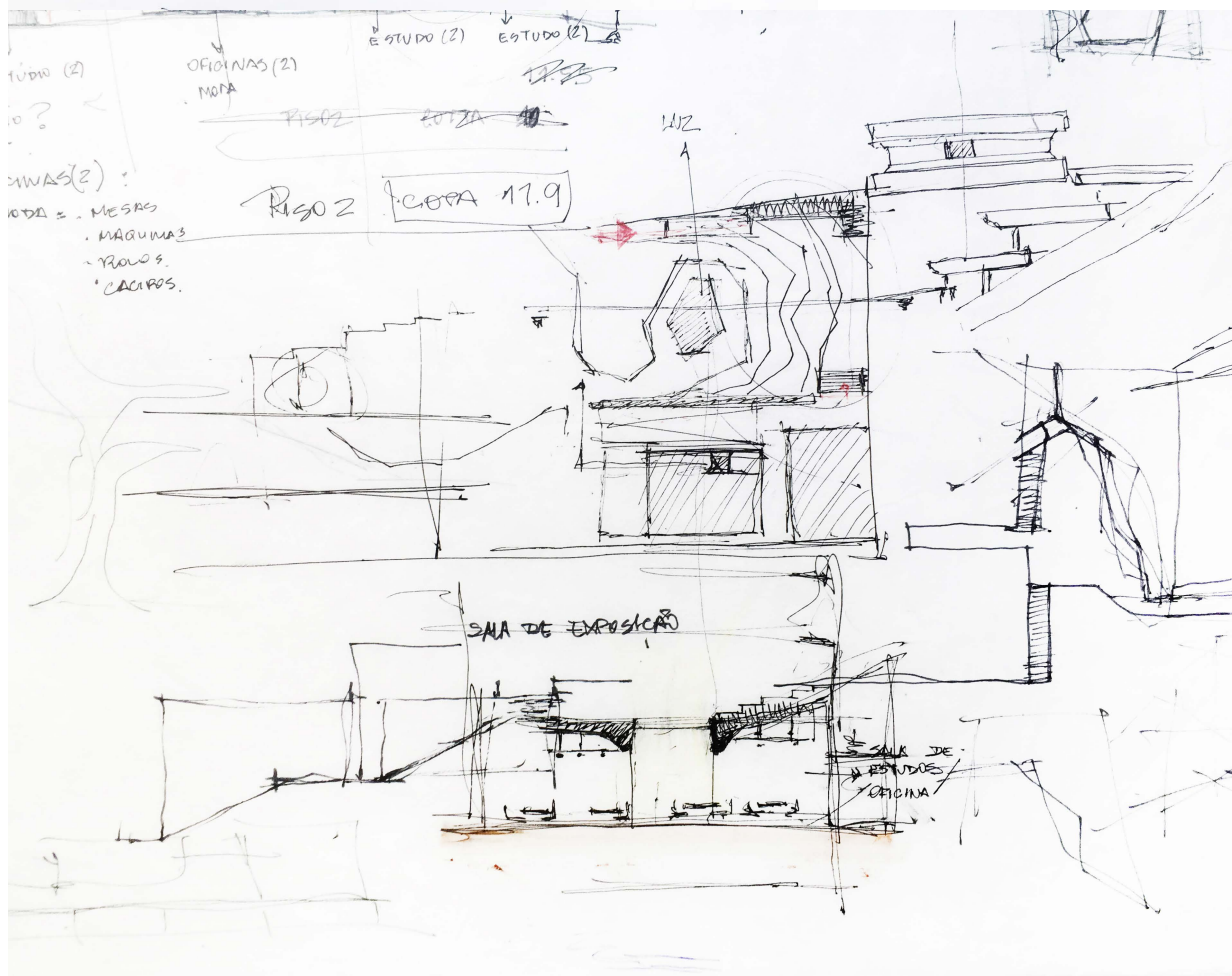
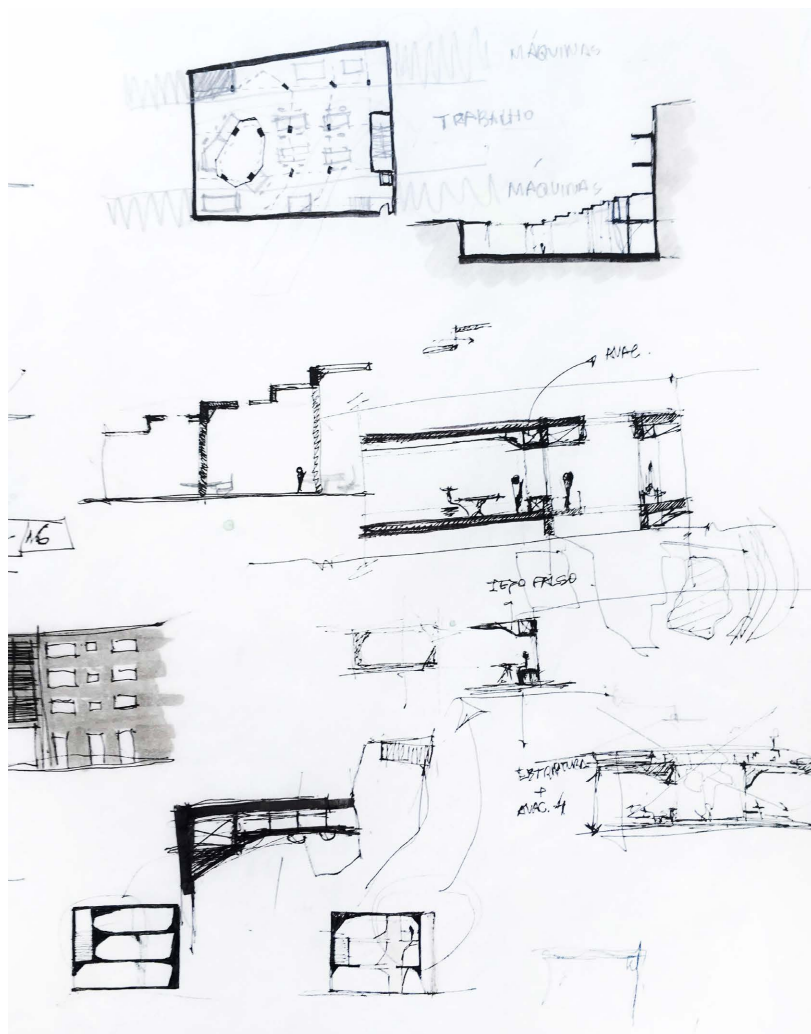


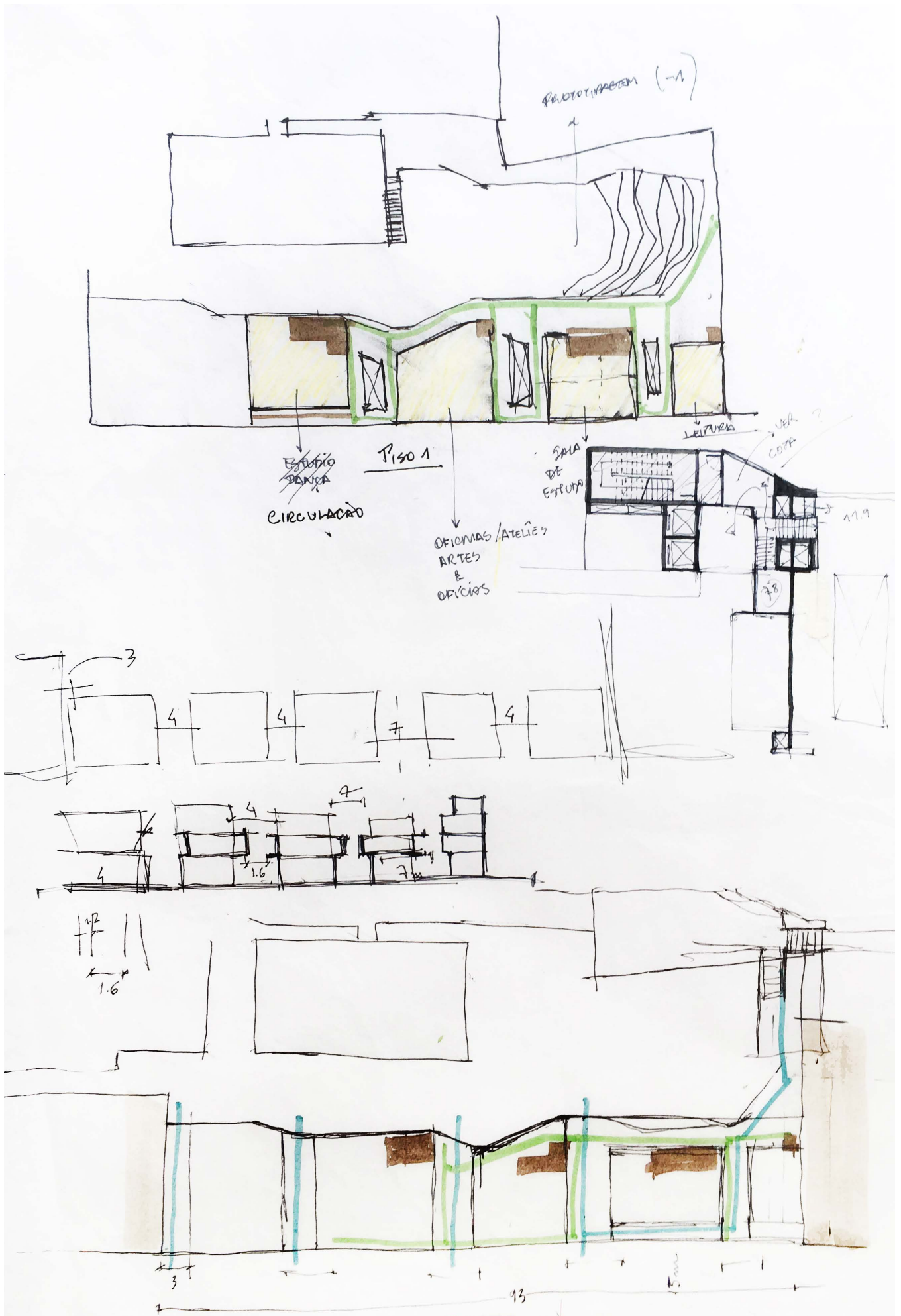


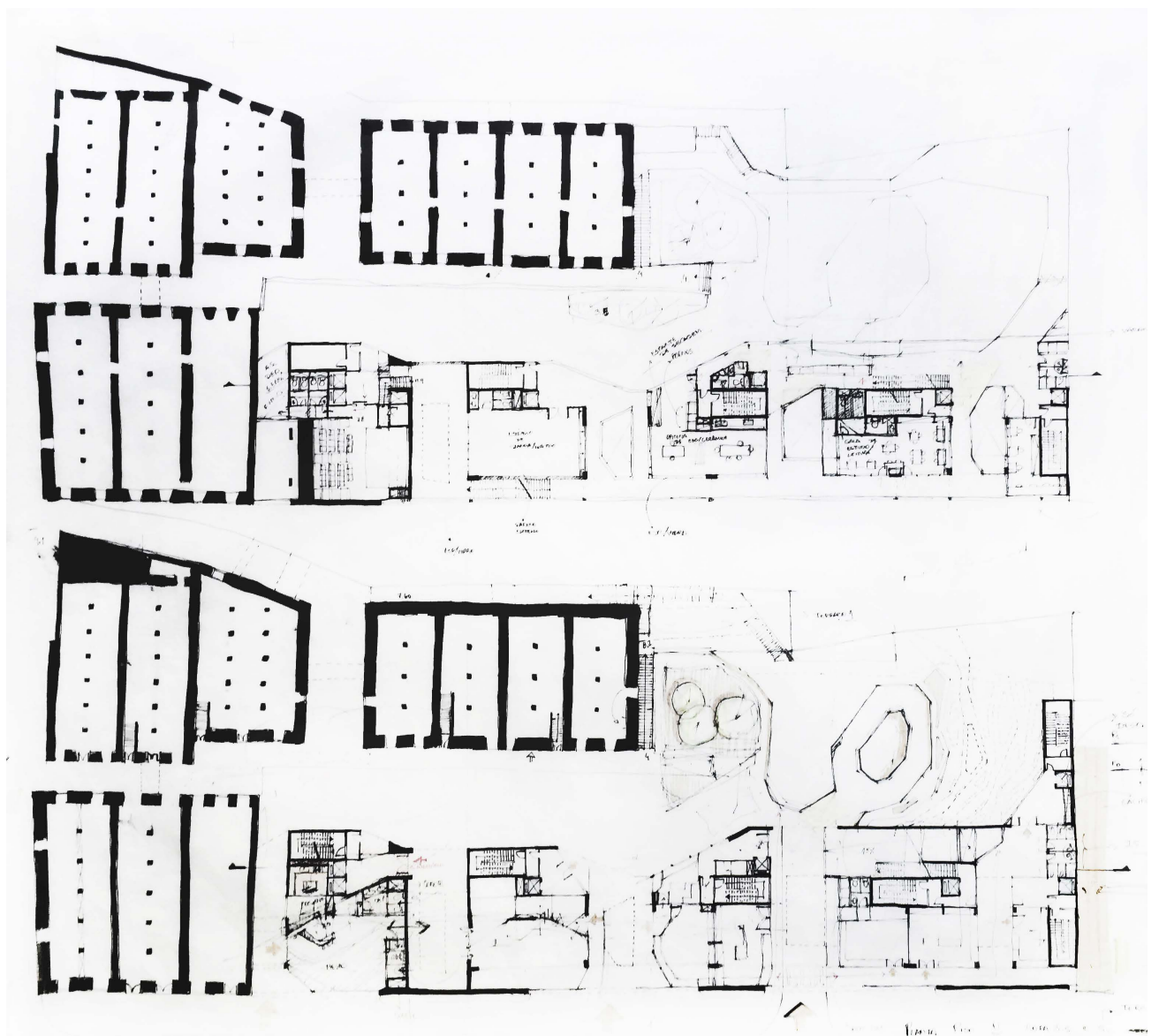


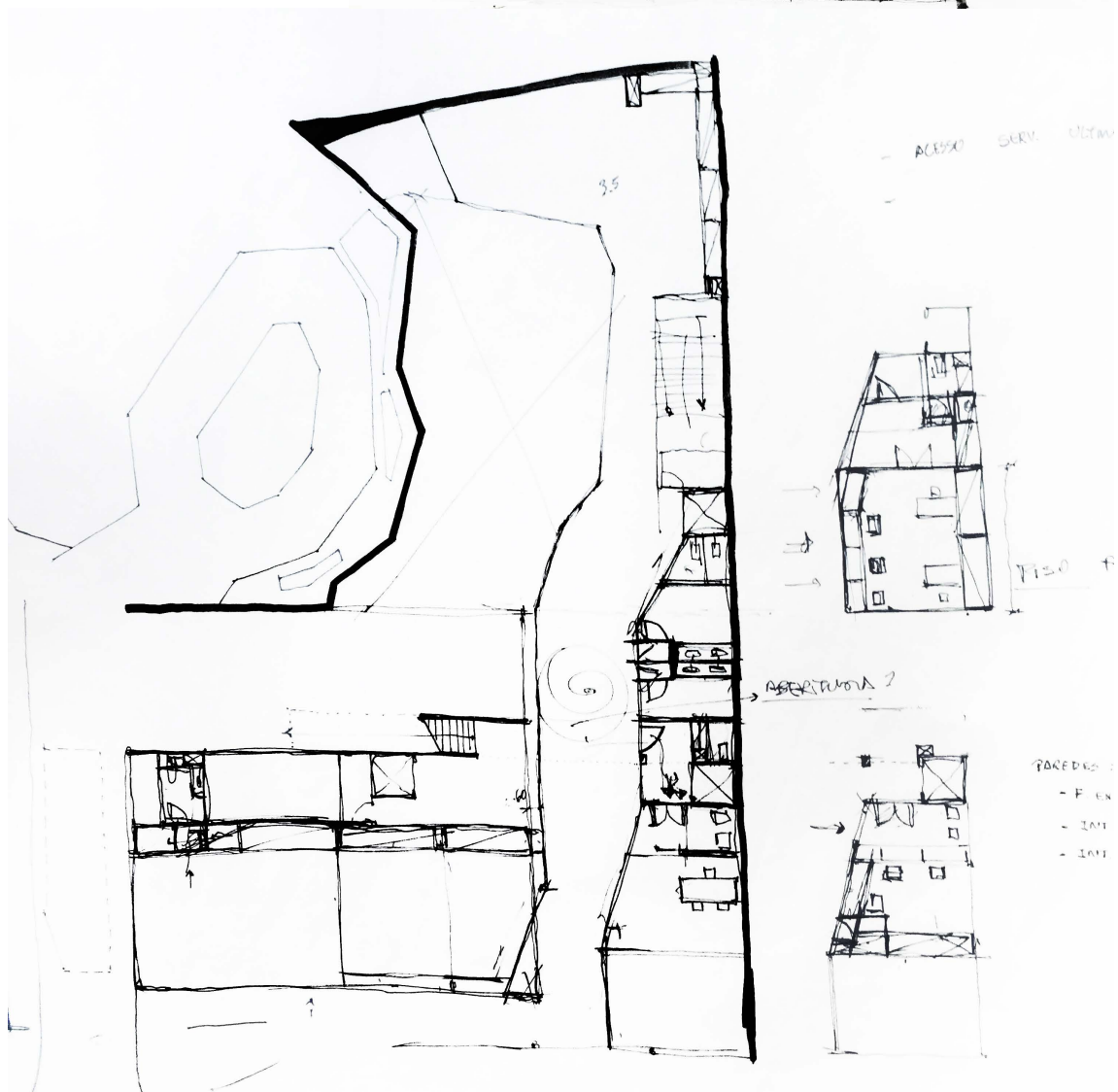
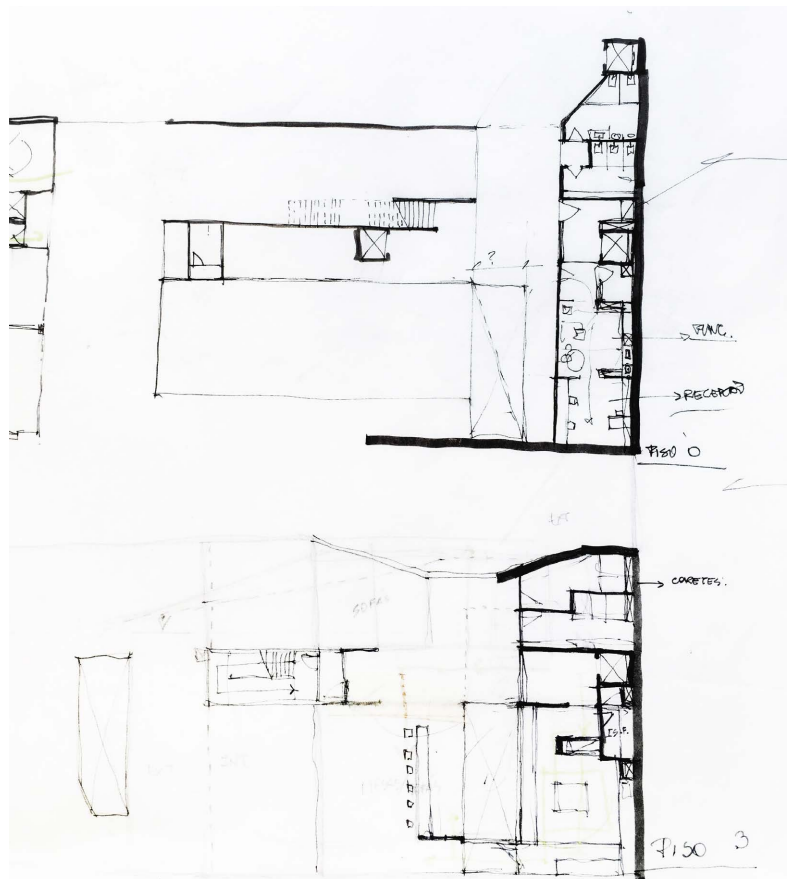


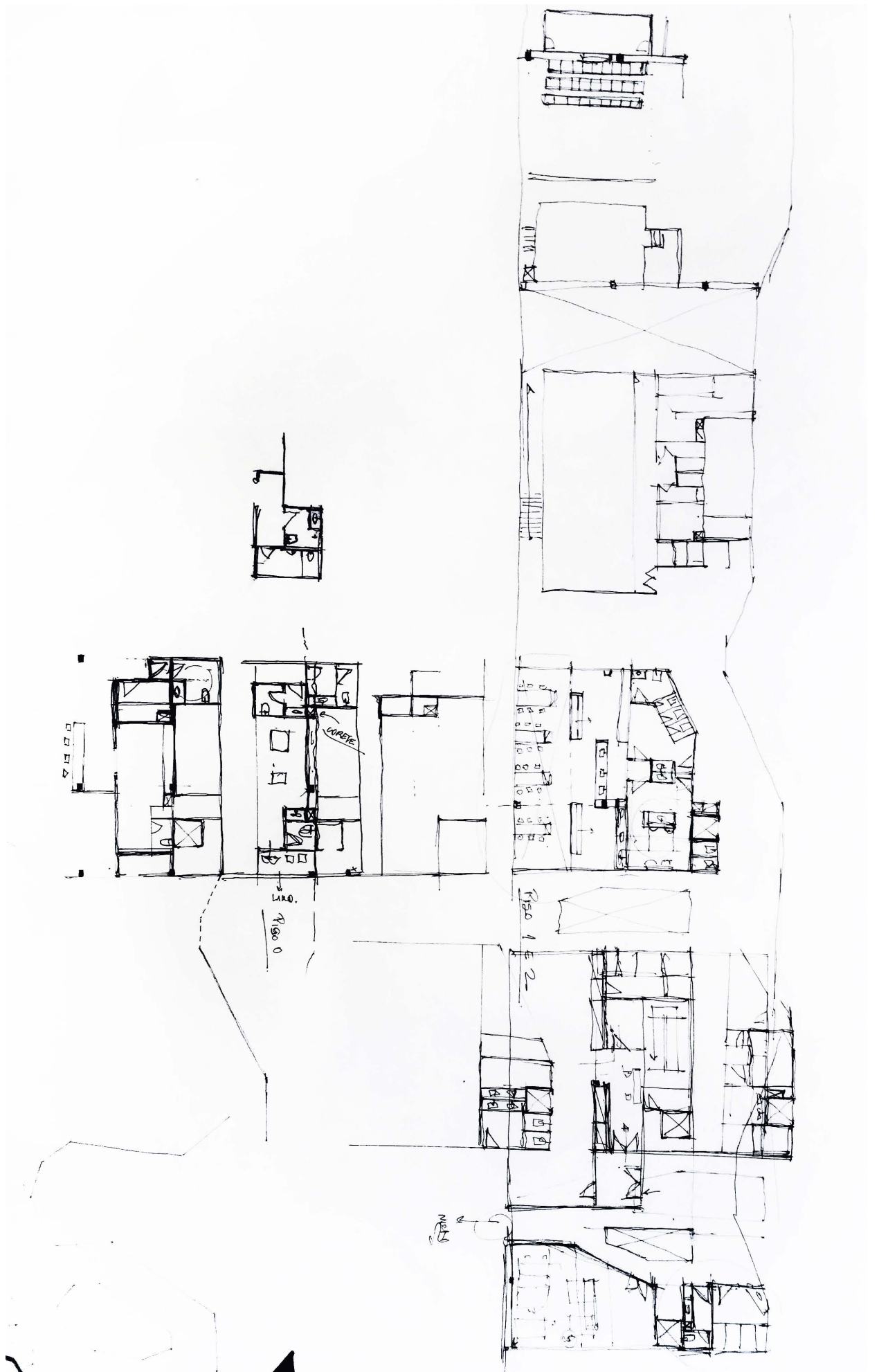


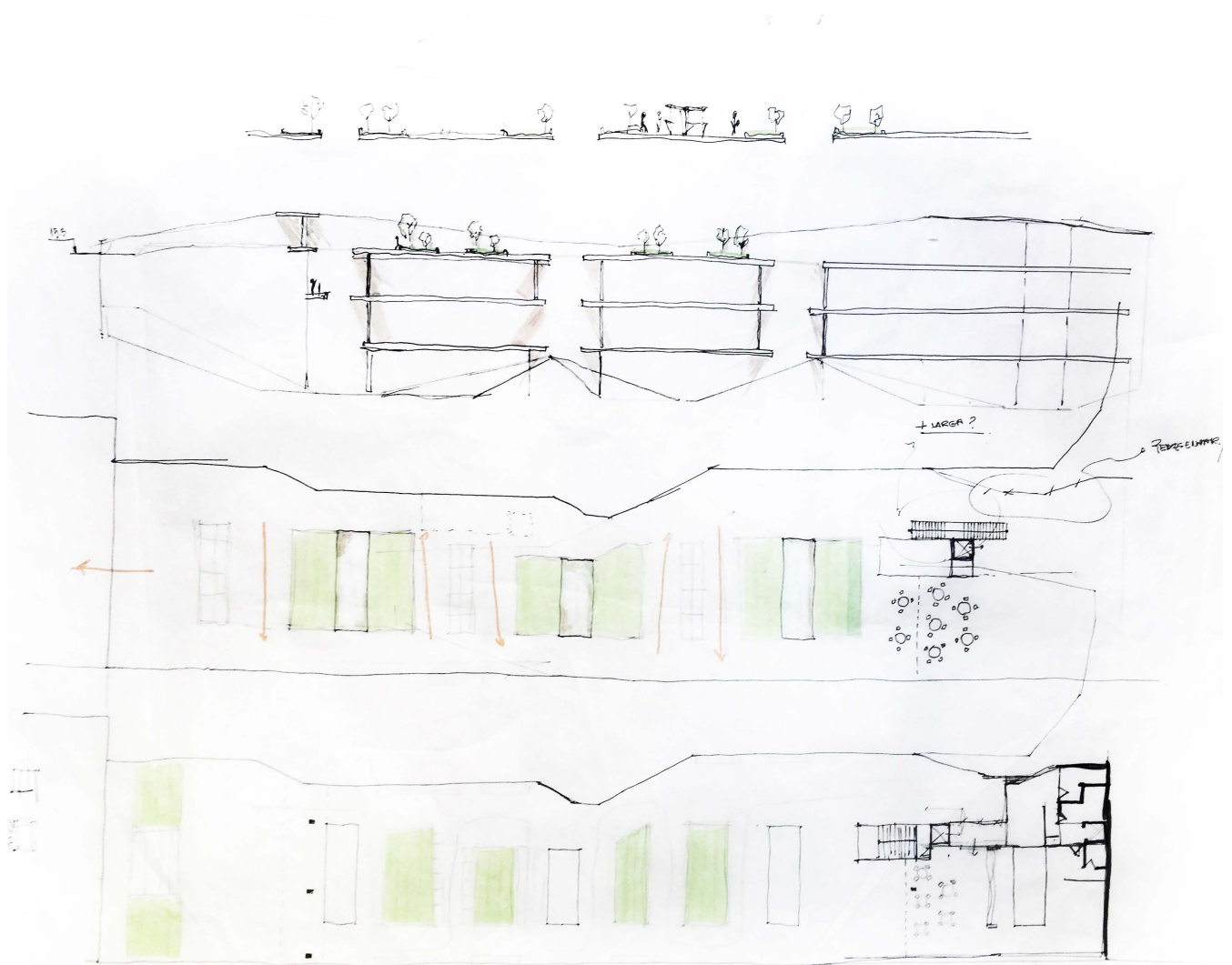


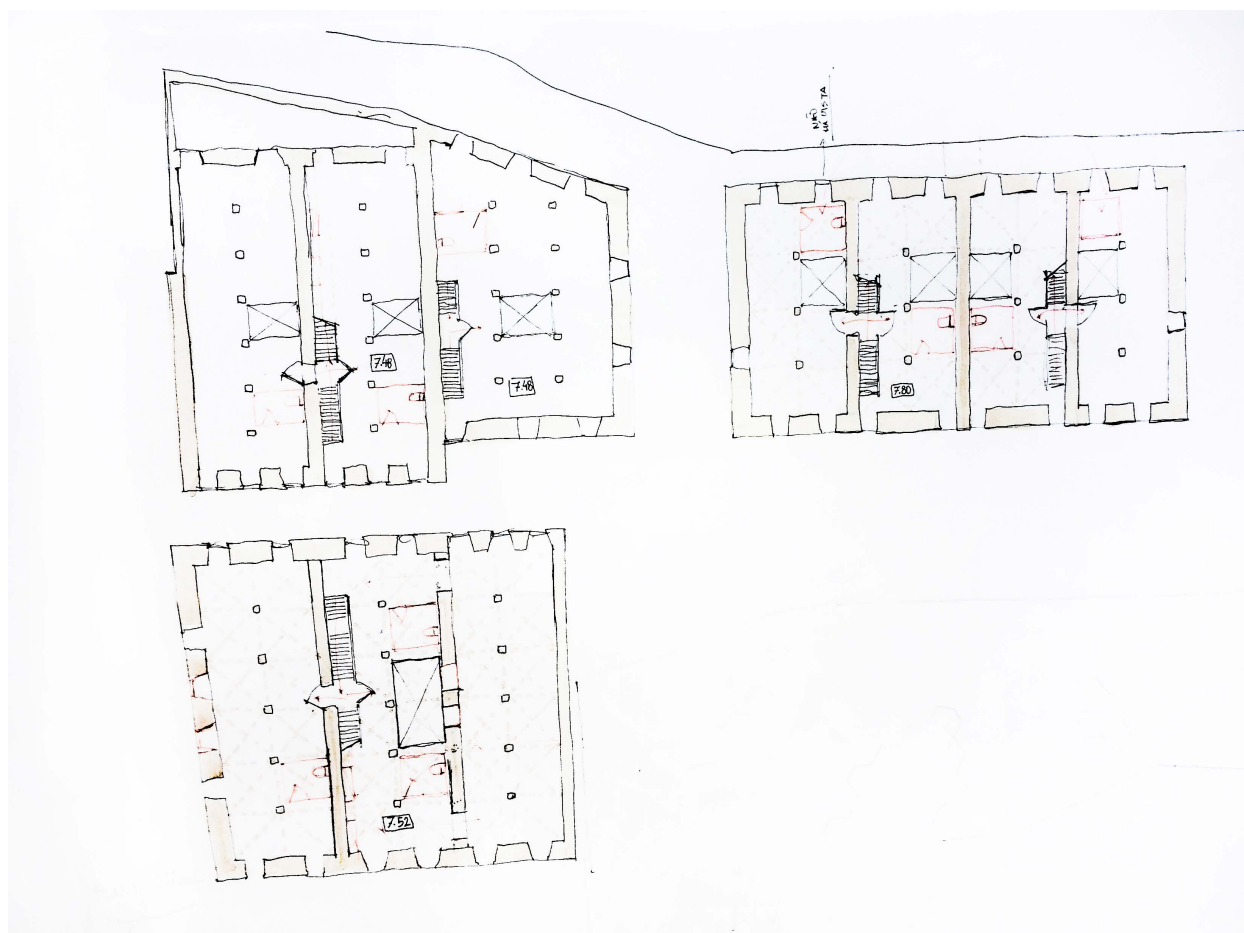
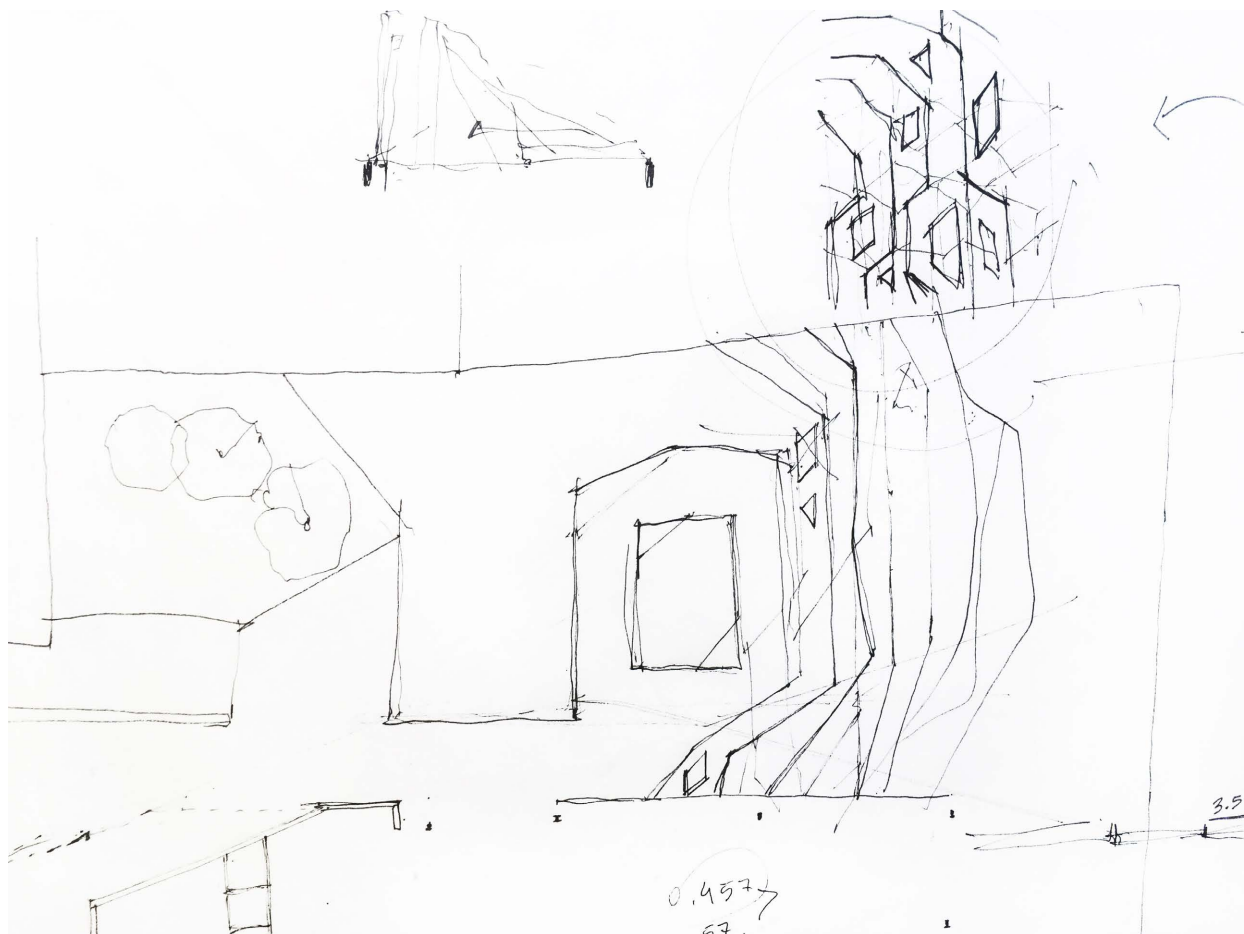


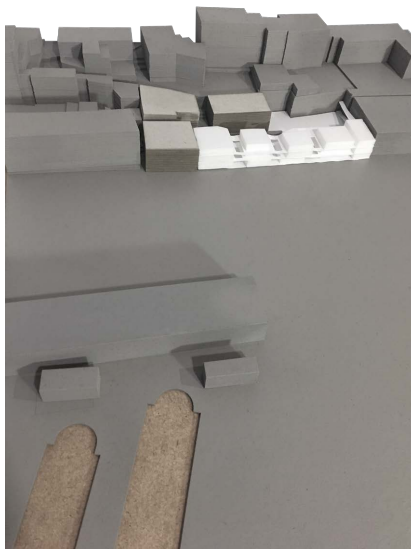
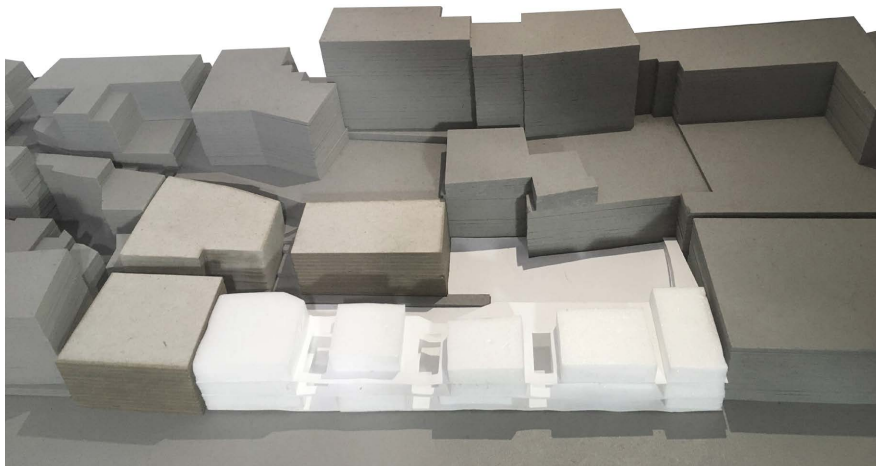
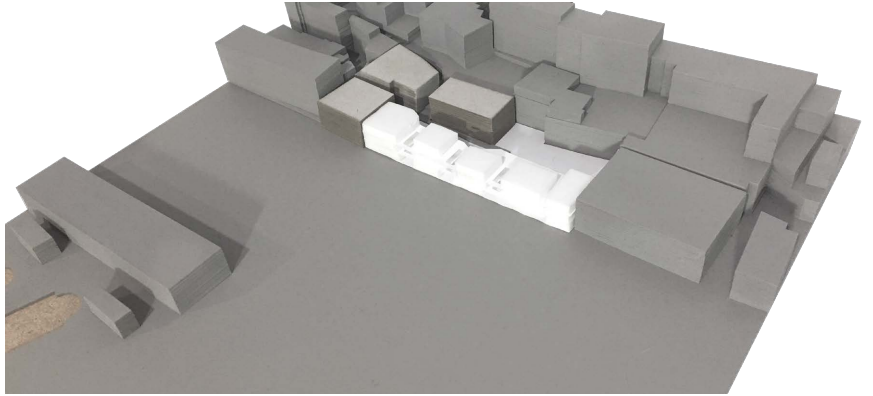
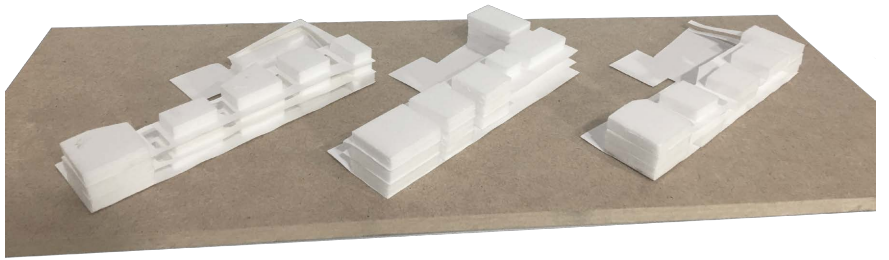


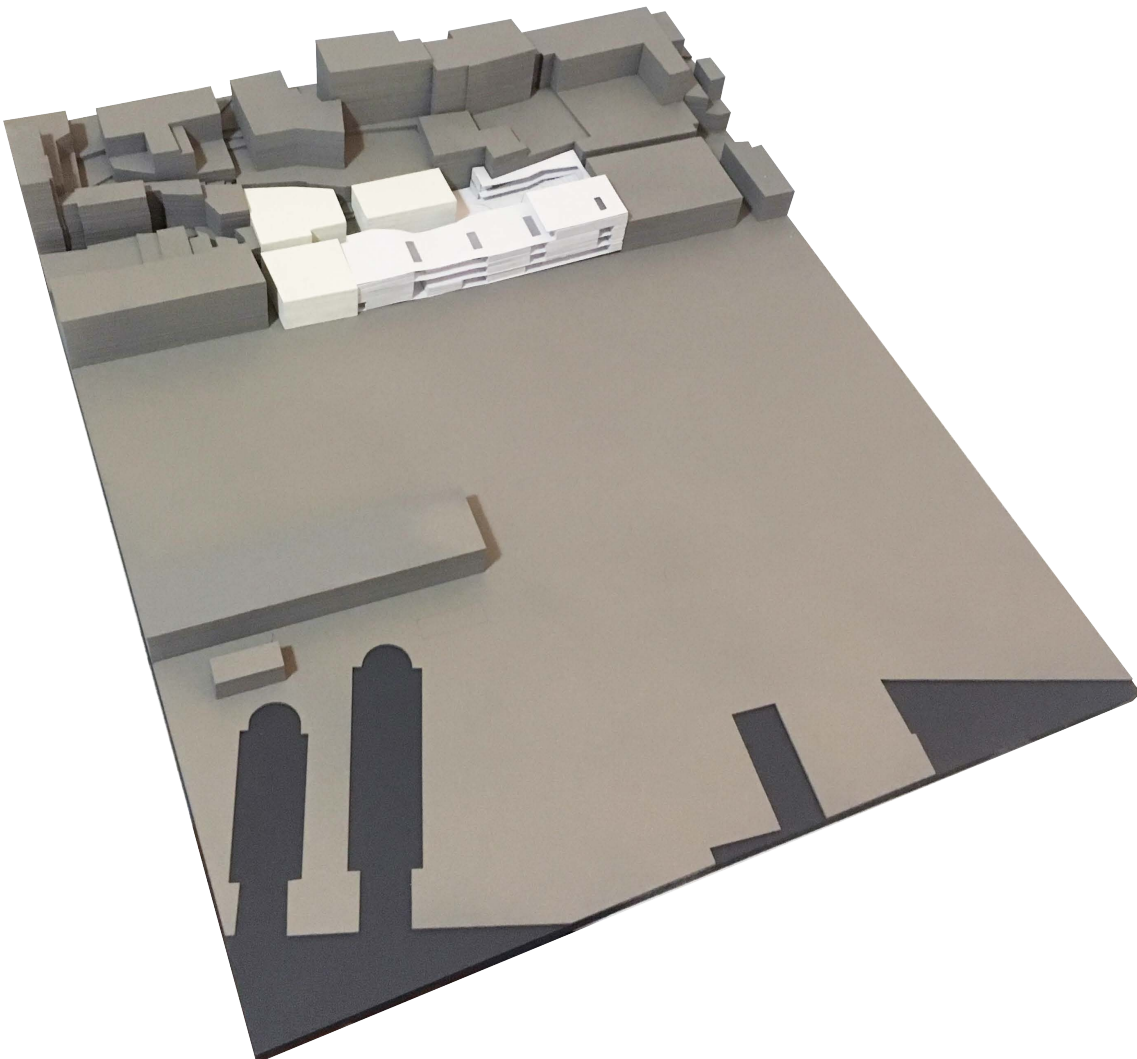
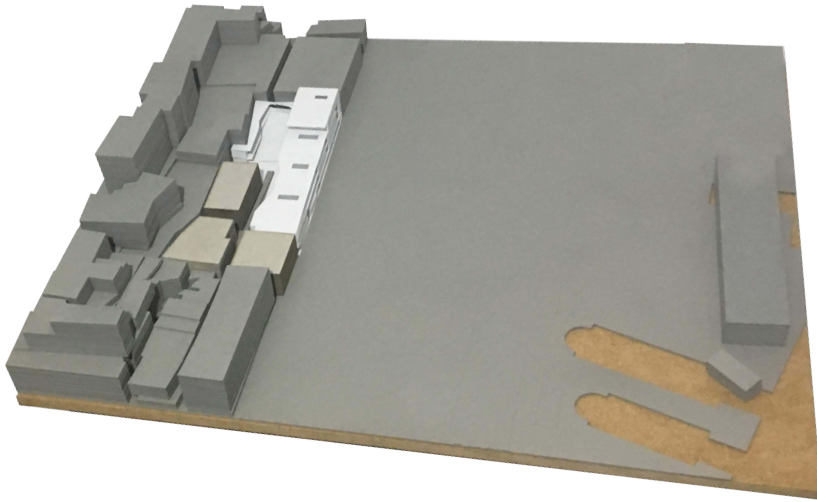


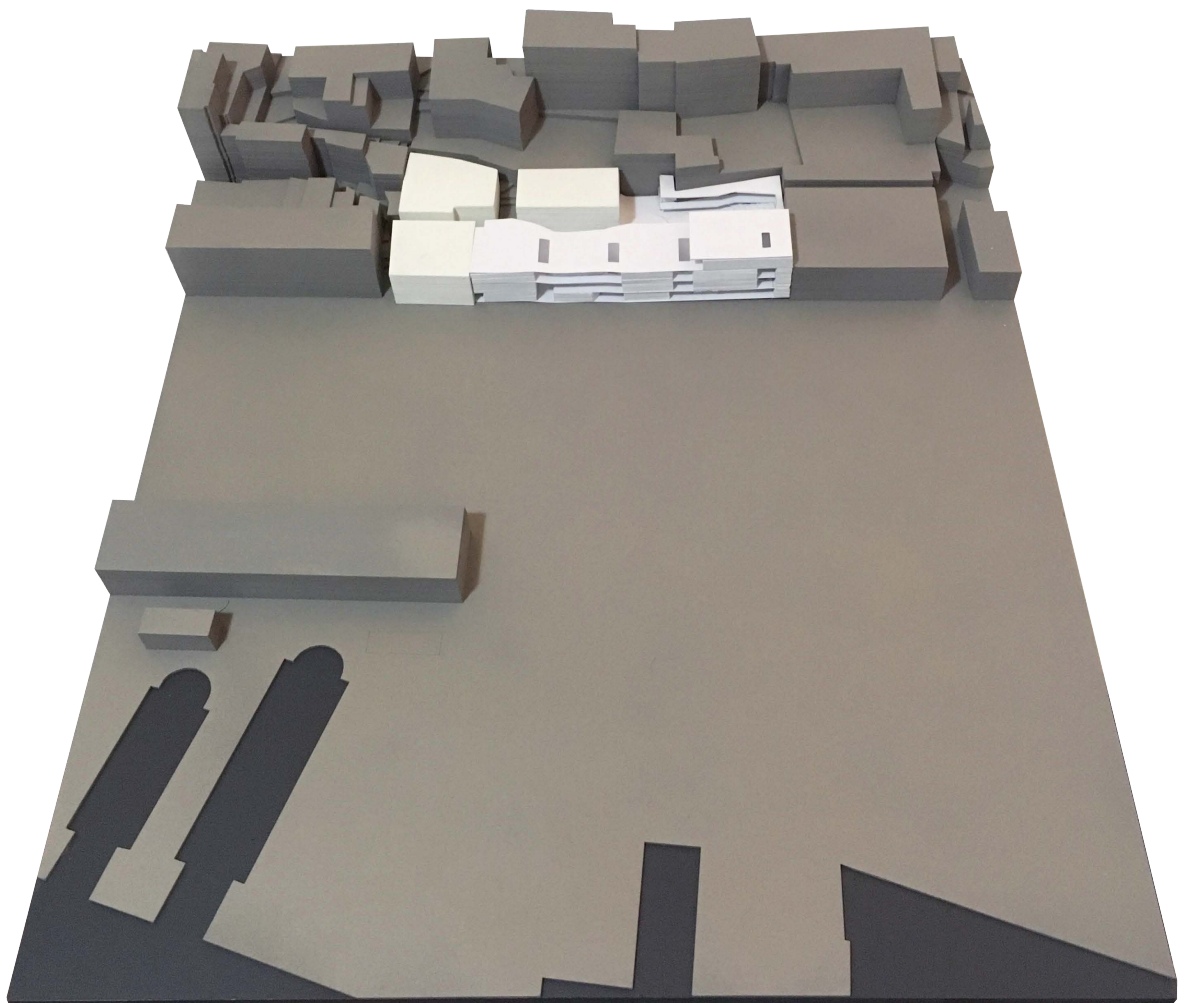
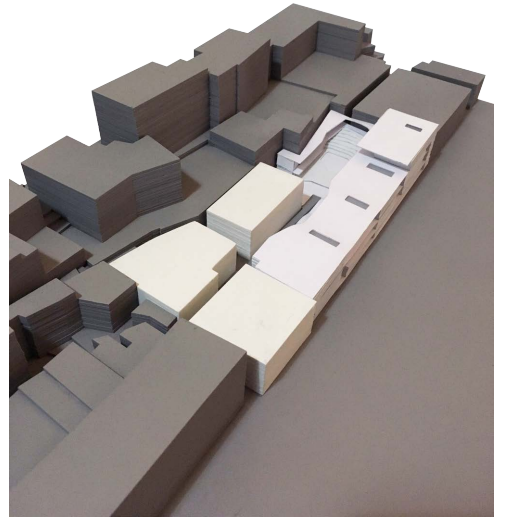
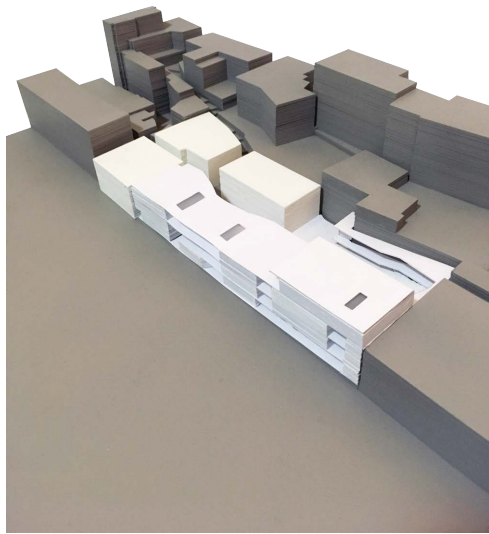


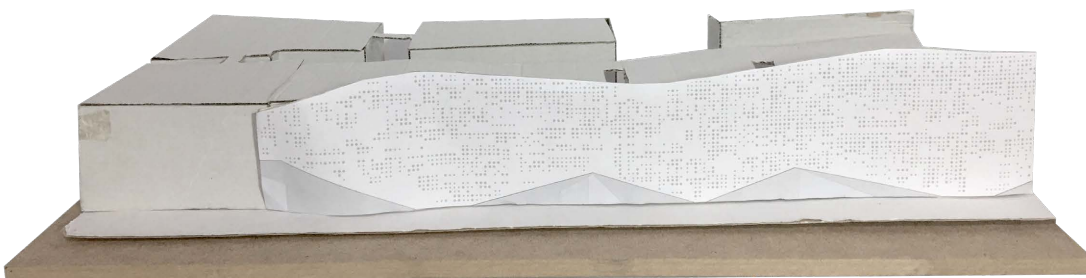
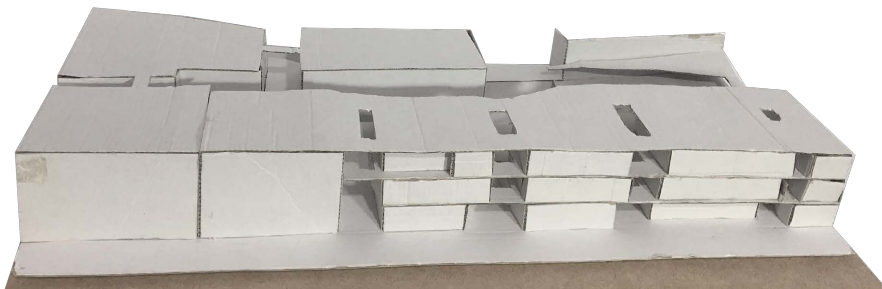


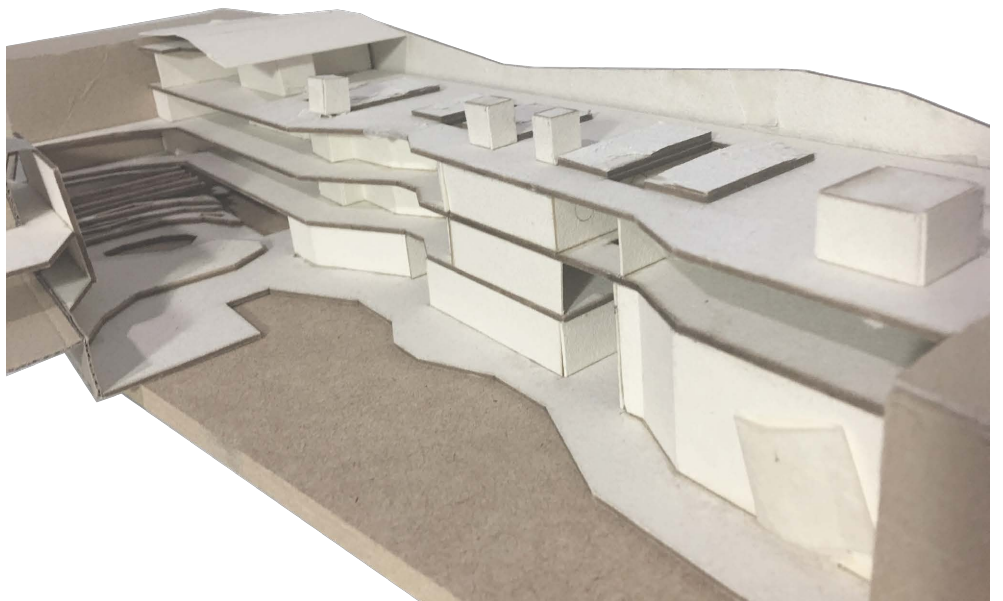
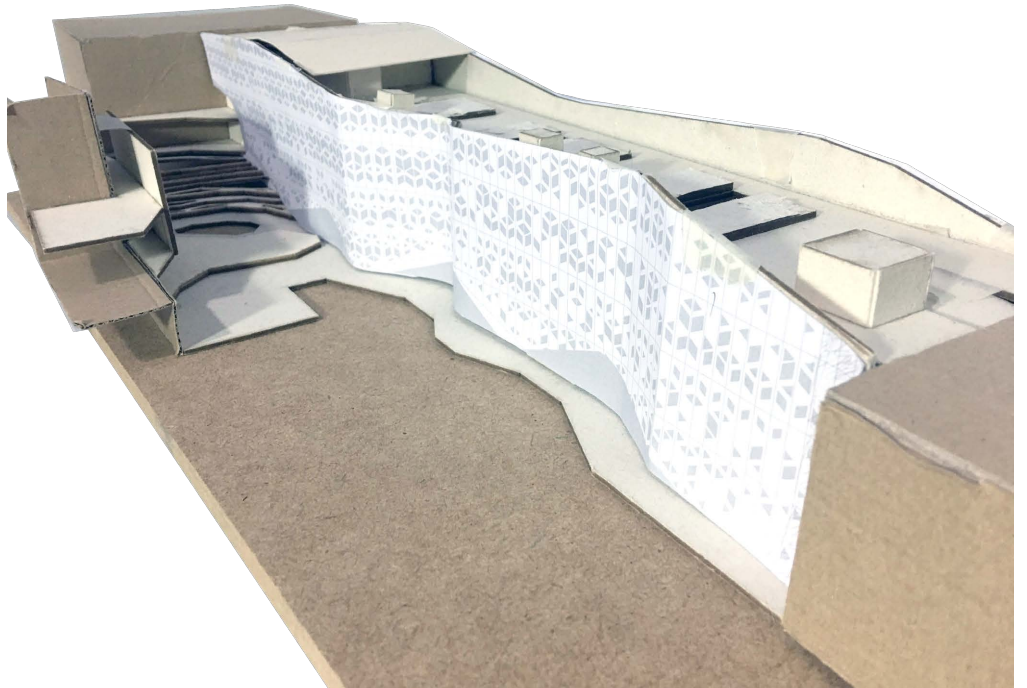
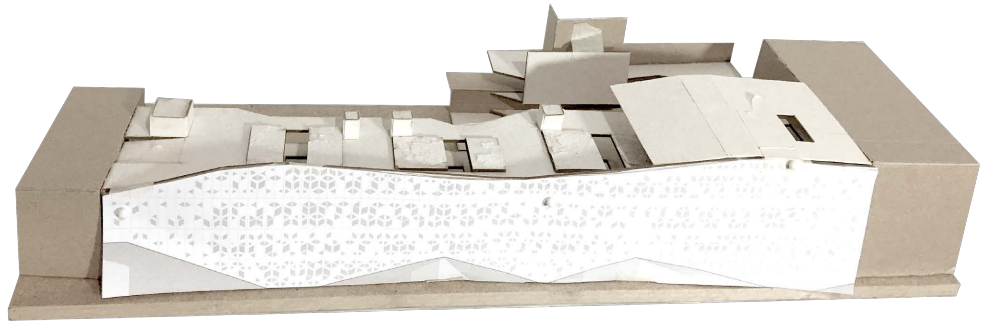


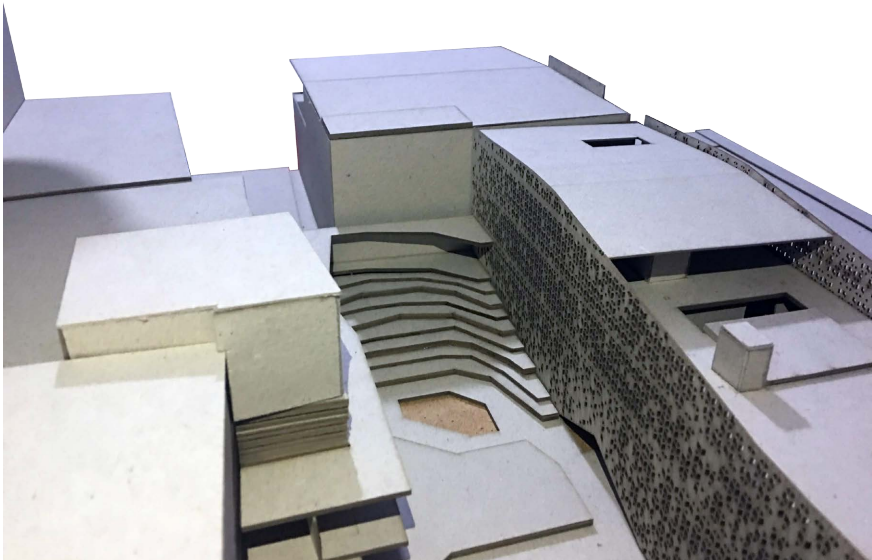
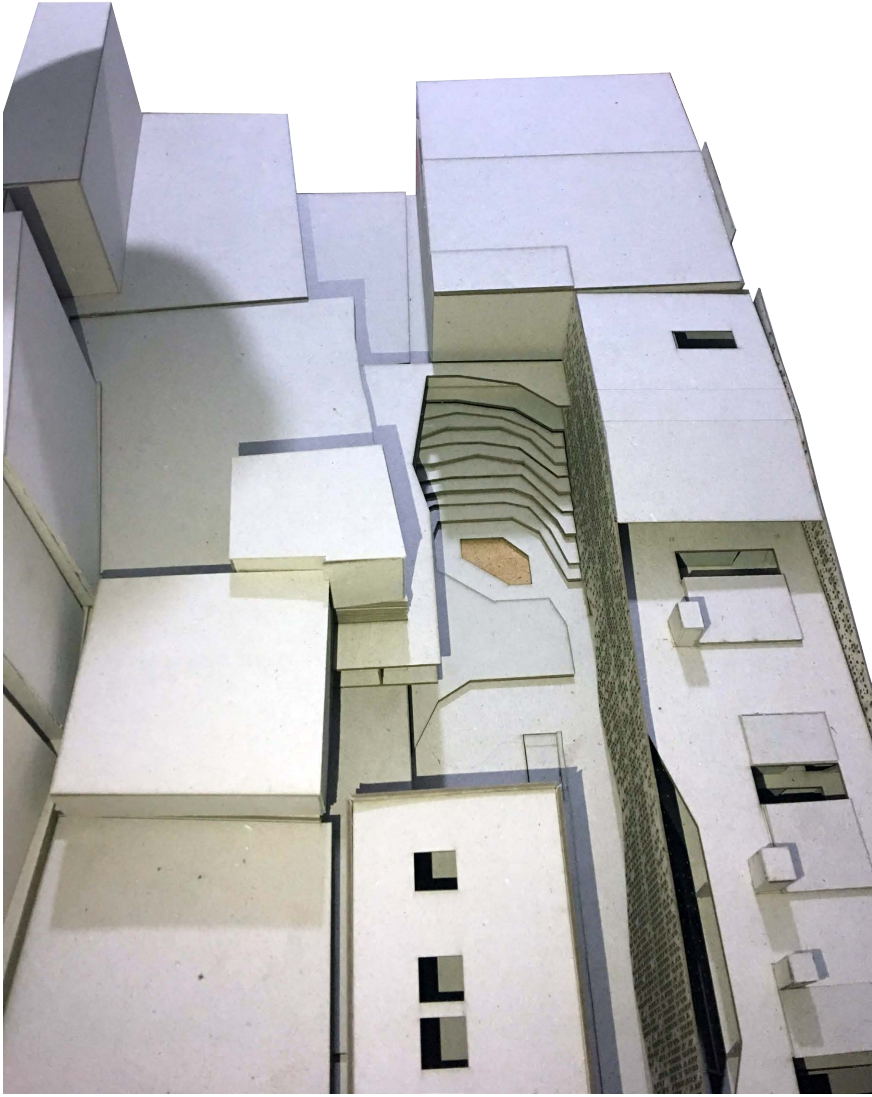


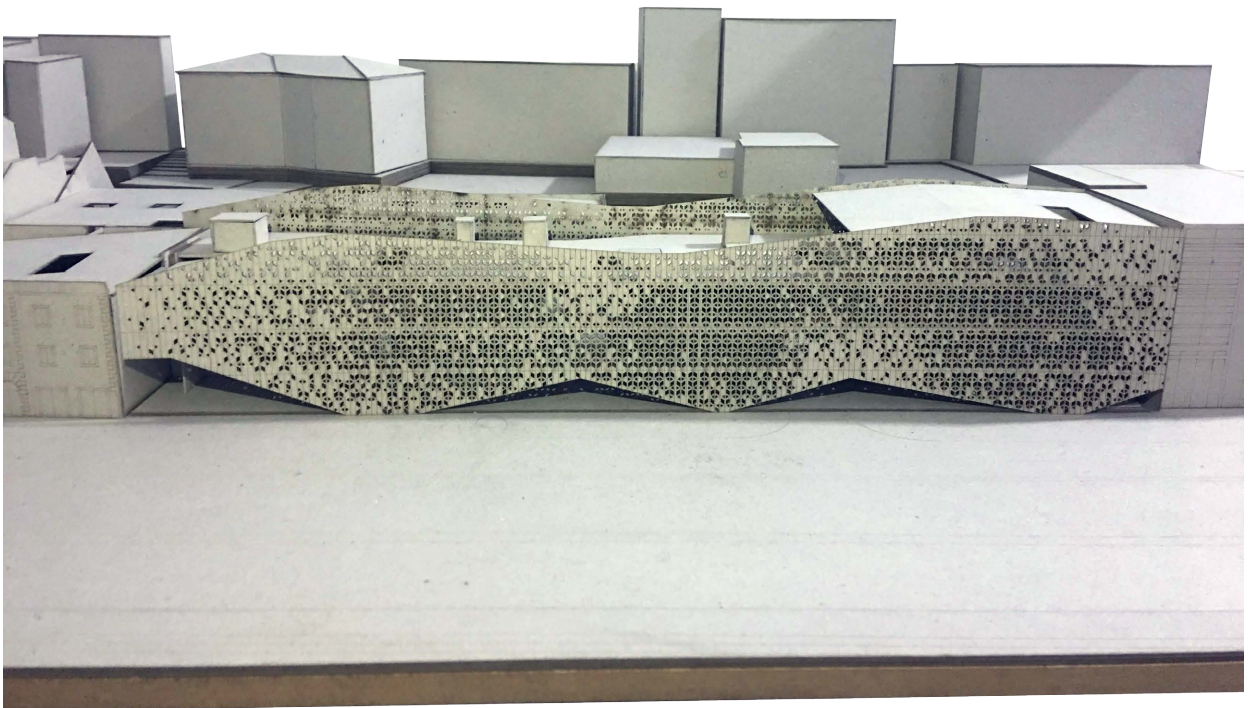


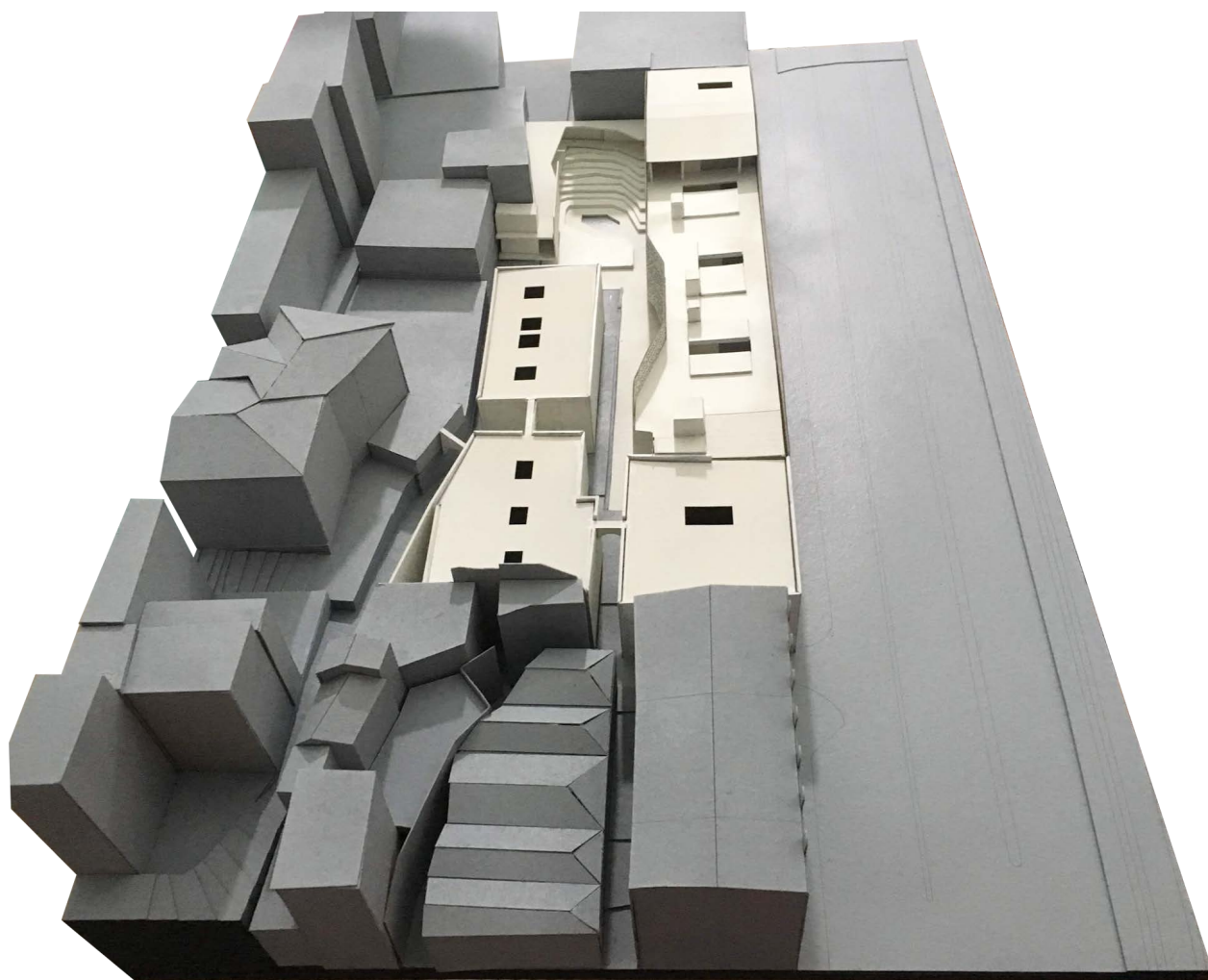
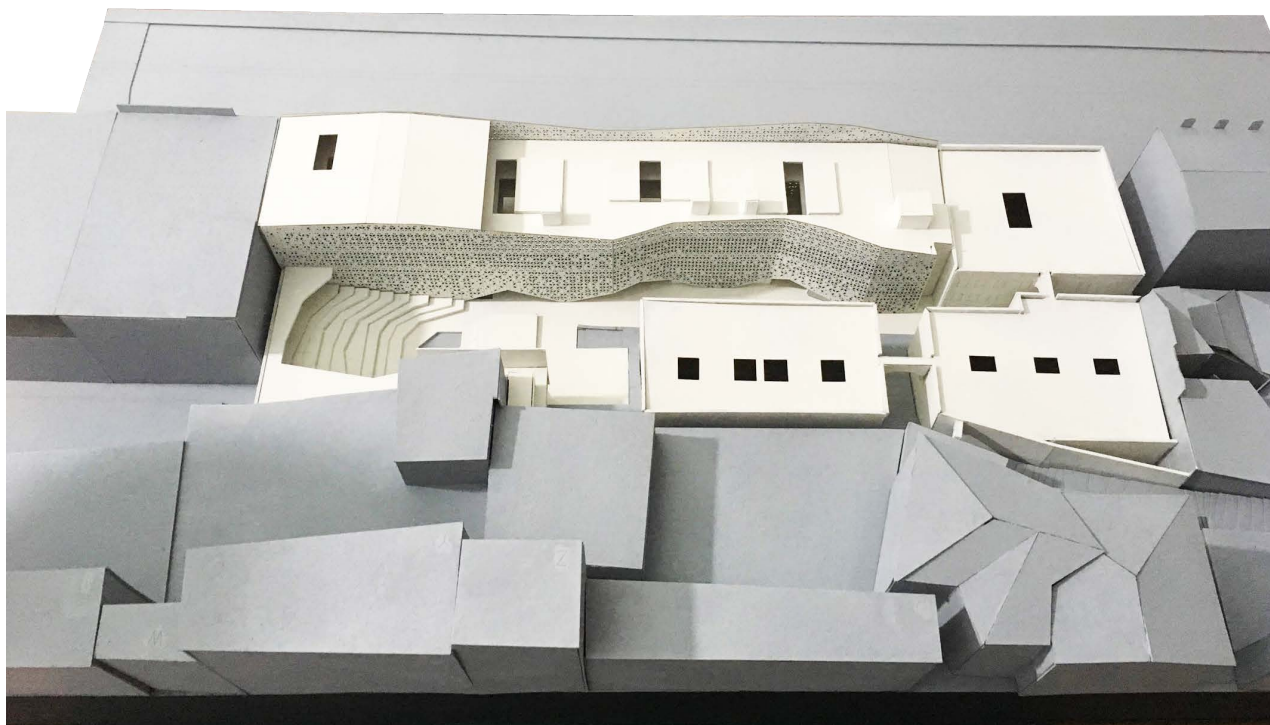


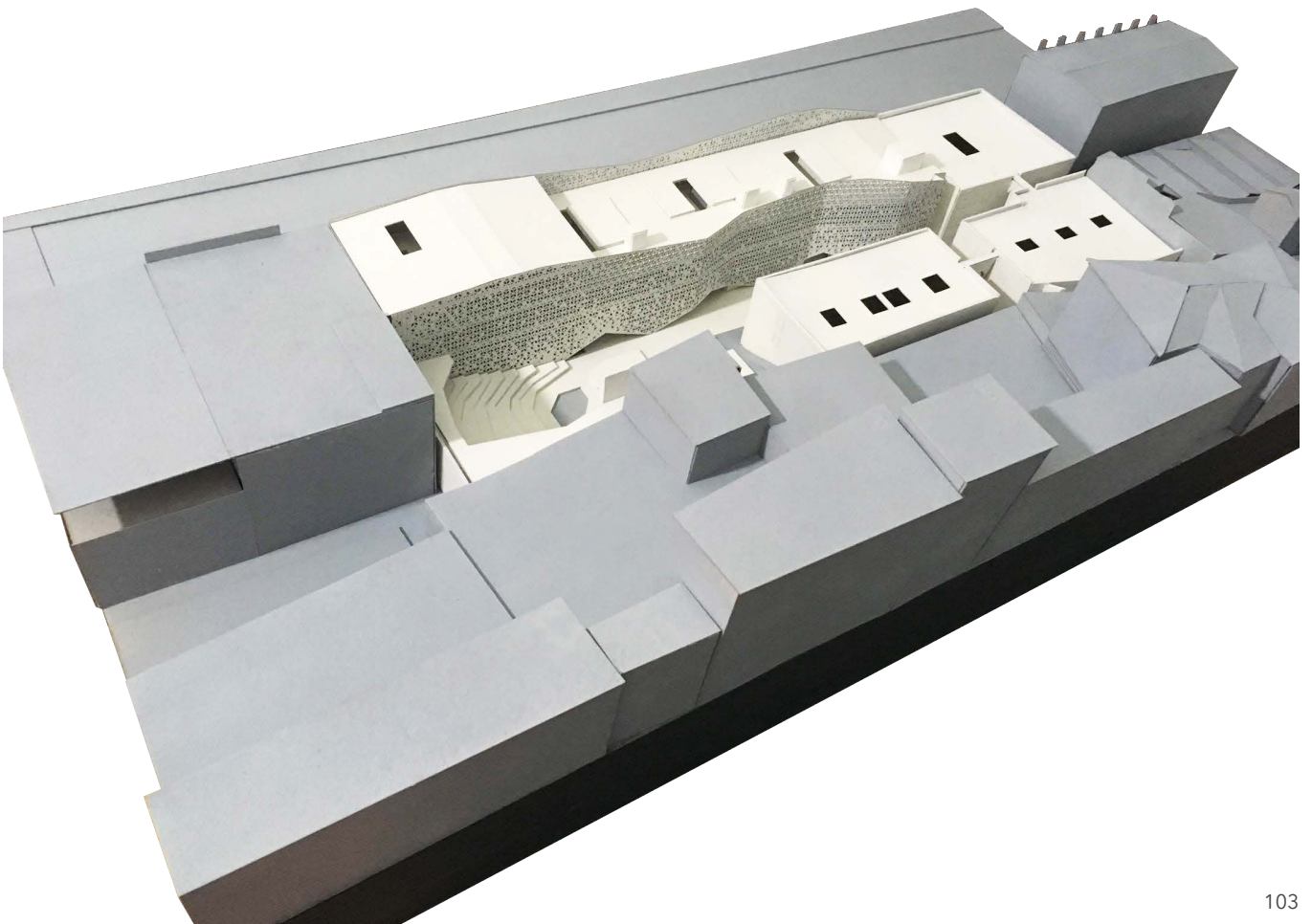
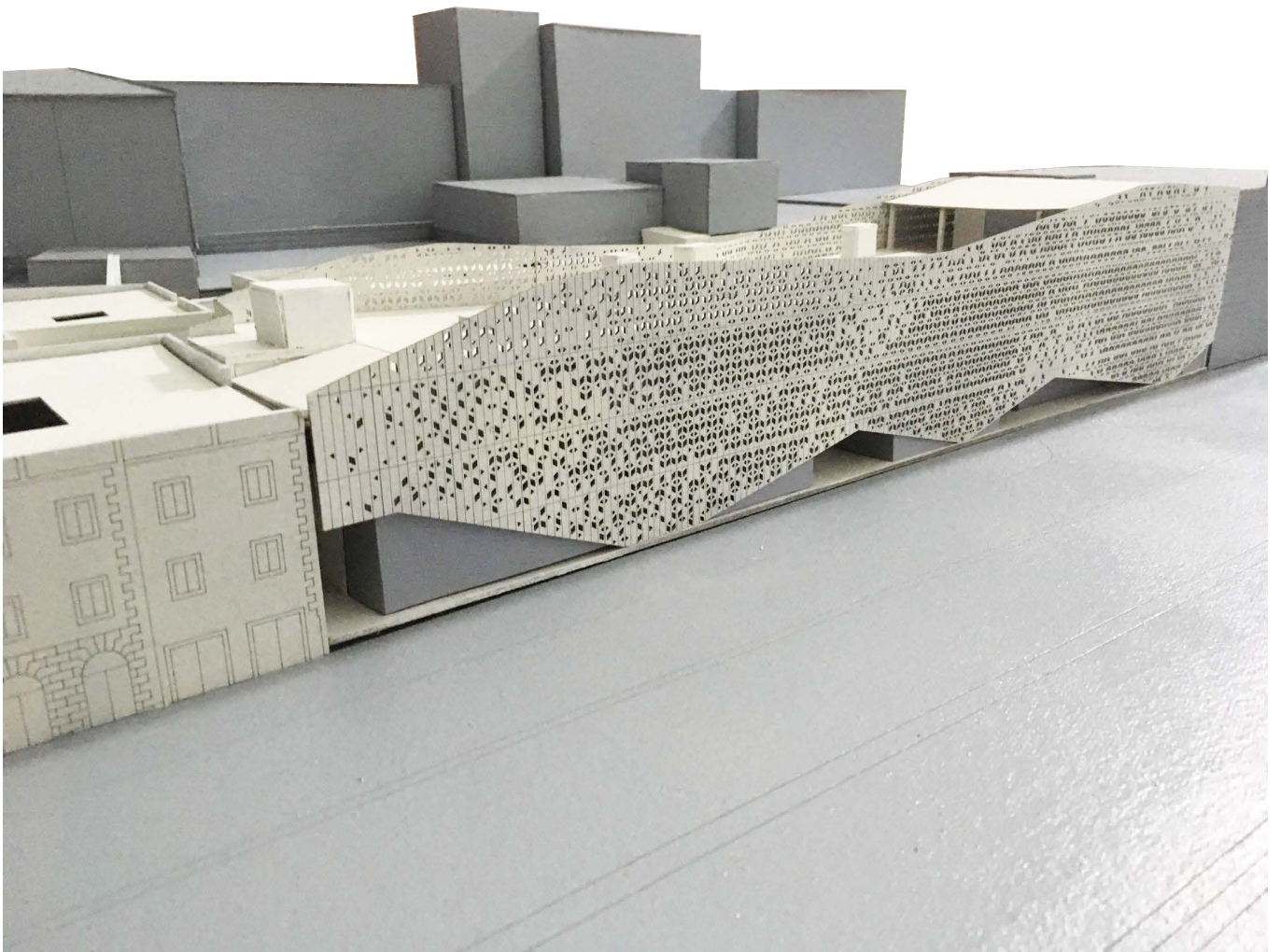


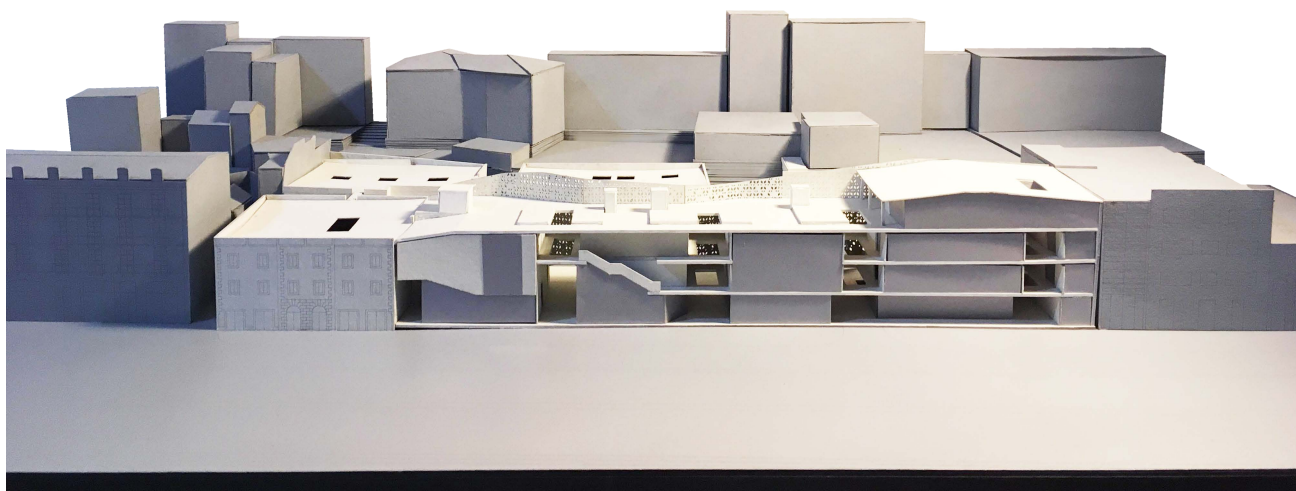
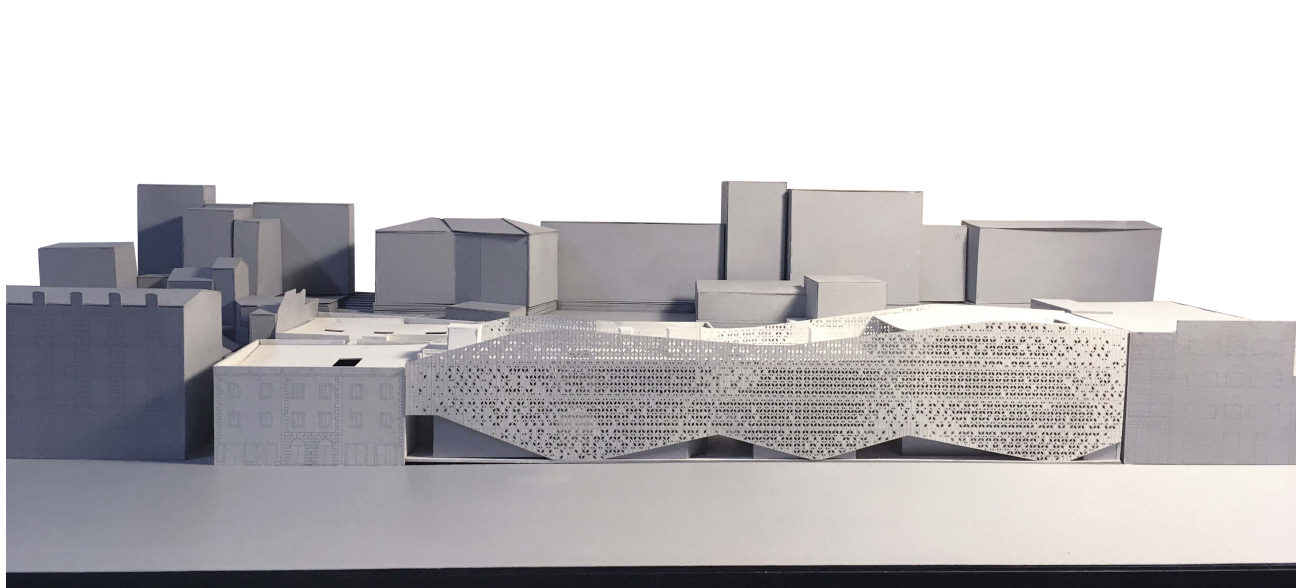


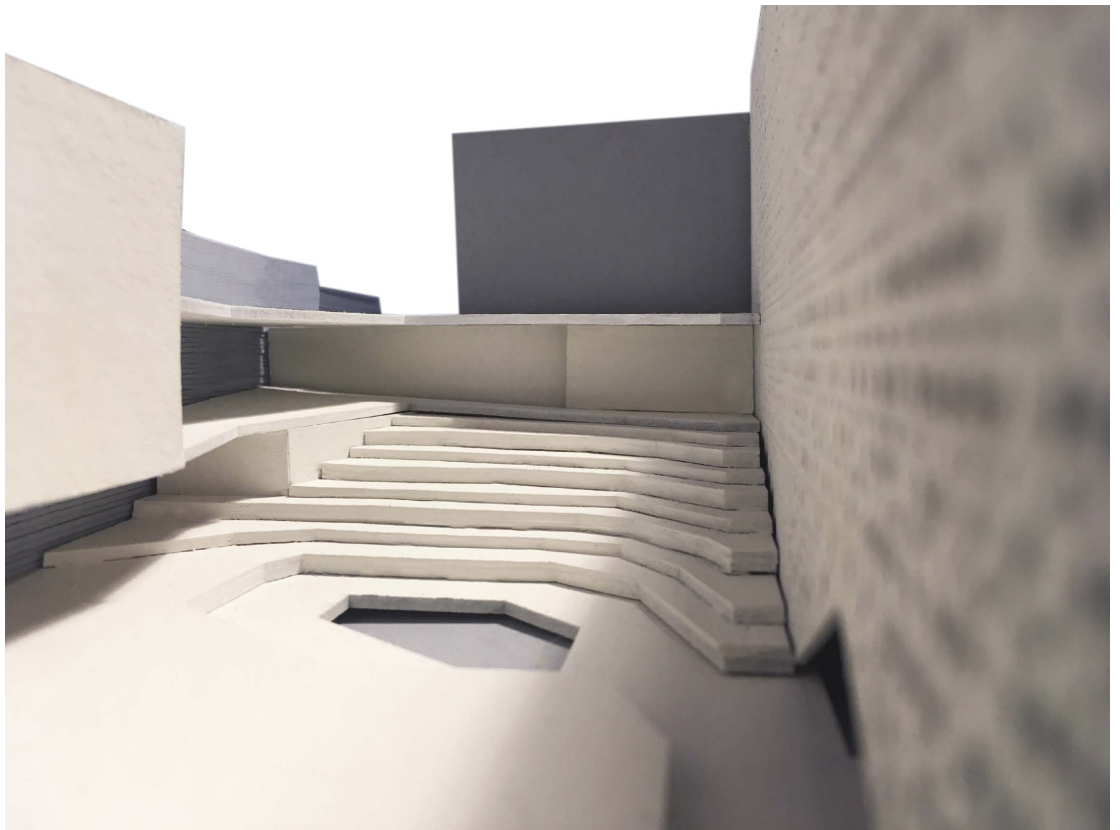
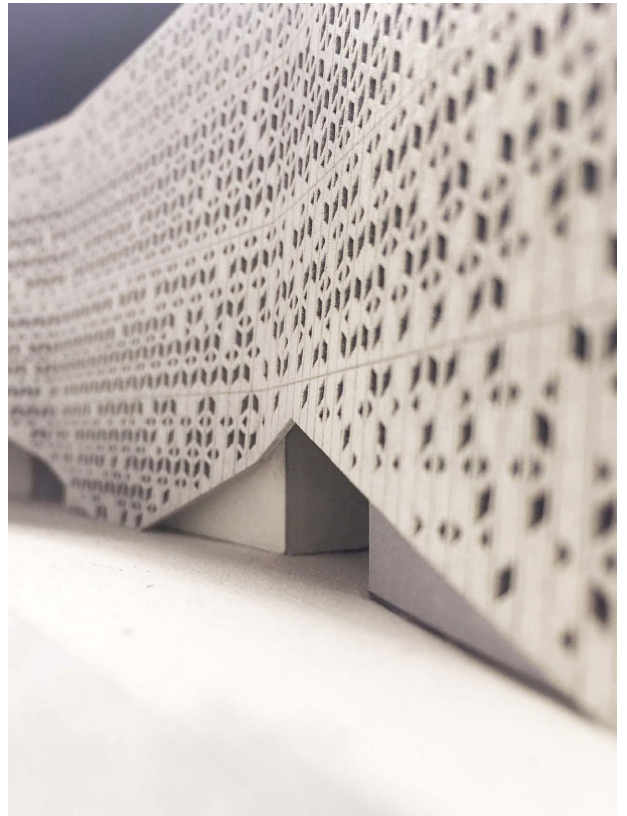












PARA UMA NOVA DINÂMICA DA FRENTE RIBEIRINHA DE LISBOA
PROJETO DE REABILITAÇÃO DAS TERÇENAS DO BAIRRO DE SANTOS

GABRIELA CAVALHO ANDRADE

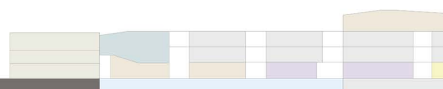
PROJETO COM A COLABORAÇÃO DO GRUPO DE INTERIORES DA ARQUITETURA

PROFESSORA DOUTORA MARIA SOLEDADE GÓMEZ PAINA DE SOUSA

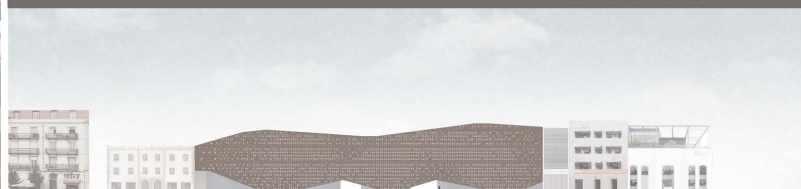
PROFESSORA DOUTORA MARIA LEONOR MORGADO FERRÃO



AS TERÇENAS DE SANTOS



- Residência para jovens
- Residência
- Casa de Rua
- Centro de Trabalho / Oficina
- Comércio
- Comunidade
- Garagem



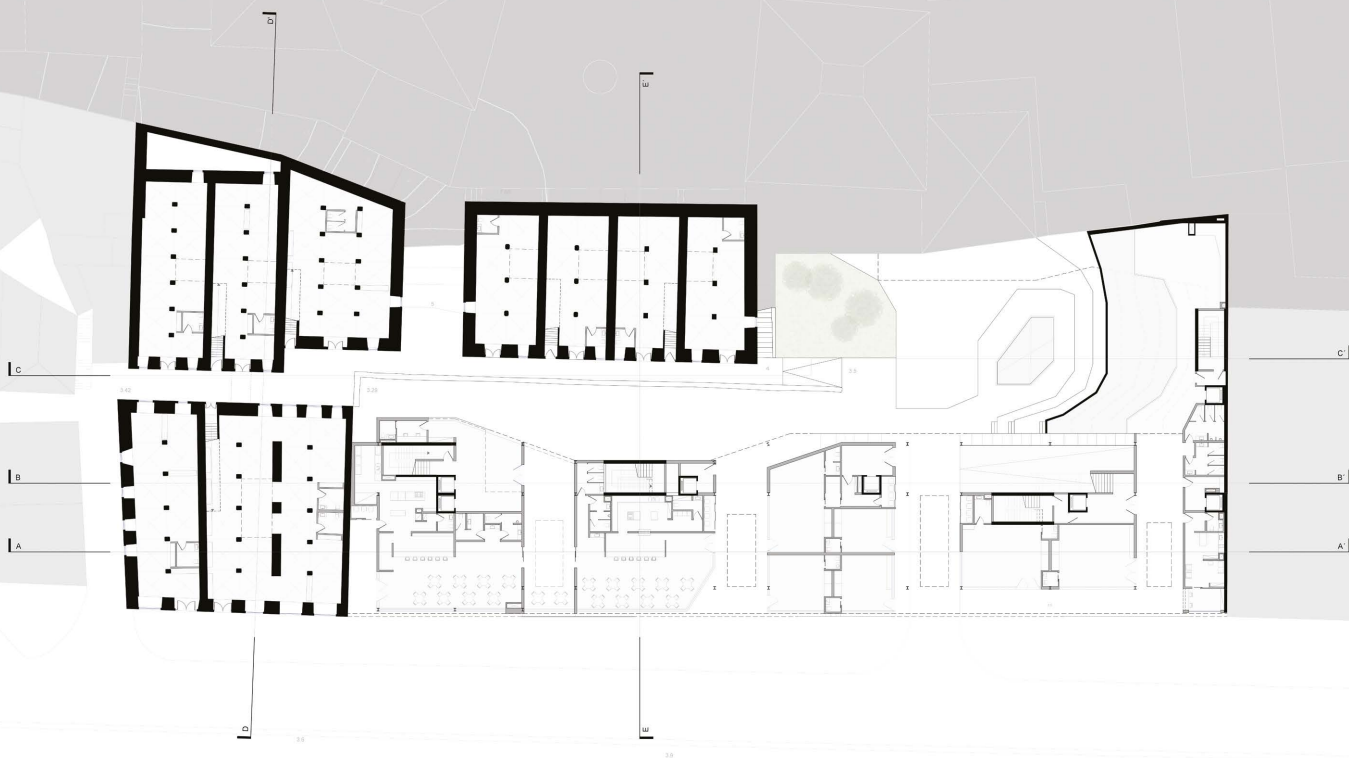
PARA UMA NOVA DINÂMICA DA FRENTE RIBEIRINHA DE LISBOA
PROJETO DE REABILITAÇÃO DAS TERÇENAS DO BAIRRO DE SANTOS

GABRIELA CAVALHO ANDRADE

PROJETO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA

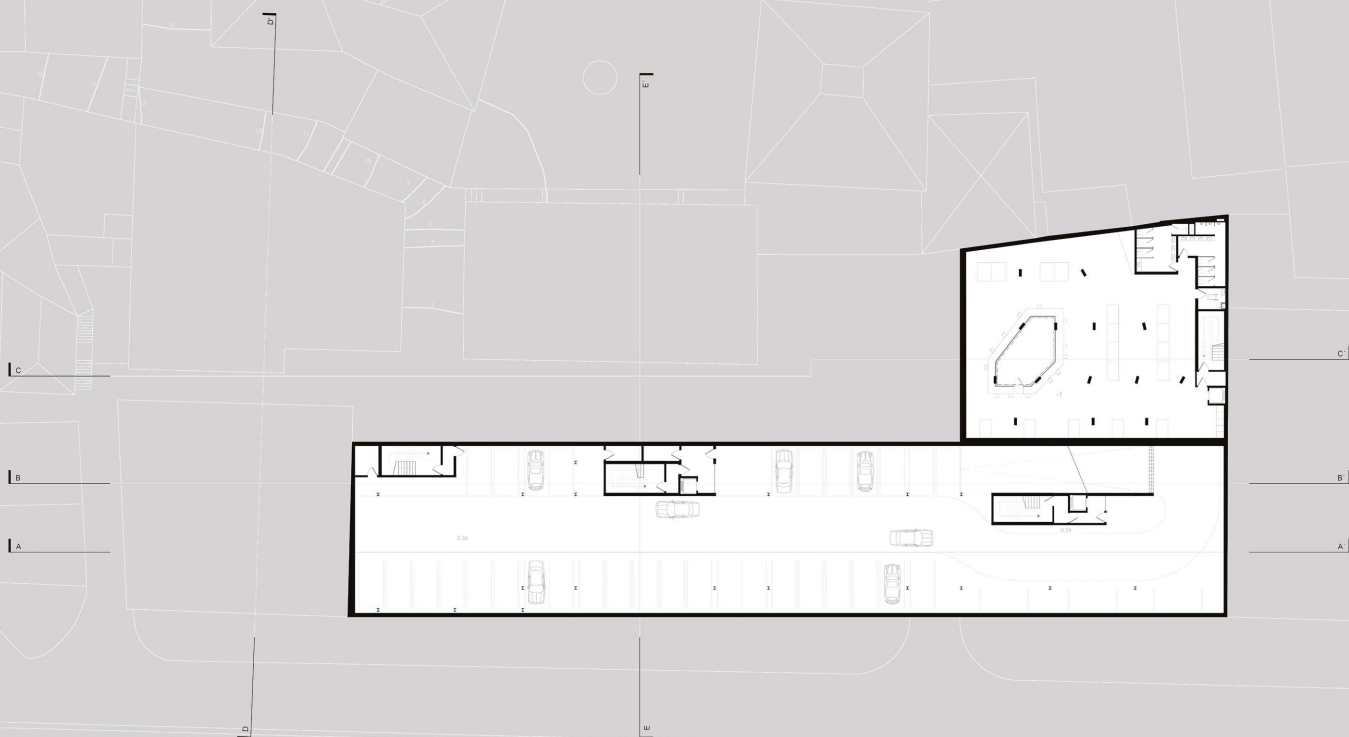
PROFESSORA DOUTORA MARIA SOLEDADE GOMEZ PAVIA DE SOUSA

PROFESSORA DOUTORA MARIA LEONOR MORGADO FERRÃO



PLANTA PISO 0 :

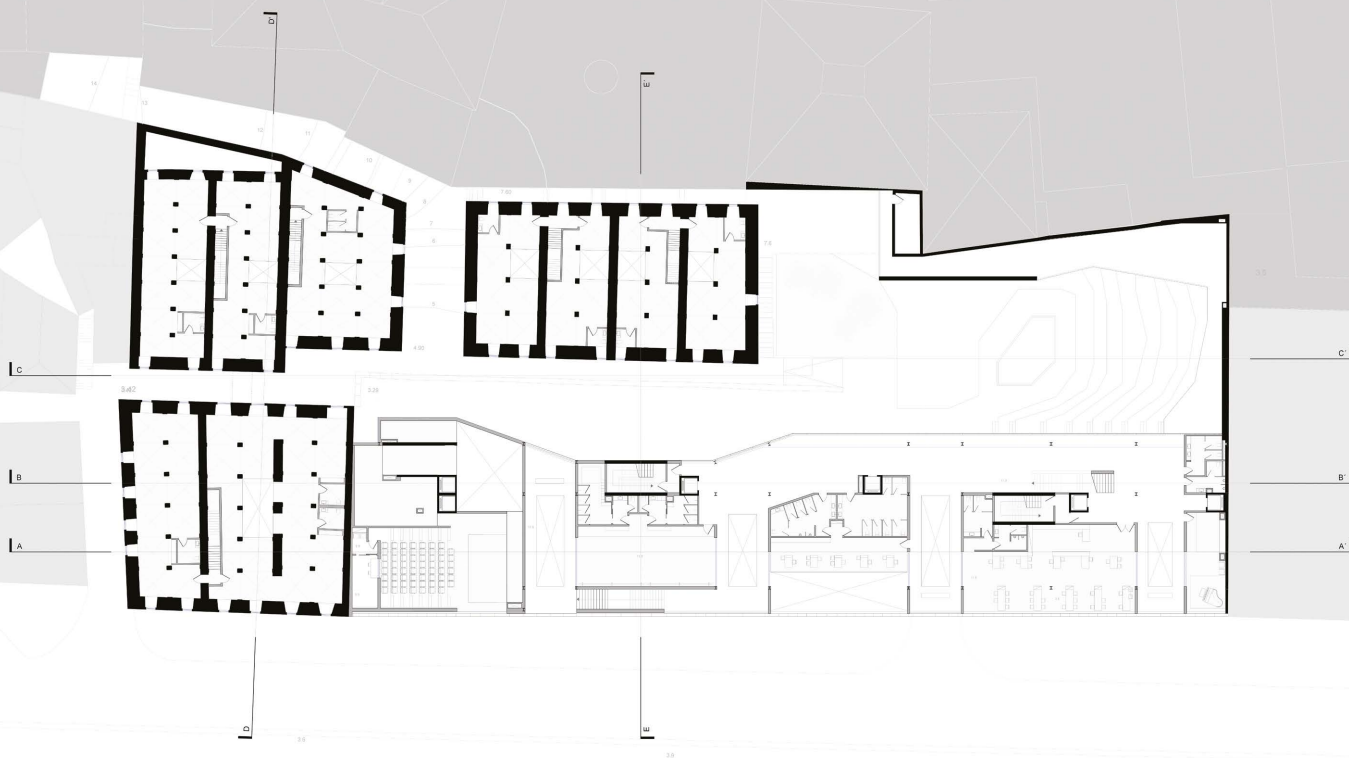
COMÉRCIO, RESTAURAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, EXPOSIÇÕES E ATELIER



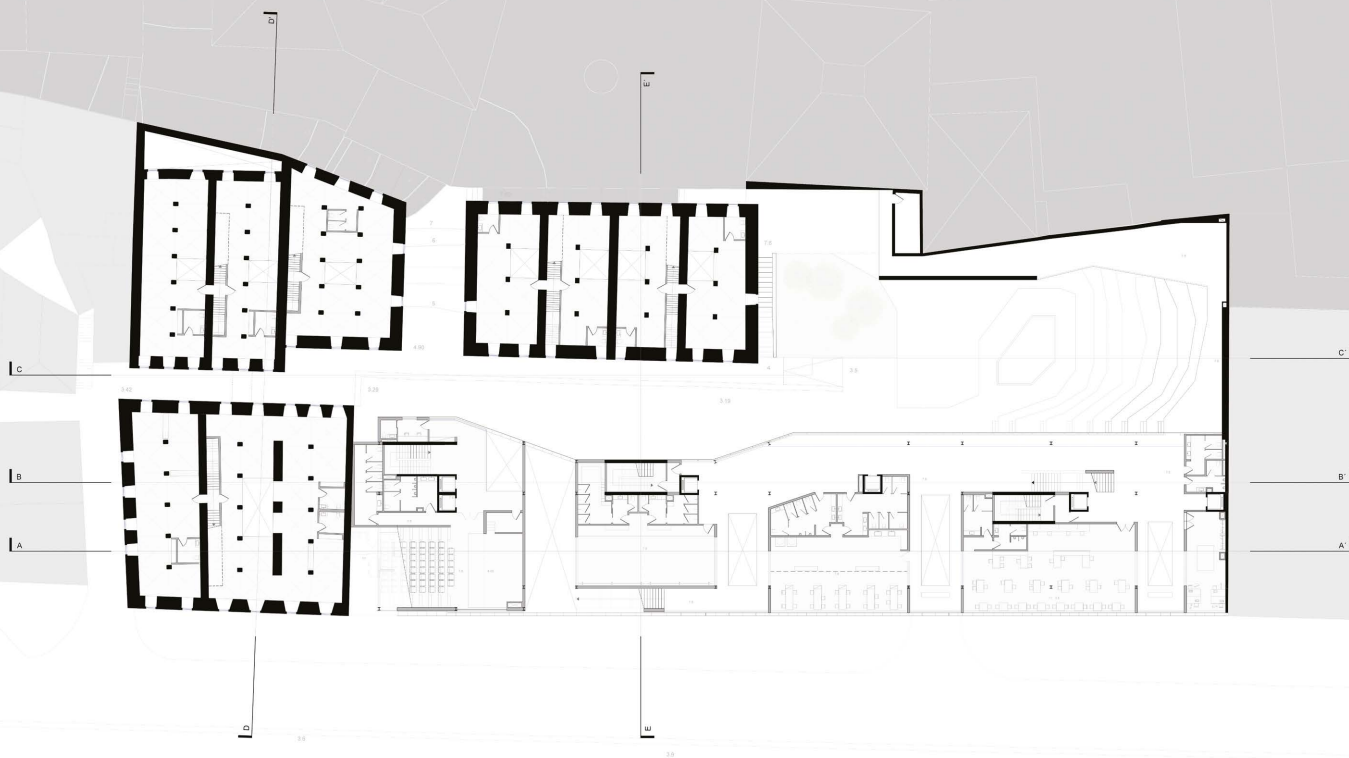
PLANTA PISO -1 :

OFICINA E GARAGEM





PLANTA PISO 2 :
ESPAÇOS DE TRABALHO E ATELIEUS



PLANTA PISO 1 :
ESPAÇOS DE TRABALHO, AUDITÓRIO E ATELIEUS



PLANTA COBERTURA



PLANTA PISO 3 :
BAR E TERRAÇO



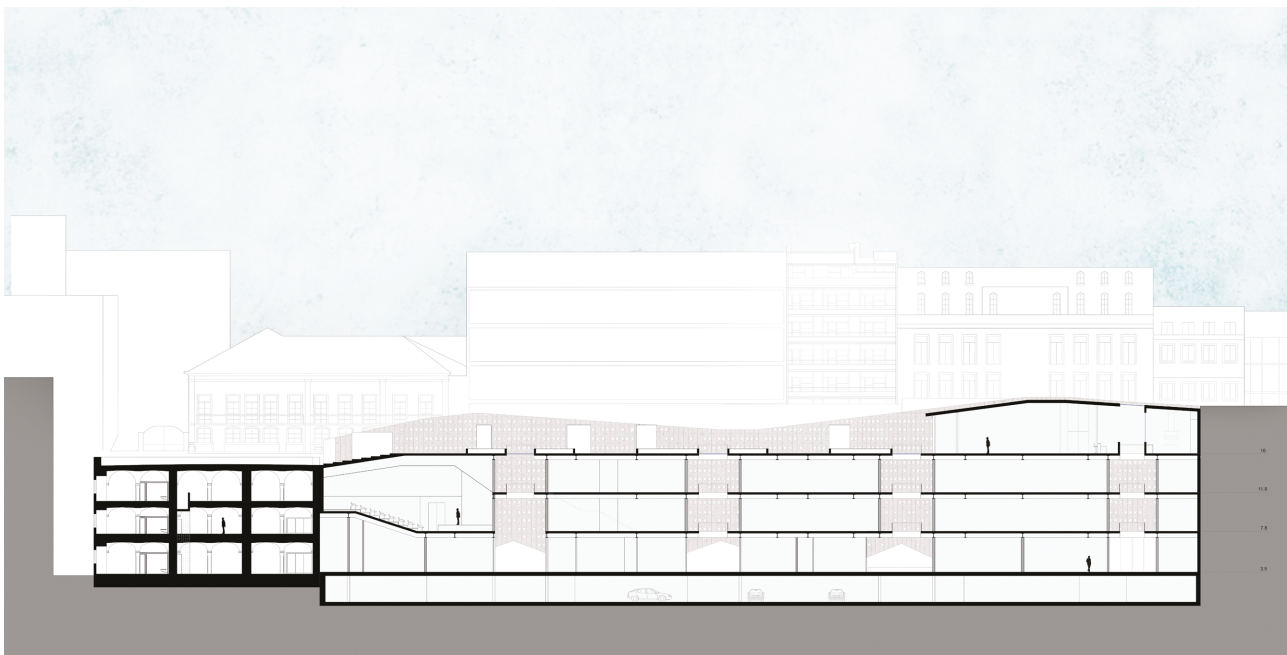
PARA UMA NOVA DINÂMICA DA FRENTE RIBEIRINHA DE LISBOA
PROJETO DE REABILITAÇÃO DAS TERÇENAS DO BAIRRO DE SANTOS

GABRIELA CAVALHO ANDRADE

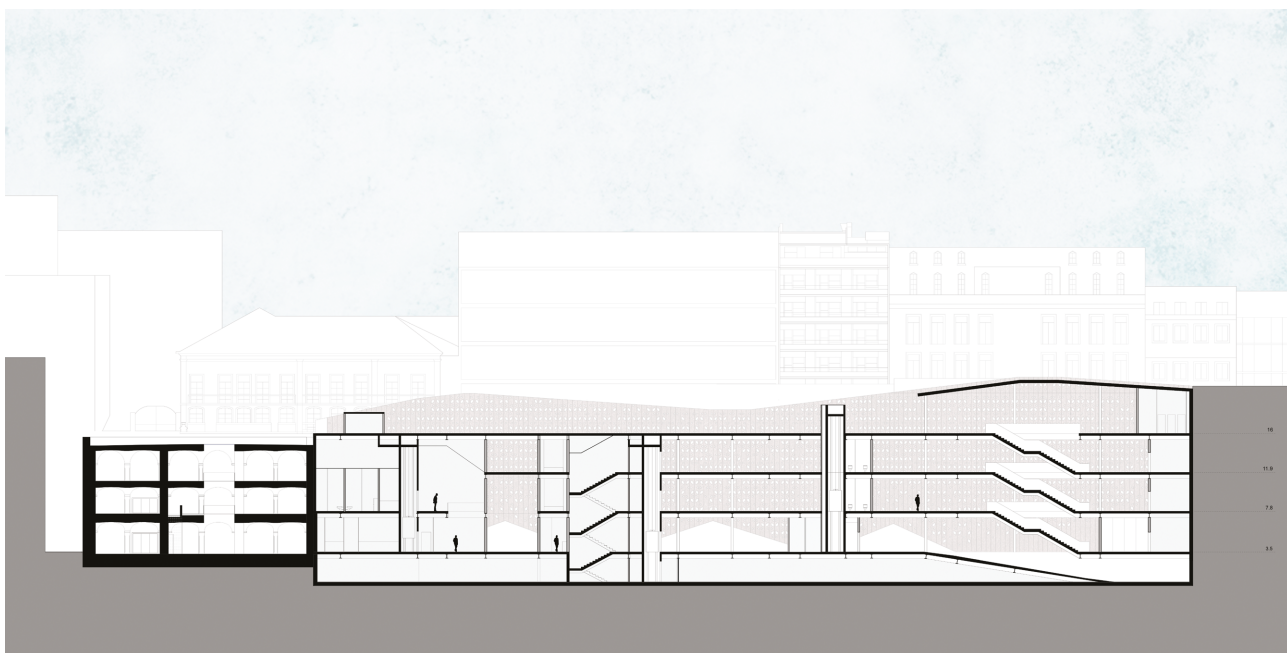
PROJETO PARA OBTENÇÃO DO GRÁU DE MESTRE EM ARQUITETURA

PROFESSORA DOUTORA MARIA SOLEDADE GOMEZ PAVIA DE SOUSA

PROFESSORA DOUTORA MARIA LEONOR MORGADO FERRÃO



CORTE A - A



CORTE B - B



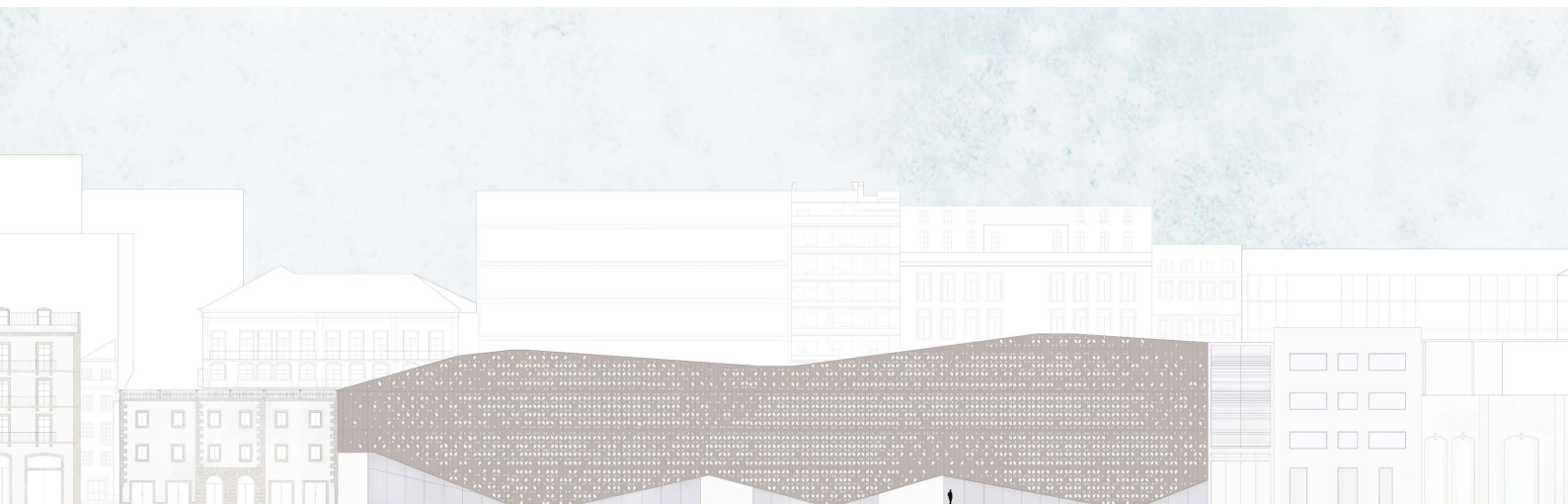
CORTE C - C



CORTE E - E



CORTE D - D



PARA UMA NOVA DINÂMICA DA FRENTE RIBEIRINHA DE LISBOA
PROJETO DE REABILITAÇÃO DAS TERCENAS DO BAIRRO DE SANTOS

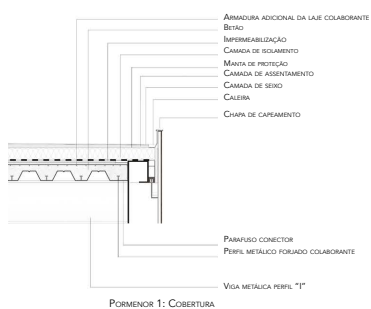
GABRIELA CAVALHO ANDRADE

PROJETO PARA OBTENÇÃO DO GRÁU DE MESTRE EM ARQUITETURA

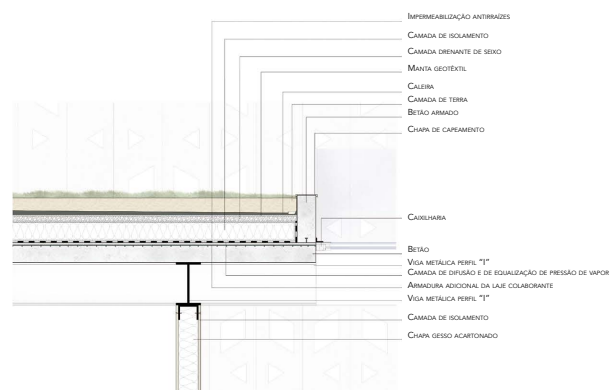
PROFESSORA DOUTORA MARIA SOLEDADE GÓMEZ PAINA DE SOUSA

PROFESSORA DOUTORA MARIA LEONOR MORGADO FERRÃO

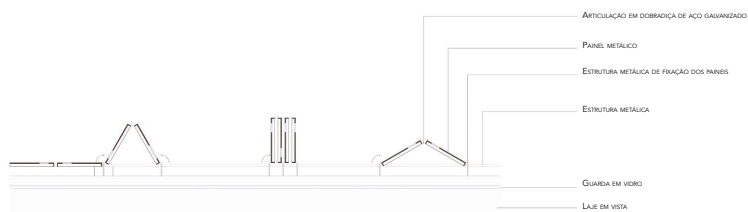
PORMENORES CONSTRUCTIVOS
1.20



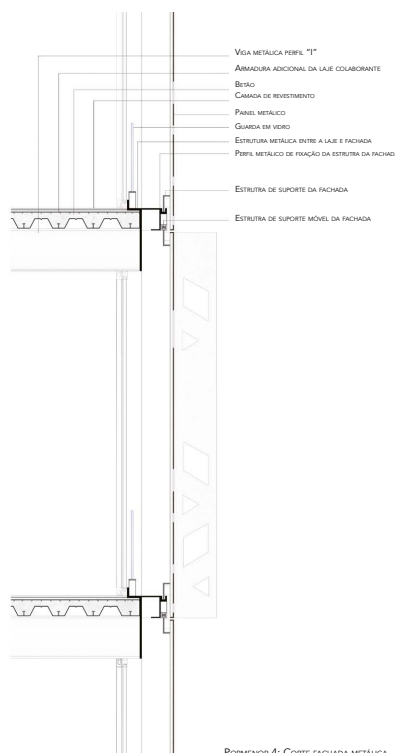
PORMENOR 1: COBERTURA



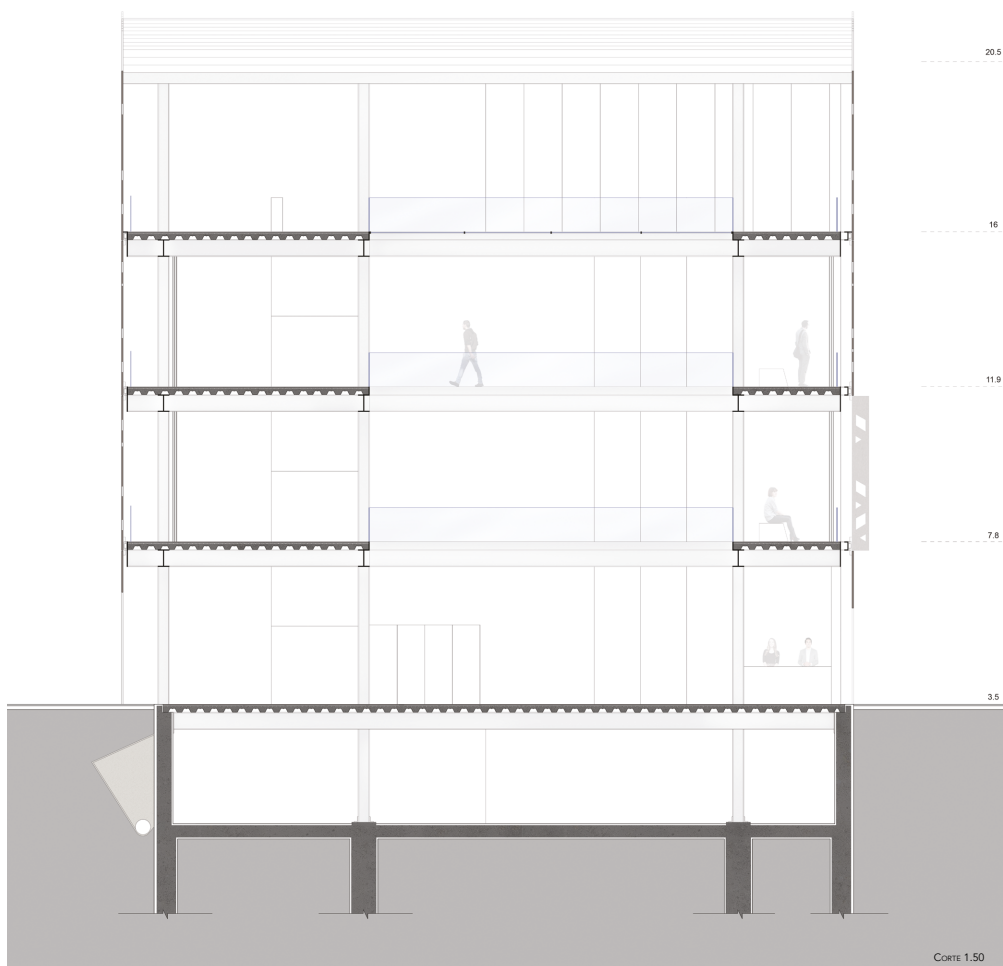
PORMENOR 2: LAJE DO PISO 3 - TERRAÇO



PORMENOR 3: ARTICULAÇÃO DOS PAINÉIS METÁLICOS NA FACHADA



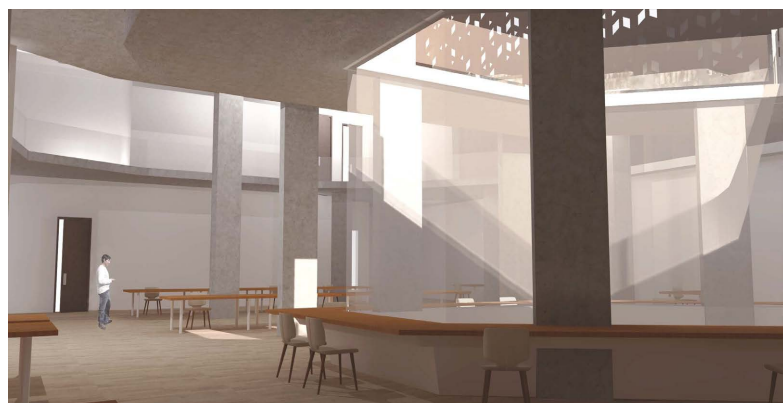
PORMENOR 4: CORTE FACHADA METÁLICA



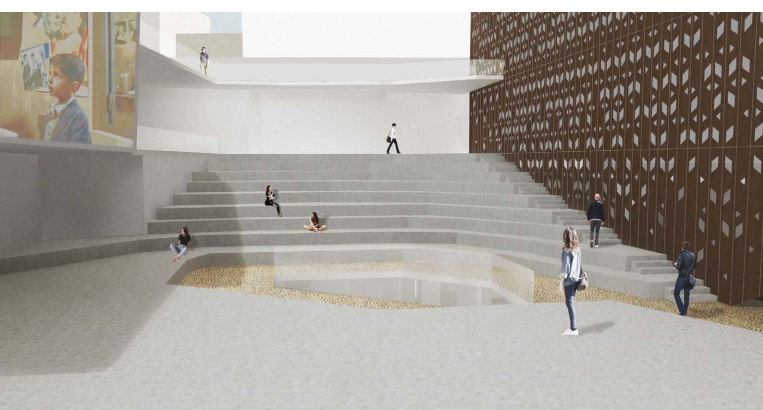
CORTE 1.50



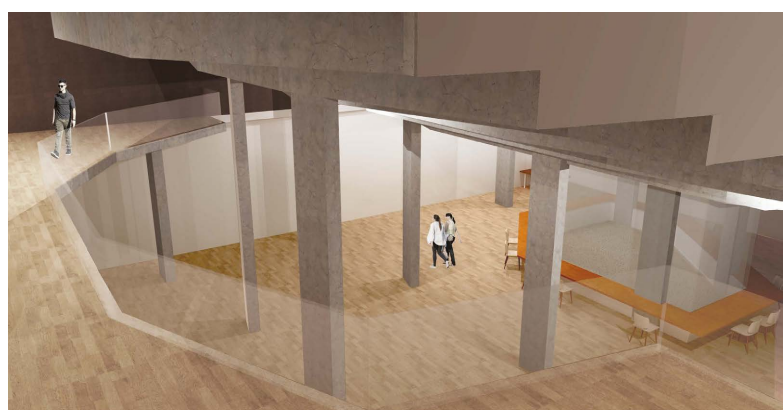
TERCENAS - INTERIOR



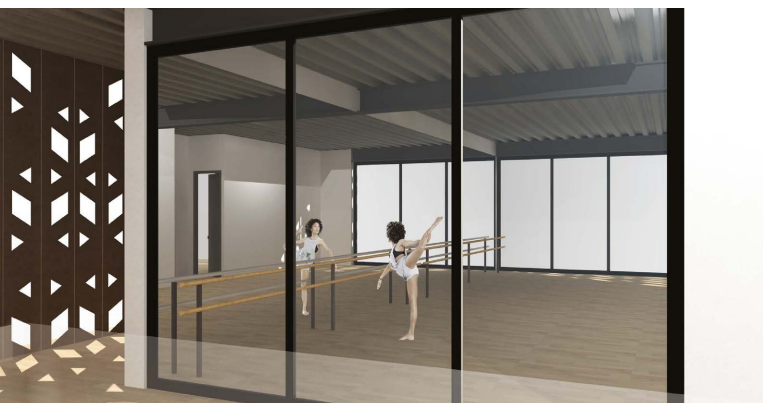
PISO -1 : OFICINA



ESPAÇO EXTERIOR



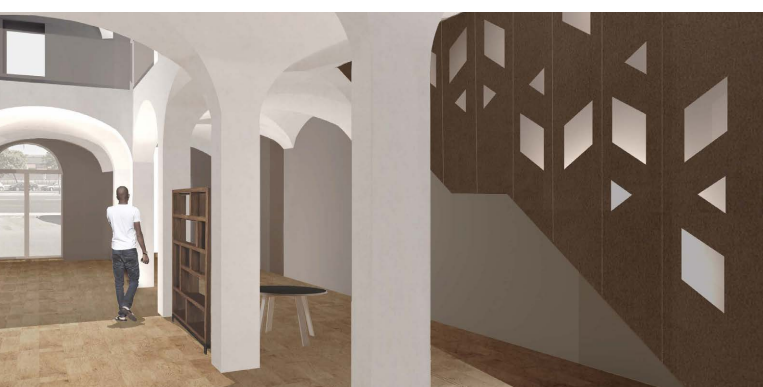
MEZANINO E OFICINA



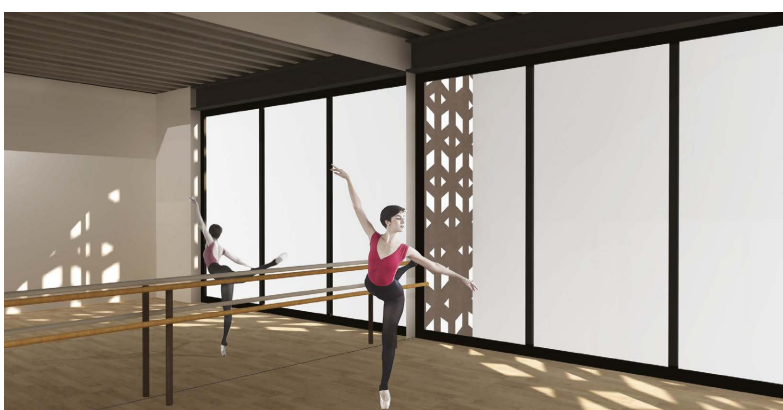
ESTÚDIO DE ARTES PERFORMATIVAS



ESPAÇO EXTERIOR



TERCENAS - INTERIOR



ESTÚDIO DE ARTES PERFORMATIVAS